



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**LARISSA SOUSA SILVA**

**NEOCONSERVADORISMO NO BLOG ESCREVA LOLA ESCREVA: TÁTICAS DE  
ENFRENTAMENTO AO DISCURSO DE ÓDIO DE GÊNERO**

**FORTALEZA**

**2022**

LARISSA SOUSA SILVA

NEOCONSERVADORISMO NO BLOG ESCREVA LOLA ESCREVA: TÁTICAS DE  
ENFRENTAMENTO AO DISCURSO DE ÓDIO DE GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes Lycarião Barreto de Sousa.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

- 
- S581n Silva, Larissa Sousa.  
Neoconservadorismo no blog Escreva Lola Escreva : táticas de enfrentamento ao discurso de ódio de gênero / Larissa Sousa Silva. – 2022.  
109 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Diógenes Lycarrião Barreto de Sousa.
1. Feminismo. 2. Blog. 3. Discurso de ódio. 4. Neoconservadorismo. 5. Gênero. I. Título.

CDD 302.23

---

LARISSA SOUSA SILVA

NEOCONSERVADORISMO NO BLOG ESCREVA LOLA ESCREVA: TÁTICAS DE  
ENFRENTAMENTO AO DISCURSO DE ÓDIO DE GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Diógenes Lycarião Barreto de Sousa (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Vidal Nunes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rayza Sarmiento de Sousa  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Dolores Aronovich Agüero  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação em meio a uma pandemia é uma tarefa árdua. Também só conhece a dificuldade de trabalhar e estudar quem passa por isso. Dias de sono e dias de angústia, revezados. Também não recomendo perder um pai e duas avós no percurso. Aladim, Gina e Luiza, três das pessoas mais importantes da minha vida, que vou carregar para sempre no meu coração. Caí, chorei, lamentei, briguei com Deus, tranquei o mestrado, pensei em desistir. De nada adiantou. A vida não está muito aí para os nossos planos. Não quer saber se você é jovem, se está de olho no futuro, se tem saúde para lutar ou força para vencer. Ela vem e mostra o que trouxe de presente para você, às vezes um daqueles de grego, e você não tem como recusar.

Mas nesse percurso também não vivi só momentos de tristeza. Dar continuidade a uma pesquisa que começou na graduação é ter a certeza de que se escolheu o objeto certo, aquele que faz o coração e a mão pulsarem na tela do computador. Conheci o blog Escreva Lola Escreva na faculdade, indicado por uma amiga. Não sabia muito o que era feminismo e, assim como grande parte dos brasileiros, tinha a imagem carregada de preconceitos. Aos poucos fui visitando o blog, diariamente, e sempre cheia de curiosidade. Foi lá que aprendi que em briga de marido e mulher se mete a colher, que mulheres não devem ser julgadas pelo tamanho da roupa e que a violência doméstica é pauta antiga, que só tomou visibilidade de uns tempos pra cá. Acompanhar as opiniões de Lola e das leitoras me enchia de satisfação e esperança em um mundo mais igualitário. Visitar o blog virou mais que uma obrigação, e sim um momento prazeroso de se informar e de ver o mundo sob a perspectiva de uma mulher. Acompanhar o noticiário nacional e internacional com reflexões que perpassam o gênero é permitir abrir a mente para novos posicionamentos, não apenas aqueles já conhecidos, contruídos pelo homem cis branco. Essa nova visão na qual eu estava inserida me instigava a cada dia, na pesquisa e na vida.

Dedico este trabalho a Deus, pois sem Ele eu jamais teria resistido aos dias difíceis, ao meu pai, que acompanha tudo do céu sorrindo de orelha a orelha, disso tenho certeza. “Seu” Aladim (que não precisa de sobrenome, pois é único) vai estar sempre aqui comigo. Seu modo resiliente e alegre de ver a vida vai ser sempre a minha bússola. À minha vizinha do coração, Gislaine Alcântara, que sempre desempenhou o papel de avó para mim, a vizinha mais famosa e mais amada que alguém poderia ter. E se nessa vida não fui sua neta de sangue, com certeza nas próximas irei ser. Minha avó Luiza, que nunca escondeu o olhar de alegria quando me via passar pela porta de sua casa no Maranhão e que sempre perguntava quando eu

ia voltar de novo. Meu pai e elas, *in memoriam*, os três grandes admiradores da minha pessoa, são o ânimo para vencer qualquer obstáculo na vida. À minha mãe Mara Luiza Pinto, grande mulher, que mostrou ainda mais força com a partida do companheiro, uma força que eu admiro e que faz dela a minha maior referência na vida. Foi ela que sempre me estimulou nos estudos e que me mostrou que a única forma de subir na vida é por meio da leitura. Ao meu namorado Alexandre Rodrigues que lamentou, mas entendeu todos os dias que não pude vê-lo ou que tive que deixá-lo de escanteio enquanto dava toda a minha atenção aos livros e textos. Gratidão também ao meu orientador Diógenes Lycarião, que por quatro anos me dirigiu a palavra com carinho e entendeu todos os percalços do caminho sugerindo prazos possíveis de cumprir. Sempre vibrou comigo nos pequenos avanços e propôs caminhos para esta pesquisa. Que com sua ampla bagagem intelectual provou que é, além de tudo, um ser humano incrível.

Aqui não cabem as inúmeras pessoas que permitiram que esta pesquisa tomasse forma, pois toda contribuição foi válida para a pessoa que me tornei: as tias do ensino infantil, os professores do ensino fundamental e médio, os mestres e doutores da universidade, as primas que moraram comigo durante a infância, os meus irmãos, as minhas amigas da escola, da faculdade e da televisão, meus chefes que permitiram a troca de expediente no trabalho para que eu não perdesse as aulas. Aprendi muito com todos vocês e sou grata por tudo. Não me atrevo a citar nomes, pois posso esquecer algum e isso seria muito injusto.

Pretendo, com esta dissertação, avançar nos estudos sobre feminismo na Internet e somar forças na luta de milhões de mulheres ao redor do mundo que vivem na esperança de uma sociedade mais justa. Delimitar formas distintas de ataques contra mulheres é também uma forma de combate, pois só é possível derrotar aquele inimigo que conhecemos bem. Este trabalho tem a minha marca impressa, meu olhar de mulher que reconhece privilégios ao longo da vida, mas que não fecha os olhos diante do sofrimento de outras tantas mulheres sem a mesma oportunidade. Que este trabalho possa germinar a semente da igualdade de gênero ou pelo menos adubá-la na cabeça de quem lê. Nunca é tarde para se libertar das amarras impostas sobre nós. Criar consciência de classe e de gênero é uma das armas mais poderosas contra o machismo, que está aí todos os dias duvidando da nossa capacidade. Essa nuvem sombria e que surge mesmo nos dias mais ensolarados não respeita a nossa idade ou entendimento sobre o assunto, sempre chega mascarada e tenta roubar a paz. Consegue confundir ideias e destruir nosso ego. Que esta pesquisa sirva como um guarda-chuva para essa nuvem impostora! Que ela não nos molhe! E caso os pingos caiam sobre o nosso corpo, que possamos secá-los com a força do sol do conhecimento, da resistência. Mulheres podem tudo, até mesmo quando acham que não podem, já fizeram muito.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de avançar nos estudos sobre táticas de enfrentamento feminista ao discurso de ódio de gênero na Internet (BROWN 2018; RUEDIGER; GRASSI, 2021; SPONHOLZ, 2020). O Blog Escreva Lola Escreva, objeto deste estudo, é uma das maiores páginas feministas do Brasil. O blog existe há 14 anos e é de autoria da professora da UFC, Lola Aronovich. A página é um espaço marcado por debates de cunho político, sendo o movimento feminista um movimento sociopolítico (TELES, 1993), mas também é foco de contestação e de discurso de ódio. Neste estudo, o discurso de ódio, uma das pautas da Nova Direita que se formou no Brasil e na América Latina (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018; SANTOS JÚNIOR, 2019; MAITINO, 2018) é teorizado como estratégia (SPONHOLZ, 2020) do novo conservadorismo de gênero (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020), com destaque para as características no meio online. Foram selecionados os comentários postados no recorte temporal das eleições presidenciais de 2018 (7 a 28 de outubro). Por meio da Análise de Conteúdo (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018) é mapeada a diversidade de investidas contra os feminismos (como ele aparece e a quem é endereçada). Em seguida é feita a análise a reação a esse fluxo discursivo de ódio por meio da Análise de Conteúdo e de entrevista semi-estruturada (MANZINI, 2004) com Lola. O mapeamento do discurso de ódio no Escreva Lola Escreva mostrou que ele se apresenta principalmente no ataque às pautas da esquerda e à Lola. Houve também tentativa de ataque às comentaristas, mas o conteúdo de ódio encontrou filtros de bloqueio (enfrentamento) desde o envio das mensagens (moderação). Ainda assim, Lola permite a publicação de discurso de ódio como uma estratégia de mostrar para o público que aquele conteúdo existe e também com a finalidade da proteção pessoal, optando pelo arquivamento das ameaças como prova para a Justiça.

**Palavras-chave:** feminismos; blog; discursos de ódio; neoconservadorismo; gênero.

## ABSTRACT

This research aims to advance studies on feminist coping tactics to gender hate speech on the Internet (BROWN 2018; RUEDIGER; GRASSI, 2021; SPONHOLZ, 2020). The blog Write Lola Write, object of this study, is one of the largest feminist webpages in Brazil. The blog has been active for 14 years and is authored by UFC teacher Lola Aronovich. The webpage is a space filled with debates of a political nature, and the feminist movement is a socialpolitical movement, (TELES, 1993), but it also attracts contestation and hate speech. In this study, hate speech, one of the agendas of the New Right that was formed in Brazil and Latin America (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018; SANTOS JÚNIOR, 2019; MAITINO, 2018) is theorized as a strategy (SPONHOLZ, 2020) of the new gender conservatism (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020), with highlight to the features in the online environment. Comments posted in the time frame of the 2018 presidential elections (October 7-28) were selected. Through Content Analysis (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018) the diversity of attacks against feminisms (how it appears and to whom it is addressed) is mapped. Then, the reaction to this discursive flow of hatred is analyzed through Content Analysis and through a semi-structured interview (MANZINI, 2004) with Lola. The mapping of hate speech in Write Lola Write showed that it presents itself mainly in the attack on the staves of the left and in the attack on Lola. There was also an attempt to attack the commentators, but hate content has found blocking filters (coping) when sending the messages (moderation). Still, Lola allows the publication of hate speech as a strategy to show the public that that content exists and also for the purpose of personal protection, opting for archiving threats as evidence for justice.

**Keywords:** feminisms; blog; hate speech; neoconservatism; gender.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Home</i> do blog Escreva Lola Escreva.....	17
Figura 2 - Reprodução de comentário postado no blog.....	21
Figura 3 - Reprodução de comentário postado no blog.....	21
Figura 4 - Reprodução de comentário postado no blog – Resposta de Denise .....	22
Figura 5 - Reprodução de comentário postado no blog.....	22
Figura 6 - Reprodução de comentário postado no blog.....	67
Figura 7 - Reprodução de comentário postado no blog.....	67
Figura 8 - Reprodução de comentário postado no blog.....	68
Figura 9 - Reprodução de comentário postado no blog.....	70
Figura 10 - Reprodução de comentário postado no blog – Discurso de ódio (ameaça) .....	74
Figura 11 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 1.....	74
Figura 12 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 2.....	75
Figura 13 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 3.....	75
Figura 14 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 4.....	75
Figura 15 – Comentário referente à postagem do dia 09/10 (ameaça) .....	78
Figura 16 - Comentário referente à postagem do dia 13/10 (xingamento) .....	78
Figura 17 - Comentário referente à postagem do dia 18/10 (ameaça).....	79

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comentários no blog.....	65
Gráfico 2 - Discurso de ódio (conteúdo).....	66
Gráfico 3 - Discurso de ódio (vítima).....	69
Gráfico 4 - Ameaça.....	70
Gráfico 5 - Desprezo.....	71
Gráfico 6 - Xingamento.....	71
Gráfico 7 - Reação ao discurso de ódio.....	73
Gráfico 8 - Contestação ao discurso de ódio.....	73
Gráfico 9 - Comentários ignorados por conteúdo de ódio.....	80

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O BLOG ESCREVA LOLA ESCREVA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>A trajetória de Lola Aronovich.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>As leitoras do blog.....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>O blog como objeto dos Estudos Feministas de Mídia.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b>A 4ª onda: experiências feministas na Internet.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>NEOCONSERVADORISMO NA AMÉRICA LATINA: A NOVA DIREITA NO BRASIL.....</b>	<b>40</b>
<b>4.1</b>	<b>A agenda antigênero.....</b>	<b>47</b>
<b>4.2</b>	<b>O discurso ultraconservador no contexto brasileiro de 2018.....</b>	<b>49</b>
<b>4.3</b>	<b>Discurso de ódio online: uma agenda da extrema direita.....</b>	<b>57</b>
<b>4.4</b>	<b>O ódio endereçado às mulheres.....</b>	<b>61</b>
<b>5</b>	<b>MAPEANDO O NEOCONSERVADORISMO DE GÊNERO NO BLOG.....</b>	<b>64</b>
<b>5.1</b>	<b>Táticas de enfrentamento ao conservadorismo de gênero.....</b>	<b>72</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>83</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>
	<b>ANEXO A - LIVRO DE CÓDIGOS DISCURSO DE ÓDIO.....</b>	<b>92</b>
	<b>ANEXO B - LIVRO DE CÓDIGOS ENFRENTAMENTO AO DISCURSO DE ÓDIO.....</b>	<b>94</b>
	<b>ANEXO C - ENTREVISTA COM LOLA ARONOVICH.....</b>	<b>95</b>
	<b>ANEXO D - E-MAIL RESPONDIDO POR DENISE GOMES.....</b>	<b>106</b>
	<b>ANEXO E - E-MAIL RESPONDIDO POR CRISTINA MENEZES (TITIA).....</b>	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O feminismo sempre viu a importância de entender os usos da mídia como instrumento de ação política: desde as primeiras pesquisas que focaram na categoria mulher, passando pelo gênero e hoje chegando aos estudos sobre feminismo na Internet, que têm crescido cada vez mais no Brasil. A participação de mulheres jovens, negras, lésbicas, de classes médias e populares vem ampliando as práticas políticas feministas (ESCOSTEGUY, 2019). O número de páginas online criadas nos últimos anos diversificou o terreno para os estudos feministas na Internet, ainda que sejam residuais os trabalhos sobre os comportamentos, modos de luta e estratégias feministas nesse meio. Há uma lacuna nos estudos sobre as mudanças (ou não) no ativismo feminista na Internet (SARMENTO, 2018). E com a expansão do ativismo digital feminista, pesquisadoras passaram a transformar essas páginas em objetos de estudo. Seja pelo interesse em investigar os roteiros de ação das novas feministas ou pela antiga necessidade de entender os entraves para o avanço brasileiro nas questões de igualdade de gênero. A presente pesquisa tem a intenção de avançar no preenchimento dessa lacuna sobre o modo de atuação das feministas na Internet e no enfrentamento aos discursos de ódio presentes nesse espaço.

O Brasil segue na retaguarda quando o assunto é igualdade de gênero. Desde 2006 o Relatório Global de Lacuna de Gênero<sup>1</sup> do Fórum Econômico Mundial classifica os países com base na desigualdade de gênero e não no desenvolvimento. A desigualdade de gênero é mensurada em quatro dimensões: participação e oportunidades na economia, educação, saúde e empoderamento político. No último relatório divulgado (março de 2021), o Brasil aparece na posição 93 entre os 156 países pesquisados. Na escala traçada de 0 a 1, onde quanto mais perto de 1 maior a igualdade, o Brasil pontua 0,695. Analisando anos anteriores, pode-se perceber o tamanho da queda: se em 2006 o país estava na posição 67, em 2010 foi para a 85 e agora desceu mais 8 posições. O empoderamento político é a categoria em que o Brasil apresenta os piores resultados, atingindo apenas 13,8%. Isso se dá pelo déficit na participação feminina na política. E quando as mulheres finalmente alcançam esses espaços, ainda precisam lidar com o machismo presente na rotina parlamentar e na representação midiática dessas mulheres, como veremos adiante no tópico 3.1.

E ainda que se tenha entrado em uma fase do feminismo com maior aceitação e sentimento de pertencimento entre as mulheres, os avanços no combate à desigualdade de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/ab6795a1-960c-42b2-b3d5-587eccda6023>. Acesso em: 11 ago. 2021.

gênero ainda caminham a passos lentos. Grande parte do compartilhamento de conhecimento é creditado ao alcance da Internet. A popularização das redes sociais a partir de 2010 no Brasil, seguida do *boom* de protestos de mulheres em 2015 mobilizadas na Internet (primavera feminista) e da criação de páginas feministas com diferentes linguagens em 2016, potencializou as alianças entre mulheres de todas as partes do mundo. As ruas passaram a reverberar a experiência em discursos propagados nas redes sociais (HOLLANDA; BOGADO, 2018). São práticas de ativismo político online que além de fortalecerem o movimento, “vão se constituindo em potentes tentativas para estabelecer laços com redes feministas transnacionais, bem como solidariedade entre feminismos do Sul e do Norte” (ESCOSTEGUY, 2019, p. 17).

A força agregadora da rede também reforçou uma tática antiga das feministas: a importância das narrativas pessoais e da experiência, que fazem parte do interesse metodológico do feminismo. Os usos de vozes individuais conseguiram atingir um grande público e se mostraram novamente, como na segunda onda, um modelo de comunicação promissor. “A rede potencializou uma estratégia feminista histórica, que se baseia na força agregadora do privado e das narrativas pessoais” (HOLLANDA; COSTA, 2018, p. 60). Foi também no contexto do uso das redes sociais que termos inaugurados por outros movimentos ressurgiram e ganharam força dentro do movimento feminista, como empoderamento. As reflexões acerca do conceito cresceram com o reuso do termo no movimento e servem de estudo para muitas pesquisas na área da Comunicação.

A volta da direita ao poder no Brasil a partir de 2018 tornou ainda mais fértil o terreno para os estudos feministas de mídia. O avanço dos estudos sobre feminismo na Internet tende a ganhar cada vez mais atenção, pois agora é lá que as ativistas trocam ideias no combate ao avanço do neoconservadorismo. O estudo dessas práticas de comunicação se mostra importante em dois sentidos: tanto na desconstrução dos papéis tradicionais de gênero impostos pela mídia *mainstream* quanto na produção de discursos feministas alternativos. O ruído teórico causado pelo feminismo ainda tem muito a repercutir nos estudos de mídia, embora o futuro seja uma incógnita, diante do recrudescimento conservador (ESCOSTEGUY, 2019). Foi com a tomada dos países da América Latina por governos de direita que discursos e práticas neoconservadoras voltaram a emergir. No Brasil, uma das estratégias mais comuns da extrema direita tem sido o uso do discurso de ódio contra as minorias (SPONHOLZ, 2020). Somado a outras estratégias, como o antipluralismo e o anticomunismo, o neoconservadorismo tem dado força à nova direita brasileira e retirado dela a vergonha de se definir como tal. Quando os discursos de ódio migram para o ambiente online, assim como

todas as relações pessoais adentraram a Internet, as consequências se ampliam, pelas próprias características do meio que permitem novas formas de expor tais discursos, seja pelo anonimato, invisibilidade, espírito de comunidade, instantaneidade ou efeito (BROWN, 2018).

Na pesquisa em questão, foi escolhido o blog *Escreva Lola Escreva*, da professora Dra. Lola Aronovich, para o estudo do combate a esses discursos de ódio feitos por meio de comentários nas postagens da autora. Foi com a atuação no blog que Lola “teve o seu corpo exposto, a sua imagem desumanizada e a sua moral abalada, mas, nem por isso, deixou de fortalecer outras mulheres que também são afetadas por essas categorias discursivas hostis [...]” (OLIVEIRA, 2020, p. 162). A pergunta de pesquisa que rege este trabalho é “Como os discursos de ódio aparecem no blog *Escreva Lola Escreva* e como é feito o enfrentamento a eles?”. O recorte temporal escolhido foram as eleições presidenciais de 2018 (7 a 28 de outubro), período que engloba os dois turnos. Para esse intento são utilizadas a Análise de Conteúdo (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018) aplicada tanto no mapeamento do discurso de ódio quanto na reação a ele e a entrevista semiestruturada (MANZINI, 2004) complementarmente à AC para entendimento desse enfrentamento.

A dissertação é dividida em quatro momentos: no primeiro é apresentado o blog *Escreva Lola Escreva*, objeto de estudo, assim como a trajetória da autora e o perfil das leitoras participantes. No capítulo seguinte, o movimento feminista é conceituado em seus diferentes momentos com destaque para a quarta onda, quando as pautas feministas invadiram a Internet. É um período do movimento que chegou até mesmo a ser denominado “feminismo de sofá” como forma de minimizar a importância da rede (HOLLANDA; COSTA, 2018), mas logo pode-se perceber que as feministas não estavam dispostas a ficar dentro de casa diante das investidas contra suas ideias progressistas. No capítulo posterior, o discurso neoconservador que dominou a campanha presidencial de 2018 com o avanço da nova direita no Brasil e na América Latina (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020; CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018; MAITINO, 2018) é teorizado. Apresenta-se também o conceito de *Backlash* (FALUDI, 2001; BIROLI, 2020), o contra-ataque contínuo aos direitos femininos, que logo tratou de ocupar os espaços digitais quando percebeu a inserção das mulheres no meio. É também neste capítulo onde os discursos de ódio (BROWN, 2018; RUEDIGER; GRASSI, 2021), uma das estratégias da extrema direita (SPONHOLZ, 2020), são conceituados com destaque para as suas características no meio online. No último capítulo é feita a análise dos comentários postados para mapear os discursos de ódio e a reação das mulheres a eles.

O mapeamento do discurso de ódio no Escreva Lola Escreva mostrou que ele se apresenta principalmente no ataque às pautas da esquerda e à Lola. Houve também tentativa de ataque às comentaristas, mas o conteúdo de ódio encontrou filtros de bloqueio (enfrentamento) desde o envio das mensagens (moderação). Ainda assim, Lola permite a publicação de discurso de ódio como uma estratégia de mostrar para o público que aquele conteúdo existe e também com a finalidade da proteção pessoal, optando pelo arquivamento das ameaças como prova para a Justiça.

## 2 O BLOG ESCREVA LOLA ESCREVA

O blog *Escreva Lola Escreva*<sup>2</sup> foi criado em janeiro de 2008 pela professora da Universidade Federal do Ceará e doutora em literatura em língua inglesa Lola Aronovich. Há 14 anos Lola atua na Internet com textos que trazem reflexões sobre o cotidiano. A autora é assumidamente feminista e faz posts diários abordando tanto questões sobre literatura, política e mídia quanto aquelas ligadas ao universo feminino, como aceitação do corpo, aborto, maternidade e assédio. “Para descrição da sua condição de identidade cabe esclarecer que o ELE [*o blog Escreva Lola Escreva*] nasceu como um blog de crônicas de cinema e ao longo do tempo foi se tornando um espaço das mais variadas discussões políticas” (RIZZOTTO, 2014, p. 254). Algumas leitoras chegaram ao blog buscando análises fílmicas e acabaram encontrando um espaço rico em outros debates. Abordaremos o perfil das participantes adiante.

Lola manteve a caixa de comentários do blog sem moderação durante os primeiros quatro anos de existência. Era comum a participação de *trolls*. *Trolls* são perfis que querem mudar o foco do assunto em uma comunidade ou grupo de discussão e abalar emocionalmente os membros, espécies de “gângues virtuais”. Segundo Amaral (2011) o termo *troll* recebeu influência de uma figura do folclore escandinavo, um ser antissocial que aparece nas histórias infantis. Usando o anonimato na Internet, eles se sentem protegidos para comentar o que quiserem. Essa segurança cresce por estarem protegidos em uma massa invisível ou engrossando a multidão por trás de perfis falsos. “A utopia sobre liberdade de expressão e democracia que muitos adeptos acreditam ter conquistado com as redes sociais on-line e, conseqüentemente, a ilusão de que podem driblar a lei e não serem punidos” (MERCURI, 2016, p. 24).

O *troll* tem menor poder ofensivo e ganha conotação jocosa. Não são comentaristas carregados de ódio. “O troll é aquele que deixa um comentário asqueroso e fica espiando o estrago. Ele não necessariamente te odeia”<sup>3</sup>. O neologismo *trollar* surgiu e virou gíria na Internet para determinar situações onde se quer passar trote em alguém fazendo levar a sério uma brincadeira. Com o passar dos anos, os *trolls* foram se tornando numerosos no blog. Deixamos de lado as implicações do termo *troll* e optamos pelo termo *hater* para definir os perfis de onde partem os ataques sofridos pela autora e leitoras. *Haters* (MOREAU, 2019) são pessoas que se comportam negativamente em resposta ao sucesso e realização de metas de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.escrevalolaescreva.blogspot.com>. Acesso em: 13 jul. 2020.

<sup>3</sup> Entrevista com Lola Aronovich por meio do aplicativo Zoom em julho de 2020.

outras pessoas. Possuem algumas características determinantes, como baixa autoestima, necessidade de atenção e validação por parte dos outros, sentem-se envergonhados ou culpados pela falta de sucesso e possuem crenças e valores que conflitam com o sucesso de outra pessoa. Nesta pesquisa, a atuação dos perfis comentaristas que disseminam o discurso de ódio no blog em questão assume cunho político, pois são pessoas aliadas às manifestações online de extrema direita, como grupos antifeministas, de caráter antidemocrático, que ganharam força no contexto da campanha presidencial de 2018.

Os ataques à figura de Lola se intensificaram ao longo dos anos. Em janeiro de 2017 o Google censurou o blog após denúncias de usuários. Lola teve a senha de acesso retirada pela empresa. Ela não tinha mais acesso ao blog e, aos poucos, as imagens foram sumindo. Tudo isso partiu de uma movimentação bem sucedida de *mascutrolls*. Por meio da *hashtag* #GooglenãocensureLola no Twitter, leitores se mobilizaram nacionalmente e pediram o retorno do blog. A suposta extinção da página virou notícia em jornais locais e nacionais. Dias depois o Google restaurou o endereço do blog. Tamanha é a representatividade e atuação de Lola no cenário nacional que em abril de 2018 foi aprovada a Lei Lola. De autoria da deputada federal cearense Luizianne Lins (PT), essa lei concedeu à Polícia Federal a possibilidade de investigar crimes virtuais contra mulheres. Foi mais um passo na luta contra criminosos que se valem do esconderijo e da sensação de impunidade proporcionados pela Internet. A autora é ativa na luta contra o machismo e, por isso, tornou-se tão visada no online ao ponto de registrar onze boletins de ocorrência<sup>4</sup> (B.O.) após receber ameaças de morte por grupos que disseminam o ódio contra as mulheres (misoginia). Em maio de 2018, outro acontecimento trouxe a página novamente aos holofotes: a prisão pela Polícia Federal de um dos maiores incitadores ao ódio na Internet. Marcelo Valle Silveira Mello atacava nordestinos, gays, negros e tinha Lola como um dos seus alvos frequentes. Durante sete anos, Marcelo<sup>5</sup> ameaçou Lola. Na época, com 33 anos, ele foi condenado a 41 anos de prisão por associação criminosa, divulgação de imagens de pedofilia, racismo, coação, incitação ao cometimento de crimes e terrorismo na web. Mas as ameaças não pararam. Em dezembro de 2020, Lola divulgou em suas redes sociais que recebeu ligações e e-mails com ameaças de morte contra

---

<sup>4</sup> O primeiro B.O foi registrado em janeiro de 2012 após ameaças sofridas tendo como origem um grupo anônimo. Eles enviavam e-mails e faziam comentários maldosos sobre Lola em blogs de ódio às feministas. Em dezembro de 2016, o reitor da UFC recebeu um e-mail pedindo que Lola fosse exonerada, caso contrário seriam detonados explosivos na Universidade.

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/10/interna-brasil,679816/marcelo-mello-e-pres-o-lola-aronovich-comenta-ameacas.shtml>. Acesso em: 13 jul. 2020.

ela e o marido. As mensagens continham fotos da frente da casa dela e informavam que ambos seriam mortos no dia 30 daquele mês. A Polícia Federal foi acionada.

## 2.1 A trajetória de Lola Aronovich

Dolores Aronovich Agüero nasceu na Argentina em 1967, mas é naturalizada brasileira. Veio para o Brasil aos quatro anos de idade, onde morou no Rio de Janeiro, São Paulo, Joinville, Florianópolis e em 2010 mudou-se para Fortaleza, quando passou em concurso público e assumiu vaga na Universidade Federal do Ceará. Em 2019, Lola foi indicada ao prêmio Coragem da ONG Repórteres Sem Fronteiras. Ela foi a única representante do Brasil na lista de 12 concorrentes. Uma das homenagens mais recentes foi em março de 2021, quando Lola ganhou o título de cidadã cearense<sup>6</sup> por meio de lei sancionada pelo governador Camilo Santana.

Quatorze anos após o primeiro post, Lola mantém o blog com a marca da resistência. Apesar das ameaças rotineiras, a autora decidiu continuar com a página ativa. A resistência se faz presente em vários aspectos: politicamente, por meio das postagens com forte oposição à ideologia do governo. A resistência também se mostra no *layout* da página. A *home* do blog é lilás, cor que é o símbolo do feminismo, como pode ser vista abaixo:

Figura 1 - *Home* do blog Escreva Lola Escreva

---

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/03/06/professora-e-ativista-lola-aronovich-ganha-titulo-de-cidada-cearense.html>. Acesso em: 23 mar. 2021.



Fonte: Aronovich (2008).

A plataforma utilizada é o blogspot, um modelo mais antigo e simples de site. Existem páginas na Internet com maior variedade de recursos estilísticos, mas Lola optou por manter o modelo do início do blog. Enquanto muitas blogueiras migraram para redes sociais mais modernas, como é o caso do Instagram, Lola permanece em um espaço digital onde a arquitetura da informação é menos rebuscada. Essa opção pode ser traduzida em tradição ou em conservação da visita do fiel leitor, que navega facilmente pelos poucos recursos do site, embora essa não seja uma intenção consciente da autora. Muitos leitores já propuseram fazer atualizações no blog, mas Lola prefere preservar as características originais. Outro ponto de resistência é o tamanho dos textos. No geral são extensos (são raras as postagens que se restringem a menos de quatro parágrafos) e repletos de traços de oralidade, como gírias e apelidos. São posts que exigem maior tempo de leitura e reflexão, na contramão da tendência de leitura na Internet, onde se prioriza rapidez e concisão na informação. Pela própria formação acadêmica da autora, os textos, apesar de informais, contêm muitas referências. Popularizou-se o termo “textão” como pejorativo em oposição ao conteúdo enxuto. Na Internet, o texto curto é mais valorizado e tem mais chances de ser acessado pelos leitores. Lola sabe<sup>7</sup> da importância de manter o blog ativo mesmo diante dos ataques e da modernização de outras plataformas. “O blog é resistência. E é também um jeito de ter a

<sup>7</sup> Entrevista com Lola pelo Google Meet em 02/09/2021.

minha voz. Se o meu blog desaparecesse eu acho que eu perderia em parte a minha voz. Eu ainda teria o Twitter, mas é diferente” (sic).

Apesar de mais recente, criado em junho de 2019, o canal Fala Lola Fala no *Youtube*<sup>8</sup> conta com vídeos gravados no escritório de casa e tem menor engajamento que o blog. Em post<sup>9</sup> de janeiro de 2020 Lola agradeceu a parceria dos seguidores durante os 12 anos de blog (na época) e disse que apesar da criação do canal no *Youtube*, que hoje já possui 16.500 inscritos, “eu gosto mais de escrever” (sic). Lola também é veterana no *Twitter*. Ela acumula hoje mais de 180 mil seguidores que acompanham suas postagens sobre feminismo e política. A feminista entrou na rede social em agosto de 2010 e de lá pra cá já fez mais de 289 mil *tweets*. No perfil do *Twitter* como também no do blog ela usa quase as mesmas palavras para se definir: professora da UFC, feminista, de esquerda, blogueira e ingrata com o patriarcado (ironizando o discurso de *trolls*). Assim como atua diariamente no blog, Lola faz mais de um *tweet* por dia, sempre se apropriando das ferramentas disponíveis, como *retweet*, para reforçar opiniões de outros atores com as quais concorda. Como no blog, ela também é alvo de ataques no *Twitter*. Ainda que a atuação de Lola seja notória em todas essas plataformas, optou-se pelo blog devido ao pioneirismo do uso por Lola, à relevância que essa rede social tem para a divulgação do feminismo na Internet, ao volume de texto e ao maior espaço para comentários/interação.

Interessante perceber que mesmo diante de um leque de feministas atuantes nas redes sociais nos últimos anos e presentes em redes sociais mais acessadas, os ataques à Lola continuam recorrentes. O lugar de fala (mulher, ativista, professora) que Lola assume incomoda principalmente pela sua representatividade no cenário nacional. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente de hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 36). Assim como empoderamento, esse termo vem sendo utilizado com frequência nas narrativas feministas, porém cercado de dúvidas sobre o que realmente significa. A autora pensa lugar de fala como determinado pelo *locus* social, um “lugar imposto [que] dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2017, p. 36). Nesse *locus* se encontram as experiências compartilhadas nas relações de poder, onde grupos minoritários foram historicamente silenciados.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCPhSwuDNVafCktJxo8P0ZCw>. Acesso em: 5 fev. 2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2020/01/12-anos-de-blog.html>. Acesso em: 5 fev. 2020.

Ribeiro (2017) afirma que o lugar de fala pode ser entendido a partir da teoria do ponto de vista feminista (*feminist standpoint*). Essa teoria coloca a mulher no centro da pesquisa e afirma que um conhecimento verdadeiramente feminista centrado nas experiências das mulheres pode representar melhor a realidade. As críticas à essa teoria do ponto de vista feminista a reduzem à valorização de experiências individuais. Para Ribeiro (2017) a teoria leva em conta sim as experiências do indivíduo, mas elas não se sobressaem ao comum do grupo. Grupos discriminados devem lutar e romper com o regime de autorização discursiva, o discurso absoluto branco, cisgênero e masculino. Só assim esses grupos podem ocupar lugares privilegiados. O discurso dominante costuma ter medo do discurso do sujeito esquecido, do Outro. Por isso é comum os grupos dominantes taxarem a discussão sobre gênero como chata, “mimimi”, sendo essa uma forma de se manter longe da culpa (RIBEIRO, 2017). “Ideias e verdades desagradáveis seriam mantidas fora da consciência por conta da extrema ansiedade, culpa e vergonha que elas causam” (RIBEIRO, 2017, p. 44). Ainda que Lola seja uma mulher acadêmica, branca e cis, ela é representante da luta feminista e conhecida nacionalmente pela defesa das pautas de grupos minoritários. Por isso é sempre mantida no alvo dos ataques. Lola tem consciência do seu papel educativo no ambiente online. Em entrevista<sup>10</sup>, ela afirma que “meu blog sempre foi visto como porta de entrada para o feminismo na Internet” (sic). Abordaremos questões relacionadas ao contra-ataque na luta feminista adiante.

## 2.2 As leitoras do blog

Tão importante quanto traçar o perfil da autora do blog é conhecer as leitoras, que nesta pesquisa assumem papel de destaque por meio de seus comentários. Embora seja um ambiente aberto ao comentário anônimo, é possível traçar um perfil dos visitantes com base nas contas de e-mail vinculadas (no caso de a leitora se identificar). É um público jovem e majoritariamente feminino, onde mais de 70% dos leitores possuem menos de 30 anos e 70% são mulheres. “Segundo Lola Aronovich, seu público é jovem, está na escola ou na universidade, é de classe média e compartilha das suas opiniões” (RIZZOTTO, 2014, p. 255). No geral, são comentários bem escritos com marcadores de coesão e com alto grau de reflexividade crítica. Embora seja um espaço informal, são publicações com conteúdo bem articulado, algumas até com embasamento teórico.

Tamanha é a troca de ideias e compartilhamento de experiências que se nota em certos momentos um alto nível de afetividade entre Lola e suas leitoras. Um episódio chama atenção

---

<sup>10</sup> Entrevista com Lola Aronovich em 02/09/2021.

para a proximidade entre elas: uma comentarista que se identificava como Niemi era participante assídua do blog entre 2010 e 2012 e, nas palavras de Lola, combativa, valente, divertida e inteligente. Por isso passou a ser atacada por *mascutrolls*<sup>11</sup> que clonaram seu perfil. Lola chegou a escrever sobre Niemi no blog e também ofereceu um *guest post* (espaço onde os convidados podem escrever em primeira pessoa) para ela. Niemi se apresentava como finlandesa, mas morava em São Paulo há anos. Em 2011, ela revelou lutar contra um câncer e faleceu em agosto de 2012. Lola fez um post<sup>12</sup> sobre a partida de Niemi para dar satisfação aos outros leitores sobre o desaparecimento da comentarista. Tempos depois surgiu a suspeita de que ela estaria viva, mas por não ter certeza do fato, Lola preferiu manter as boas lembranças e agradecer a contribuição da leitora.

Chama atenção também a assiduidade das leitoras no blog. É o caso de uma comentarista mais recente, a Titia. Titia se chama Cristina e é uma pernambucana que chegou ao blog procurando resenhas de filmes. Ela assinava os comentários com esse apelido porque, para ela, era preciso se portar como uma tia de colégio diante dos mascus. “Uso esse apelido por causa da infantilidade de alguns comentaristas, que agem feito criancinha que a tia da escola precisa pegar pela mãozinha e explicar bem mastigadinho”<sup>13</sup>. Essa era uma característica forte dos comentários de titia: eram sarcásticos e davam apelidos aos donos de perfis que defendiam o estupro e a violência doméstica. Assim como Niemi, Titia também sofria ataques e recebia ofensas racistas por ser nordestina. Titia gostava de zoar com os mascus, mas confessa que quando o tema da discussão envolvia assuntos como estupro, assassinato e aborto, a reação era partir para a agressão. “Uso palavrões, mando ir se ferrar, digo que se mate e tudo mais que tem direito” (sic).

Ainda que a maioria dos leitores seja composta por mulheres, o blog conta com a participação de homens. O comentarista Jonas, por exemplo, foi ativo por muito tempo, sempre levando bronca das comentaristas feministas. Ele não se enquadrava no perfil de um mascu porque chegou a ficar desesperado quando teve seu nome atrelado a um site de pedofilia, mas, ainda assim, deixava alguns comentários “sem noção”, segundo Lola. Caso interessante também é o do *troll* Raphael. Ele era um comentarista frequente que, com o

---

<sup>11</sup> Neologismo criado por Lola para se referir aos masculinistas que têm atitude de troll. Masculinistas são homens que não acreditam no patriarcado e que defendem que a grande vítima do mundo moderno é o homem branco e hétero. Nos Estados Unidos formam grupos que se intitulam Men’s Right Activists, e no Brasil são taxados de masculinistas.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/08/a-partida-de-niemi.html>. Acesso em: 1 abr. 2021.

<sup>13</sup> E-mail enviado por Lola e respondido por Cristina Menezes, a comentarista Titia, em 10/07/2020. Lola deixou mensagem no blog pedindo para que Titia enviasse e-mail. A comentarista respondeu e foi questionada por Lola sobre a atuação no blog. A resposta foi enviada para mim. Pode ser conferida em Anexos.

tempo, passou a se chamar Raziél. Mesmo mulher trans, os comentários continuavam carregados de misoginia, até que ele “destransicionou” e voltou a se chamar Raphael. O perfil chegou a ser moderador do chan (fórum anônimo para disseminar o ódio) do Marcelo, preso por ameaçar Lola. A última informação é que Raphael se matou.

Os três casos acima não estão enquadrados como comentaristas atuantes no recorte da pesquisa, mas as histórias deles foram incluídas aqui para que se possa entender a relação próxima, e por vezes excêntrica, entre Lola e os visitantes. Um caso de comentarista atuante no recorte da pesquisa é Denise Gomes. Ela se identificava nos comentários usando a conta do blogspot (que incluía foto) e foi alvo de comentários de ódio. Denise participou das discussões do dia 8/10, sendo citada e desprezada duas vezes por anônimos. As mensagens de ódio podem ser conferidas abaixo:

Figura 2 - Reprodução de comentário postado no blog

Anônimo disse...

Denise, fácil viver na Austrália e desejar o PT para nós, tenta você criar aí na Austrália algo parecido com o PSOL, MTST, PT, etc. Estranho que alguém que defende o petismo tenha ido morar na Austrália durante o governo petista. Por que você não foi para Cuba?

10 DE OUTUBRO DE 2018 12:56

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 3 - Reprodução de comentário postado no blog

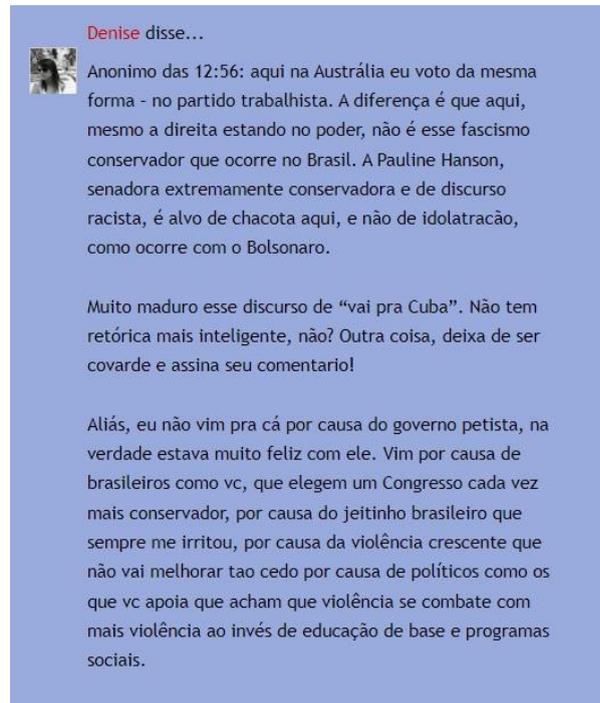
Anônimo disse...

Denise você me lembra artistas brasileiros: Vivem como milionários e dao uma de bonzinhos defendendo pobres. Entretanto, na hora dos impostos que serão usados para beneficiar os pobres sonegam.

10 DE OUTUBRO DE 2018 12:59

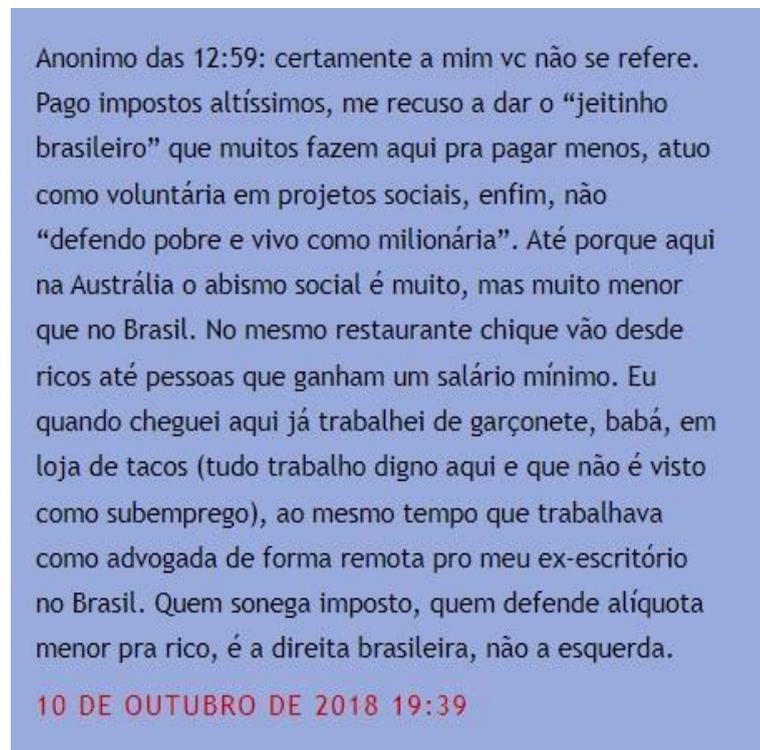
Fonte: Aronovich (2008).

Figura 4 - Reprodução de comentário postado no blog – Respostas de Denise



Fonte: Aronovich (2008).

Figura 5 - Reprodução de comentário postado no blog



Fonte: Aronovich (2008).

Apesar dos dois comentários terem sido respondidos por ela, Denise diz<sup>14</sup> que a principal forma de se livrar dos ataques é ignorando as mensagens. “Depois de um tempo comecei a comentar menos justamente porque o blog era inundado por esse pessoal reaçã e ficou difícil ter estômago para ler ou debater com essas pessoas” (sic). Denise se define feminista e tem o blog como um aliado nesse processo. “Admiro demais ela, uma mulher incrível e que segue na luta há tantos anos mesmo com tanto ataque que sofre. Sigo leitora assídua, só comento menos” (sic). Esses quatro exemplos mostram a variedade de perfis que acessam a página e que encontram ali um espaço acolhedor para falar de seus medos, inseguranças e intimidades.

---

<sup>14</sup> E-mail respondido por Denise em 26/06/2021. Pode ser conferido em Anexos.

### 3 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA

É inerente à compreensão da teoria feminista um passeio pelo histórico do movimento, entendendo seus interesses e bandeiras de luta ao longo dos séculos. Teles (1993) afirma ser o feminismo um movimento político que questiona as relações de poder e opressão de um grupo de pessoas sobre outras e que propõe transformações em diversos níveis da sociedade. “É uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas quanto das superestruturas - ideologia, cultura e política” (TELES, 1993, p. 10).

Historicamente as mulheres são negadas do poder que domina a sociedade: o patriarcado. “O patriarcado moderno é fraternal, contratual e estrutura a sociedade civil capitalista” (PATEMAN, 1993, p. 45). Nesse sistema de opressão que legitima o poder dos homens, elas sempre foram colocadas em uma posição de mantenedoras do processo, numa partilha desigual de benefícios. Ainda que a luta pelo poder das mulheres tenha conquistado diversos direitos contra o sistema imposto, ainda há muito o que conquistar para de fato se estabelecer a justiça social, base do pensamento feminista. Apesar de servir de fundamento para os estudos sobre empoderamento, o reconhecimento das relações de poder dentro dos estudos feministas nem sempre existiu. Antes da segunda onda, as feministas se colocavam em condição de vítimas do patriarcado levando em conta apenas o poder que o sistema exercia sobre elas. Foi a partir do IV Encontro Feminista Latinoamericano, em 1987, no México, que os mitos que circundavam o movimento foram repensados e o poder foi visto pelas mulheres sob duas novas dimensões: as mulheres perceberam que era preciso abandonar o pensamento vitimizante para propor resistência à sociedade machista e também passaram a perceber as relações de poder dentro do próprio movimento (LEÓN, 2001).

Nogueira (2012) analisa a divisão do feminismo em três vagas ou ondas. A primeira delas está localizada na metade do século XIX e compreende da Revolução Francesa até o fim da primeira Guerra Mundial. Nesse período, as mulheres questionavam a contradição da sociedade no que dizia respeito à universalização dos direitos políticos individuais e, ao mesmo tempo, à universalização da diferença sexual. As mulheres eram submetidas às ordens dos pais quando solteiras e, quando casadas, eram postas em condições semelhantes às de escravos. Nesse período, as sufragistas tiveram importante participação no movimento. Elas participavam na luta pelo voto e por direitos políticos. Essa luta foi organizada por mulheres das classes médias e altas, além de filhas de políticos ou intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a chance de estudar em outros países. Mulheres prioritariamente brancas e com

mobilidade social. Devido a essa “seleção”, Pinto (2003) nomeou o movimento de “feminismo bem-comportado e/ou difuso”. Foi o período do feminismo que mais se aproximou da vertente liberal, onde as questões raciais e de classe não eram priorizadas, visto que partiam do interesse de mulheres negras e de classes sociais mais baixas.

A segunda fase do feminismo está associada aos movimentos do pós-Segunda Guerra Mundial, e perdurou da década de 1960 aos anos 1980. Segundo Nogueira (2001), uma série de acontecimentos nesse pós-guerra impulsionou o abrir das portas para a entrada da mulher no mercado de trabalho:

As mulheres foram chamadas a participar no mercado de trabalho, um convite substancialmente distinto daquele feito durante a segunda guerra mundial, já que naquela altura apenas lhes era pedido um esforço de trabalho circunstancial. O slogan da altura “o que é que os homens fazem que as mulheres não possam fazer?”, foi também o resultado da observação das experiências das mulheres no seu combate diário (muitas delas viúvas de guerra) e não uma crença teórica. (NOGUEIRA, 2001, p. 6)

Essa foi também uma época de grande inovação, principalmente pelo acesso das mulheres à pílula contraceptiva, que trouxe certa autonomia para o controle do corpo. Além das inovações tecnológicas, a explosão do movimento estudantil dos anos 60 somou forças ao movimento feminista. Nesse período surgiram diversas correntes, que se diferenciam quanto à causa opressora e quanto às ações de combate (NOGUEIRA, 2012). No contexto da Guerra Fria, uma dessas correntes foi o feminismo marxista ou socialista, onde as seguidoras foram influenciadas pelos escritos políticos e filosóficos de Marx e Engels que falavam sobre a opressão da mulher. As feministas marxistas tinham como alvo de combate o capitalismo e relacionavam a libertação da mulher à luta pela emancipação dos trabalhadores e pelo socialismo. No Brasil, na Itália e na França notou-se a hegemonia dessa vertente.

Marx e Engels foram importantes na retomada do tema “opressão feminina” nessa etapa do movimento feminista. Opressão tanto no trabalho quanto no seio da família nuclear. A crítica feminista era ferrenha a essa instituição, já que para as feministas, a ideologia da família “representava apenas uma mera glorificação hipócrita da maternidade, que acarretava desigualdades de poder entre os membros de um casal” (NOGUEIRA, 2001, p. 6). Foi nesse período que surgiu a célebre frase “o pessoal é político”, ao chamar atenção para a desvantagem das mulheres não só fora de casa, mas também na esfera privada. “Este é o sentido radical do movimento feminista como manifestação coletiva das mulheres, formulado como politização do mundo privado” (SARTI, 2001, p. 45). Já a linha sexista ou radical privilegiava o sexo como bandeira de luta. Essa vanguarda foi assumida mais fortemente nos

Estados Unidos. Nessa linha de pensamento a atenção era voltada para as relações de sexualidade e todas aquelas com os homens e o patriarcado (termo que inauguram). Apesar de lançado em 1949, o “clássico” do feminismo, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, marca o nascimento da segunda fase. Com a célebre frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, Beauvoir trouxe para os estudos feministas a perspectiva de “gênero” como construção social em oposição ao “sexo” da ordem biológica.

A terceira onda, ou pós-feminismo, teve início em meados da década de 80 e durou até a primeira década do século XXI. Foi nessa época que o feminismo negro ganhou força ao questionar a atuação do feminismo apenas a favor dos interesses das mulheres brancas, ocidentais e de classe média. Os trabalhos de bell hooks<sup>15</sup> e Angela Davis são representativos ao chamarem atenção para os inúmeros sistemas de opressão que cercam a figura da mulher negra. Outra vertente que desabrochou nessa fase foi o feminismo cultural ou feminismo da diferença. A ideia central é treinar a mulher para o exercício da liderança, uma vez que esse poder seria mais qualificado, e que o planeta estaria mais bem protegido. O ecofeminismo se aproxima dessa vertente ao afirmar que a degradação do meio ambiente atinge mais a vida das mulheres que a dos homens. Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) afirmam que a libertação das mulheres e a proteção do ecossistema contra um desastre ecológico andam de mãos dadas, por isso o feminismo precisa ser ecossocialista. A luta de milhares de mulheres ao redor do mundo é pela preservação e convívio da natureza humana e não humana, ao contrário de ambientalistas tradicionais que insistem em separar o ecossistema do bem-estar material das comunidades humanas. Esses grupos liderados por mulheres são uma poderosa arma e alternativa aos projetos de financiamento verde, que se vestem de protetores da natureza, mas que estariam mais interessados em dar permissão ao capitalismo para a emissão de gases no ar e extração descontrolada do que de fato para o cuidado com os recursos não-renováveis (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019).

As mulheres ocupam as linhas de frente da atual crise ecológica, constituindo 80% das pessoas refugiadas em função do clima. No Sul global, elas constituem a vasta maioria da força de trabalho rural, ao mesmo tempo que carregam a responsabilidade pela maior parte do trabalho de reprodução social. Devido a seu papel central em prover alimentação, vestimenta e abrigo para a família, as mulheres representam parcela descomunal no trabalho de lidar com a seca, a poluição e a superexploração da terra. (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 54).

Retomando às características das ondas, no começo do século XXI a grande mídia começou a afirmar que os jovens não se interessavam mais pelo movimento feminista,

---

<sup>15</sup> A autora optou por usar o nome em minúsculo por preferir dar destaque à sua obra e não à pessoa

diferentemente dos anos 60 e 70. Os meios de comunicação passaram a noticiar que o feminismo estava ficando fora de moda. Foi nesse período onde o fenômeno do *backlash*, a ser abordado nos próximos capítulos, ganhou força, embora ele possa ser observado em todas as ondas do feminismo. No âmbito internacional ganharam destaque os estudos de Judith Butler sobre a teoria *queer*.

Por outro lado, foi em 1985, no Fórum em Nairóbi, no Quênia, que várias feministas tiveram a oportunidade de se reunir em um encontro internacional e discutir as então bandeiras de luta do feminismo. Mulheres afro-americanas, sul-africanas, nicaraguenses e palestinas participaram de oficinas que debatiam sobre os laços entre racismo e sexismo que impedem o compartilhamento de experiências entre mulheres brancas e negras e sustentam as mesmas instituições econômicas. “Essa foi a primeira vez na história das conferências internacionais de mulheres que a maioria das participantes era de mulheres de minorias étnicas” (DAVIS, 2017, p. 100). Embora o encontro tenha sido comandado pela filha do então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e que ela tenha defendido reivindicações de “mulheres brancas politicamente conservadoras e economicamente estáveis”, o evento foi sem dúvida um marco no diálogo entre feministas de todo o mundo.

Hemmings (2009) critica a visão segregacionista das ondas do feminismo acreditando que elas estereotipam o processo. Segundo a autora, existe uma cronologia fixa que estabelece o feminismo dos anos 1970 como essencialista, comparando-o desfavoravelmente em relação às teorias feministas pós-estruturalistas, quando na verdade já existia naquela época discussões sobre relações de gênero, raça e sexualidade. A teoria feminista é mantida textualmente baseada na passagem da semelhança dos anos 70 para a identidade dos anos 80 e em seguida para a diferença dos anos 90. “(...) o feminismo de cor iniciou a preocupação teórica feminista com a diferença, preocupação apresentada como um bastão a ser passado para as pós-estruturalistas” (HEMMINGS, 2009, p. 225).

Em contraponto, para Nogueira (2012), ao dividir o feminismo em fases, a intenção não é deixar de fora as vertentes feministas minoritárias, mas sim facilitar o entendimento das principais ideias, movimentos e grupos de cada período. Embora reconheça-se a crítica sobre a divisão das fases, cabe a esta pesquisa indicar a importância de cada uma delas para a melhor compreensão das pautas defendidas nos diversos momentos do movimento e mostrar que algumas dessas pautas se mantêm vivas até hoje em todas as tendências do feminismo. Por exemplo, o combate à violência contra a mulher é uma demanda que nasceu na segunda onda, mas que ainda hoje é preciso lutar para garantir o direito.

As particularidades do movimento feminista brasileiro chamam atenção em alguns aspectos. Nascido na década de 70, o feminismo brasileiro teve a contestação à ordem política instituída no país como a característica principal. Embora influenciado pelas experiências da Europa e dos Estados Unidos, a marca das feministas daqui foi a luta contra a ditadura desde 1964 (SARTI, 2004). A participação das mulheres na luta armada representou uma grande transgressão, uma vez que elas puderam pegar em armas e mostrar que não estavam dispostas a aceitar só a virgindade e o casamento como as únicas possibilidades de existência delegadas a elas. O feminismo brasileiro é então tido como uma experiência radical, baseado no conflito desde o seu nascimento até as décadas posteriores.

Assim como na Europa, as primeiras feministas eram de classe média, mulheres que tiveram acesso aos estudos e que tinham boa oratória. Os primeiros encontros ocorreram no Rio de Janeiro e em São Paulo baseado na leitura de materiais escritos por feministas do exterior (SARDENBERG, 2018). O “movimento de mulheres”, como ficou conhecido, logo tratou de se articular com as camadas populares e com a Igreja Católica, embora a relação com essa última tenha sido de altos e baixos, principalmente quando o debate perpassava por assuntos polêmicos como o aborto, a sexualidade e o planejamento familiar. O que selava a união das feministas com a igreja era o inimigo em comum: a ditadura. Por isso a igreja tinha participação fundamental nos grupos de discussão com as camadas populares. Esses grupos presenciais trabalhavam com a conscientização das mulheres sobre o patriarcado e a violência sofrida dentro de casa e, muitas técnicas e metodologias da igreja (principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base) eram usadas nas reuniões (SARDENBERG, 2018). Para a autora, o modelo dos grupos de discussão da Segunda Onda serve de influência, ainda hoje, nas oficinas e projetos de sensibilização para o gênero desenvolvidos por pesquisadores nas camadas populares. Os grupos dessa onda trabalhavam com a perspectiva do “empoderamento para a libertação” (SARDENBERG, 2018, p. 18), onde as mulheres precisam de um estímulo externo para tomarem consciência do lugar de submissão que ocupam na sociedade e promoverem a autoestima, em um movimento contínuo entre coletivo e pessoal. Hoje, com o crescimento do acesso à Internet, o espaço de troca de experiências tem saído cada vez mais do presencial e migrado para o virtual.

Sarti (2004) sinaliza a relação dos movimentos sociais com o Estado como outro traço marcante do feminismo brasileiro. Esses movimentos urbanos nasceram enraizados no cotidiano dos moradores das periferias e dirigindo as demandas ao Estado como promotor do bem-estar social. Os problemas de infraestrutura estavam entre as principais reivindicações. Há consenso sobre a existência de duas principais vertentes feministas no Brasil dentro do

movimento de mulheres de 1970: a primeira voltada para atuação pública e política das mulheres, que posteriormente esteve relacionada à implantação de políticas públicas com o processo de redemocratização, e a segunda mais voltada à subjetividade, às questões do mundo privado (SARTI, 2004).

O Ano Internacional da Mulher, oficializado pela ONU em 1975, permitiu o crescimento do feminismo no Brasil. Foi um marco na retirada dos grupos de conscientização feministas da clandestinidade, que passaram a contar com uma fachada. Mas foi a partir da década de 1980, com o processo de redemocratização e a consequente soma de conhecimentos entre mulheres exiladas que voltaram ao país e as feministas que ficaram no Brasil, que o movimento feminista brasileiro se consolidou, com destaque para o alastramento dos grupos pelo país e a inserção em sindicatos, associações profissionais e partidos. Houve também mudança no discurso, que passou a focar nas relações de gênero. “(...) como saldo positivo de todo este processo social, político e cultural, deu-se uma significativa alteração da condição da mulher na Constituição Federal de 1988, que extinguiu a tutela masculina na sociedade conjugal” (SARTI, 2001, p. 42). O feminismo brasileiro vem sendo caracterizado ao longo das décadas não por um único feminismo, mas pelos feminismos. Não é possível enfrentar o sentido histórico do feminismo brasileiro, a natureza híbrida do movimento, fundado na identidade de gênero, que é perpassada por questões sociais e culturais muito distantes (SARTI, 2001).

Ainda no Brasil, a partir de junho de 2013, com as manifestações pelo país contra o aumento das passagens de ônibus, as mulheres foram ganhando força na rua por meio de uma nova geração política. A aprovação do projeto de lei 5069/2013 que dificultava o acesso das vítimas de estupro aos cuidados médicos aflorou ainda mais os protestos pelo Brasil a partir de 2015. Esse período de resistência ao cenário conservador que se formava recebeu o nome de Primavera das Mulheres e marca a entrada na quarta fase do feminismo, onde a internet tem papel determinante. Foi nesse ano onde aconteceram diversos protestos em defesa dos direitos de mulheres pelo país com mobilizações nas redes sociais, além da criação da Lei do Femicídio<sup>16</sup>. Foi também nessa década que os feminismos da diferença ganharam força. Nessa perspectiva, há uma mudança no foco de debate da terceira para a quarta onda: passa-se da noção de gênero em construção para a de justiça política (HOLLANDA, 2018). Abordaremos as demandas da 4ª onda ainda neste capítulo. E, ainda que este trabalho esteja inserido na contemporaneidade da quarta fase e leve em conta as trocas feministas realizadas em ambiente virtual, como veremos a seguir, “os discursos feministas que fizeram sentido na

---

<sup>16</sup> Pune autores de crimes praticados contra mulheres por razões da condição de sexo feminino.

década de 1960 retornam modificando-se e atualizando os sentidos nos dias de hoje” (LIMA, 2013, p. 3).

### 3.1 O blog como objeto dos Estudos Feministas de Mídia

O feminismo sempre viu a importância do uso da mídia, seja para criticar suas representações ou para fazer ressoar seu discurso. Cabe aqui uma revisão sobre os estudos feministas de mídia. Tais pesquisas começaram no século passado (1960) e também são divididas em fases. A obra precursora foi *A Mística Feminina* (1963) de Betty Friedan, que além de questionar o trabalho feminino restrito à vida doméstica que causava sofrimento às donas de casa, faz uma crítica sobre a representação das mulheres nas revistas femininas e a sociedade de consumo americana. Friedan (1971) explica o “problema sem nome” que muitas mulheres americanas da época sentiam. Esse mal acometia principalmente aquelas financeiramente bem, casadas e com filhos. Eram pessoas que, mesmo com a vida ideal dentro do que se esperava de uma mulher, viviam angustiadas, desesperadas. “Qual era exatamente esse problema sem nome? Quais as palavras usadas pelas mulheres ao tentar descrevê-lo? Às vezes diziam: <<Estou me sentindo vazia... incompleta>>. Ou então: Tenho a impressão de não existir>>” (FRIEDAN, 1971, p. 21). No Brasil, segundo Escosteguy (2019), as primeiras pesquisas sobre gênero e mídia datam da década de 70/80 e focavam na categoria “mulher”. Abordavam a representação dos papéis tradicionais femininos nas novelas e revistas com base na divisão sexual entre homens e mulheres. Notou-se a particularidade da dupla militância: foi um período de luta contra a opressão de mulheres, mas também contra o sistema ditatorial.

Na segunda fase, na década de 90, o foco dos estudos migrou para o termo gênero, deixando de lado a noção de sexo biológico binário. Surgiram outras oposições binárias, como mulheres brancas e negras, do terceiro e do primeiro mundo. Os estudos foram se transformando: “de uma preocupação mais centrada em questões de ideologia para a atenção à problemática das identidades” (ESCOSTEGUY, 2019, p. 11). Embora o termo gênero trouxesse uma nova perspectiva, na prática, a maioria das pesquisas manteve o antigo binário. A terceira fase surgiu a partir dos anos 2000 e foi marcada pela crítica ao “pós-feminismo”, onde as mulheres estariam desinteressadas no movimento. Escosteguy e Messa (2008) avaliam a produção científica sobre gênero e mídia no Brasil por meio de um inventário de teses e dissertações apresentadas nos programas de pós-graduação do país entre 1992 e 2002. Nesse período ainda se destacam as pesquisas sobre mídia impressa e audiovisual. A Internet

é posta, na documentação inventariada, na categoria “outros”. O primeiro trabalho brasileiro sobre feminismo na Internet foi em 2002. A dissertação de Lara Podestá Haje, da UNB, intitulada *Esferas Públicas Feministas na Internet* faz uma análise de como o movimento feminista se apropriava da rede e discutia as potencialidades da Internet para a formação de esferas públicas.

A partir de 2015 entramos na quarta fase do movimento, onde a Internet passou a protagonizar o processo. O foco migrou para as pesquisas de múltiplos feminismos motivadas pelas mídias digitais. “(...) há um vozerio retumbante, sobretudo, nas plataformas digitais, revelador de uma pluralidade de posições, ora assumidamente feministas, ora não” (ESCOSTEGUY, 2019, p. 17). O ano de 2015 foi um marco nos estudos feministas de mídia. O termo “primavera das mulheres” ou “primavera feminista” foi apresentado pela mídia e logo foi incorporado aos trabalhos na área. A partir daí surgiram diversas publicações de cunho feminista na Internet, e os estudos da Comunicação passaram a se debruçar sobre essas mídias. É o caso da revista AzMina, do Canal das Bee no Youtube (que aborda temas da comunidade LGBT), do portal Geledés (com foco nas questões raciais) e do ThinkOlga (ONG que atua junto à sociedade civil com projetos que abordam questões relacionadas à igualdade de gênero). São páginas de jornalismo independente que deixam de adotar o olhar dos veículos tradicionais de imprensa com base no papel social da mulher seguindo a lógica do sexo binário (homem/mulher) e passam a adotar o recorte de gênero para ver o mundo.

Os blogs também se fortaleceram nesse período, uma vez que eles favoreceram o compartilhamento de experiências por meio das redes de resistência. Pela característica da pessoalidade, essas páginas serviram de apoio para muitas mulheres, que se sentem acolhidas psicologicamente ao encontrarem outras pessoas que passaram pelas mesmas experiências. Esses espaços promoveram o debate entre diferentes faixas etárias sobre aborto, padrões de beleza, sexualidade, estupro, entre outros assuntos polêmicos que pautam a mídia e, conseqüentemente, a vida de milhões de brasileiras. Segundo Alves e Pitanguy (1985, p. 67), ambientes de troca de experiências são imprescindíveis na medida em que:

(...) a mulher descobre que sua experiência, suas dificuldades, frustrações e alegrias não são isoladas nem fruto de problemas unicamente individuais, mas, ao contrário, são partilhadas por outras mulheres. A descoberta dessa experiência comum, a transformação do individual em coletivo, forma a base do movimento feminista. Partilhando com outras suas vivências, a mulher reconhece a sua força e conscientiza-se da dimensão política de sua vida particular.

Espaços como esse também contribuíram para a desmistificação do movimento feminista, uma vez que não é preciso participar de um partido político ou instituição para ter acesso aos blogs e conhecer melhor as ideias. Isso diminuiu a carga negativa que cerca a figura da mulher feminista desde o início do movimento nos anos 60, onde as integrantes eram/são vistas como mulheres mal-amadas ou másculas. Por meio do ciberfeminismo, feminismo online ou digital os sujeitos do discurso contestam as formações discursivas patriarcalistas para a construção de uma nova formação discursiva, feminista:

Os dizeres feministas já promoveram essa oposição, o rompimento com o discurso patriarcalista, mas não apagaram os sentidos, apenas adicionaram novos sentidos aos já existentes. Os vídeos, artigos e cartazes presentes nos blogs feministas têm o objetivo de estabilizar e popularizar os pré-construídos que rompem com o patriarcalismo, com a finalidade de fazer parte hegemonicamente da memória discursiva da sociedade (LIMA, 2013, p. 4).

Mais recentemente, Sarmiento (2018) traz um estado da arte sobre as pesquisas que trabalham as representações femininas na mídia. A autora faz um levantamento dos estudos políticos-feministas de mídia com foco na invisibilidade de mulheres no jornalismo (como produtoras de notícias e como sujeitos da notícia) e na política (candidatas eleitas/ativistas feministas). Os estudos revelam que o número de mulheres que chegam aos cargos executivos dentro das redações é bem menor que o esperado. Já na condição de fontes jornalísticas, as mulheres são sempre colocadas em papéis de mãe ou dona de casa, quase nunca consultadas como fontes oficiais. Na cobertura política, a trajetória das candidatas é sempre deixada de lado já que “a regra é que sejam tornadas objetos de debate público características como a idade das representantes, aparência física, vestimenta, relações pessoais e domésticas (...)” (SARMENTO, 2018, p. 189). Uma avaliação por critérios que não são do campo político, o que não acontece com os homens. As características dos homens inseridos na política, que geralmente são brancos e de classes mais altas, são tidas como neutras na cobertura jornalística. Colocados em posições naturais na política, eles precisam de menos esforços para serem merecedores de tais funções. E tudo aquilo que é desviante da imagem, voz, gestual e experiências desses homens é mais suscetível a constrangimentos públicos (MOTA; BIROLI, 2014).

Quando a cobertura passa para as mulheres assumidamente feministas, as representações se tornam ainda mais estereotipadas. Historicamente a cobertura do feminismo pela imprensa possui uma relação conturbada. Isso porque a imprensa é vista muitas vezes como inimiga do movimento feminista devido a construções distorcidas sobre as integrantes. Consequentemente elas hesitam em manter proximidade com os holofotes. No geral, os

estudos revelam o mesmo ao longo das décadas: o esforço da mídia em apresentar o movimento como desviante, a ênfase na dimensão individual e o esforço em dividir as mulheres “normais” das feministas (SARMENTO, 2018). Segundo a autora, essa cobertura segue uma lógica que opera a partir de três processos: demonização, personalização e polarização.

Mesmo com a explosão de estudos sobre o feminismo na Internet, há pouca discussão sobre se houve mudanças na agenda do feminismo com a sua inserção nas redes sociais digitais. Ainda que o terreno seja fértil, os trabalhos ainda são pouco numerosos dada a recente vida das redes sociais digitais. Porém há cada vez mais interesse de pesquisadoras pelo tema (SARMENTO, 2018). Lima (2013) mostra o discurso de divulgação do feminismo no ciberespaço por meio do blog *Blogueiras Feministas*. Como esse espaço se apresenta na reivindicação de direitos e na valorização do termo “feminista”. Rizzotto (2014) analisa o blog que é objeto desta pesquisa, mas sob a perspectiva da contranarrativa aos meios tradicionais de comunicação e da crítica de mídia feminista. Rodrigues (2016) pesquisa as páginas *Blogueiras Feministas* e *Blogueiras Negras* sob a perspectiva de análise da rede que se forma em torno das manifestações de mulheres na Internet com base na participação político-social de cada ator e de suas conexões. Martins (2021) analisa como a página do Instagram da Ong *AzMina* atua no engajamento do ciberativismo feminista. Foram selecionadas 27 postagens de 2020 a fim de avaliar como as informações em torno do tema violência doméstica constroem um espaço de conscientização das seguidoras no perfil da Ong. São pesquisas, assim como a que se propõe aqui, que trazem como foco o estudo das formas de atuação do feminismo na Internet.

### **3.2 A 4ª onda: experiências feministas na Internet**

A migração do feminismo para a Internet foi algo esperado. Essa passagem pode ser explicada pelo fato de as relações sociais virtuais serem reflexo das relações fora da rede, afinal a Internet é feita por pessoas. A vida em rede se configura então como uma extensão da vida offline, diferente das teorias conspiratórias de que a web seria uma alienação do mundo real (CASTELLS, 2004). “A Internet foi apropriada pela prática social, em toda a sua diversidade, embora essa apropriação tenha efeitos específicos sobre a própria prática social” (CASTELLS, 2004, p. 123). Da mesma forma, o movimento contrário (rede-rua) também se concretiza. Isso acontece quando o ativismo digital serve de ponto de encontro e estimula as manifestações não-virtuais. Aqui no Brasil muitos encontros foram organizados nas redes

sociais e tomaram as ruas com milhares de adeptas. A Marcha das Vadias e a Marcha Contra a Mídia Machista são exemplos de movimentos que ocorreram em anos anteriores à Primavera das Mulheres, em 2015, e que serviram de embasamento para outros grupos. Em seguida, outros protestos ganharam visibilidade, como a Marcha do Parto Seguro e a Marcha das Margaridas. Outro motivo para a entrada do feminismo na Internet foi a necessidade de fugir das representações que a mídia tradicional impunha às mulheres, como discorrido no tópico anterior. A Internet aparece então como o espaço propício para o confronto a esses discursos hegemônicos, que costumam silenciar as mulheres em suas reportagens e publicidade. É na Internet que há uma tentativa de valorização do discurso (LIMA, 2013).

É na quarta onda que pautas antigas são revisitadas, além de novas pautas surgirem graças aos múltiplos feminismos, cada um com a sua demanda que antigamente era reprimida dentro do movimento, como pontua Hollanda (2018, p. 242):

As diferenças entre as mulheres e as demandas específicas que essas diferenças propõem são grande e há muito se manifestam política ou teoricamente - mas, com certeza, sem a impressionante visibilidade que ganhou nesta quarta onda, especialmente com a explosão do feminismo negro e do transfeminismo, os movimentos de maior impacto desse momento, no meu ponto de vista.

Com base na recorrência de bandeiras de luta de outras ondas, Sarmiento (2021) sustenta que a novidade do ativismo feminista online se apresenta menos nas pautas e mais na circulação dos debates, nas táticas de militância e no reconhecimento do ser feminista por mulheres cada vez mais jovens. A autora defende que o online deixou de ser um espaço de militância e passou a ser uma dimensão de constituição do ativismo. Cinco dimensões do ativismo feminista são elencadas: a arquitetura da rede, a construção de redes de informação, os grupos de engajamento, as campanhas por *hashtags* e o combate à violência digital de gênero. A primeira tem a ver com a capacitação de feministas para o uso crítico das tecnologias. O segundo aspecto reflete sobre a busca de narrativas feministas plurais, para além das construções exclusivamente do Sudeste. Os grupos de engajamento dizem respeito à coletivização das experiências, ao compartilhamento de histórias femininas em blogs e outras páginas online. As campanhas por *hashtag* têm o poder de conectar pessoas com pensamentos semelhantes. A 4ª onda tem a característica das *hashtags* para a melhor organização em rede: além de facilitar a descoberta de um conteúdo que já está circulando e dar peso àquela postagem, a busca pela *hashtag* auxilia no monitoramento do tema a fim de atingir o maior número de perfis e fazer o assunto repercutir, incluindo a mídia tradicional, que se torna pressionada na abordagem do tema pela quantidade de pessoas envolvidas na comunicação. O

último aspecto apresentado pela autora, o combate à violência digital de gênero, é o ponto alto desta dissertação. São inúmeras as violências às quais as mulheres são expostas no online. Os casos de intimidação e publicação de imagens íntimas (*revenge porn*) de mulheres é cada vez mais comum, além de ameaças em redes sociais por companheiros.

Retornando às novas demandas feministas no online, uma das pautas recentes é o movimento *body positive*, que exige o direito de expressão dos corpos com as características próprias de cada um. Também nessa luta pelo direito de expressão corporal, surgiu forte o movimento contra a gordofobia. Mulheres que querem ter o direito de fugir dos padrões de beleza impostos e mostrarem seus corpos nos tamanhos e proporções reais. Páginas online também revisitam questões antigas, como direitos contraceptivos e combate à violência. Algumas dessas páginas exigem o direito à laqueadura para mulheres sem filhos e a punição para homens que agridem mulheres e outras minorias. É ainda nesse período que neologismos de origem americana ganham destaque na luta das mulheres brasileiras, como *mansplaining*<sup>17</sup>, *gaslighting* e *glass ceiling*, que significam, respectivamente, a tentativa de o homem estar sempre “palestrando” ou insistindo em explicar situações para as mulheres, a manipulação psicológica em que há a intenção de fazer a vítima acreditar que nunca tem razão ou que está “louca” e o machismo sutil e enraizado que reforça o preconceito no ambiente de trabalho. São falas tipicamente paternalistas e condescendentes, mas desprovidas de sutileza e que são enunciadas como o Evangelho (BENNETT, 2018). Por outro lado, a relação entre mulheres e homens pode ser harmoniosa e benéfica para eles. O papel do feminismo estaria justamente em tirar dos corpos masculinos a obrigação de serem os únicos provedores e sustentadores financeiros da família. É a possibilidade de dá-los liberdade, como até o direito de poderem demonstrar fraqueza. “Que deixem de ser os homens Malboro, que sejam capazes de expressar seus sentimentos, de transmitir ternura, de chorar sozinhos e conosco” (LEÓN, 2001, p. 105, tradução nossa).

Os benefícios do feminismo na vida dos homens são amplamente abordados na teoria feminista. Segundo Hooks (2018), o entrave ao feminismo não são os homens, como boa parte da sociedade acredita, mas sim o sexismo, a dominação sexista e o patriarcado. Para a conquista da justiça social, a autora sugere a substituição da masculinidade patriarcal por uma masculinidade feminista. Esta baseia-se na libertação de características narcisistas, infantis e nos privilégios garantidos ao longo da vida pelo simples fato de serem homens para uma

---

<sup>17</sup> A romancista estadunidense Rebecca Solnit escreve o livro “Os homens explicam tudo para mim”, após um homem tentar explicar o tema no qual ela é especialista. A partir daí inaugurou o termo *mansplaining*, que vem sendo chamado recentemente de “macho palestrinha”.

consciência crítica, focada no crescimento espiritual e no desenvolvimento de uma "identidade essencial significativa".

O que é e foi necessário é uma visão de masculinidade em que a autoestima e autoamor da pessoa, que é única, formam a base da identidade. Culturas de dominação atacam a autoestima, substituindo-a por uma noção de que obtemos nosso senso de ser a partir do domínio do outro. Para mudar isso, homens devem criticar e desafiar a dominação masculina sobre o planeta, sobre homens menos poderosos e sobre mulheres e crianças (HOOKS, 2018, p. 81).

A autora aponta a falta de diálogo com os homens como uma falha da luta feminista. Mais do que apresentar o vilão, hooks acredita que os movimentos revolucionários por justiça social devem propor soluções, mas nenhuma literatura feminista direcionou-se aos garotos adolescentes. Nutrir neles uma autoestima saudável sem relação com o sexismo seria uma alternativa de formar homens mentalmente saudáveis. Para Hooks (2018, p. 82), feministas sábias e amáveis podem proporcionar a única fundamentação para salvar a vida dos garotos, afinal “o patriarcado não vai curá-los. Se esse fosse o caso, todos eles estariam bem”.

Muitas vezes a 4ª onda é creditada tipicamente à atuação das mulheres latino-americanas. Isso porque palavras de ordem e bandeiras utilizadas aqui foram replicadas em outros países do mundo, como é o caso da Greve Internacional de Mulheres no dia 8 de março de 2017 na Argentina. A *hashtag* #niunaamenos foi amplamente divulgada nas manifestações argentinas, chilenas e uruguaias e chamava as mulheres para protestar nas ruas contra a violência de gênero entre 2015 e 2016. Feministas de todo o mundo se inspiraram em manifestações sul-americanas.

Essas lutas recentes têm foco no combate à cultura do estupro enraizada no pensamento heteronormativo branco, que defende o estupro corretivo para lésbicas e tende a culpar a vítima pelas atitudes do agressor. Não é raro o discurso que prega o merecimento do estupro pela mulher que usa roupa curta ou que se opõe às obrigações maritais. Também é recorrente o clamor pela proteção física das mulheres. Apesar da criação de delegacias especializadas e das Lei Maria da Penha<sup>18</sup> (2008) e do Femicídio (2015), os números da violência contra a mulher no Brasil ainda são alarmantes. Segundo dados do Ministério da Saúde, a cada quatro minutos uma mulher é agredida por ao menos um homem no país<sup>19</sup>. Em 2018, o órgão registrou mais de 145 mil casos de violência em que as vítimas sobreviveram

---

<sup>18</sup> Estabelece que caso de violência familiar é crime e deve ser apurado através de inquérito policial

<sup>19</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2020.

(física, sexual, psicológica e outros tipos). Um ano antes, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 4.396 mulheres foram assassinadas no país.

As novas feministas também apoiam o acesso amparado e seguro ao aborto<sup>20</sup> não como método contraceptivo, mas como último recurso ao qual as mulheres devem ter seu direito assegurado, além da extensão da licença paternidade e o fim da jornada dupla de trabalho apenas para mulheres (depois de um dia exaustivo na rua, a tarefa de cuidar dos filhos e da casa continua centrada na figura feminina). Cada vez mais fala-se em tripla jornada ou jornada contínua em substituição ao termo “dupla jornada”. Com a exigência cada vez maior do mercado de trabalho por qualificação, as mulheres precisam suportar além da sobrecarga dos afazeres domésticos e do trabalho, as horas dedicadas aos estudos (referente à terceira jornada). Stromquist (2001) faz uma análise de gênero do letramento e aponta as dificuldades que as mulheres enfrentam quando se dedicam à educação. As demandas de casa acabam afetando a frequência em sala, o que compromete o rendimento. Para a autora, na maioria das vezes, todo problema familiar adquire maior importância do que assistir às aulas.

O trabalho doméstico sem pagamento é pauta cada vez mais revisitada pelas feministas. E mesmo entre as mulheres com melhores condições financeiras, que pagam outras mulheres para trabalharem em casa, não lhes é dado o direito de participação igual como os homens na vida pública:

O pertencimento natural do homem à esfera pública reforça sua posição hierárquica vantajosa na esfera privada. Para a mulher a história é bem distinta. Mesmo para as mulheres de classes econômicas privilegiadas, que foram resguardadas da dura combinação entre a responsabilidade pela vida doméstica e longas jornadas de trabalho precário e mal-remunerado, “reinar” em casa nunca significou livre acesso a posições de poder na esfera pública (MOTA; BIROLI, 2014, p. 206).

A criação de creches é outra pauta que sempre está em destaque, principalmente entre as mulheres da periferia. Criança na creche é mais tempo para as mulheres participarem da vida pública e ocuparem o mercado de trabalho. Há décadas as feministas questionam por que os filhos só seriam bem-criados se estivessem sob os cuidados das mães. A luta das feministas foi responsável pela criação das primeiras creches no Brasil. Elas usavam o *slogan* “O filho não é só da mãe” para cobrar maiores responsabilidades de outros setores. O movimento exigia que a creche deveria ser encarada, tanto pelo Estado quanto pela sociedade, como um direito da criança à educação (TELES, 1993).

---

<sup>20</sup> Disponível em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-06/manifestantes-fazem-passeata-no-rio-pela-legalizacao-do-aborto>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) avaliam que para o exercício de um feminismo voltado para o bem-estar geral das mulheres é necessário combater o capitalismo nas suas raízes, sistema opressor responsável por todo sofrimento das mulheres dentro e fora do lar. Segundo as autoras, o capitalismo vive às custas do trabalho não-remunerado das mulheres, enquanto se apropria da força de trabalho dos maridos. É compensatório para o sistema mantê-las em casa, delegando-as à função de formadoras de seres humanos e reprodutoras de mais mão-de-obra enquanto os homens têm mais tempo de se dedicar ao trabalho. É construído todo um discurso sob a desculpa do amor para que esse cuidado possa continuar sendo feito sem pagamento. Porém, sendo a própria essência do capitalismo destruidora, esse cuidado, assim como as outras fontes das quais o sistema se apropria, também pode chegar ao colapso:

Por fim, a sociedade capitalista abriga uma contradição de reprodução social: uma tendência a se apropriar, em benefício do capital, do máximo possível de trabalho reprodutivo “livre”, sem qualquer preocupação com sua reposição. Como resultado, isso origina periodicamente uma “crise de cuidado”, que leva as mulheres à exaustão, destrói famílias e estira as energias sociais até o ponto de ruptura (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 65).

Interessante perceber outra contradição inerente ao capitalismo: ao mesmo tempo em que se apropria do trabalho feminino do cuidado para a manutenção do sistema, é o primeiro a desvalorizar a maternidade, que é a própria geradora da força de trabalho. Boa parte das empresas no Brasil enxerga o período em que a mulher fica afastada pela licença maternidade (4 meses) como prejuízo e/ou acha mais caro contratar mulheres do que homens. Pesquisa<sup>21</sup> da Fundação Getúlio Vargas (2016) mostrou que 12 meses após o período de licença maternidade, metade das mulheres não está mais no mercado de trabalho. Segundo o estudo, esse padrão de demissão se perpetua ainda aos 47 meses após a licença. A maior parte dessas demissões ocorre sem justa causa e é feita por iniciativa do empregador.

Ainda discorrendo sobre o trabalho de manutenção da casa e da vida, o sistema que rege o trabalho feminino não pago pode ser nomeado também de Economia do Cuidado. A Economia do Cuidado é toda tarefa gratuita feita por mulheres e que, quando terceirizada, é mal remunerada. Recentemente, no contexto da pandemia, a ONG ThinkOlga reuniu dados de instituições como Ipea, IBGE e OMS por meio de um relatório<sup>22</sup> produzido em um laboratório de estudos. Chama atenção a diferença nas horas dedicadas ao trabalho do cuidado entre

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

<sup>22</sup> Disponível em: [Lab.thinkolga.com](https://lab.thinkolga.com). Acesso em: 20 out. 2022.

homens e mulheres. Nos primeiros seis meses de vida do bebê, a mulher dedica 650 horas à amamentação. A Economia do Cuidado é tão rentável para o capitalismo que representa uma economia 24 vezes maior do que a do Vale do Silício. Além do gênero, o relatório traz o recorte por raça expondo ainda mais as disparidades. Mulheres negras demandam mais tempo no trabalho não pago. A função de cuidadora traz à tona outra questão: a violência contra a mulher, uma vez que intensifica as relações de abuso de poder. Por isso um dos objetivos da luta feminista gira em torno de como tornar visível o trabalho invisível das mulheres ao redor do mundo, além de jogar sobre os homens a naturalidade do cuidado que foi imposta às mulheres.

Para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), uma das formas do feminismo abarcar 99% das mulheres (e não ficar voltado a 1% delas) é participando de greves e se aliando a outros movimentos anticapitalistas, antirracistas, ecossocialistas e internacionalistas. León (2003) também defende a importância da aproximação do feminismo com outros movimentos. Para a autora, é por meio dessas articulações que, cada vez mais, o feminismo da diferença versus feminismo da igualdade está cedendo lugar para o feminismo da diversidade. Nas suas palavras, “as mulheres estão avançando em um desafio duplo: fazer nossa agenda global, e que nossa agenda se torne global” (LEÓN, 2003, p. 621, tradução nossa).

O blog *Escreva Lola Escreva* foi criado em um período onde o debate sobre o feminismo estava adormecido na mídia. A página acompanhou a transição de uma fase de pouco destaque das questões feministas para uma etapa onde as mulheres buscavam e encontravam apoio e compartilhamento de experiências na web (4ª onda do feminismo). É nesse recorte temporal que a pesquisa se encontra: no furacão da conscientização sobre direitos que ocupava a cabeça de mulheres, agora com atuação nas redes sociais.

#### **4 NEOCONSERVADORISMO NA AMÉRICA LATINA: A NOVA DIREITA NO BRASIL**

O período que compreende a primeira metade do século XXI na América Latina tem sido denominado pela mídia e por analistas políticos de “onda vermelha” devido a quantidade expressiva de governos de centro-esquerda que tomaram conta de países da região. É o caso de Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2002), Hugo Chávez na Venezuela (1999), Ricardo Lagos no Chile (2000), Evo Morales na Bolívia (2005) e outros. Essas esquerdas chegaram democraticamente ao poder em pelo menos dez países e tiveram a oportunidade de se reeleger ou eleger seus sucessores. Outros autores preferem denominar essa onda “rosa” no lugar de “vermelha”, uma vez que as políticas e perspectivas concretas dessas esquerdas no poder não são tão radicais ou revolucionárias quanto parecem a alguns analistas mais afoitos ou temerosos (SILVA, 2014). Ainda que nem todos os governos garantissem a ampliação de direitos humanos, não se pode negar o cenário propício aos programas sociais e à liberdade de expressão. Essas esquerdas “defenderam noções de democracia que, sem abandonar as instituições e procedimentos da representação tradicional, propõem seu aprofundamento através da abertura para o envolvimento e participação da sociedade” (SILVA, 2014, p. 13). No caso do Brasil, o PT, grande inimigo do discurso da nova direita, fez avanços, ainda que tímidos, na área dos direitos de minorias, sobretudo através do fortalecimento de secretarias temáticas e da ampliação das cotas, e em certa valorização do Estado (CHALOUB; PERLATTO, 2016).

A partir de 2010 deu início a destituição desses governos. A vitória de presidentes de centro-direita mostrou o recrudescimento do fundamentalismo religioso e do neoliberalismo na região. Biroli (2020) analisa o neoconservadorismo que tomou conta da América Latina a partir dos anos 2000. O termo tem origem na segunda metade do século XX nos Estados Unidos e explica a reação de conservadores dos anos 1970 aos movimentos de contracultura. Desde então vem sendo usado para definir forças políticas entre diferentes atores, independentemente de religiosos ou não, na manutenção do patriarcalismo e do capitalismo, principalmente na América Latina. “Conceitualmente, permitiu uma aproximação entre conservadorismo cristão e individualismo liberal, assim como entre antipluralismo e neoliberalismo” (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 25). É a aliança entre conservadores e neoliberais sob a narrativa da crise da família, da ordem sexual e familiar ameaçada. O neoconservadorismo se diferencia do conservadorismo por não rejeitar todos os traços da modernidade: o primeiro sabe conviver com o desenvolvimento do mercado e o

crescimento capitalista. Aceita a modernidade social, mas recusa a modernidade cultural e a transformações nos papéis de gênero que ela permite (ALENCAR, 2018). Esse é o ponto: se existe um elo entre todos os atores que operam no neoconservadorismo é a busca pela salvação da ordem natural. A expansão de direitos das minorias criou tamanha força reativa e fez com que a Igreja criasse estratégias e vínculos com outros setores para ampliar a regulação da sexualidade. Questões vinculadas à agenda antigênero vão ser trabalhadas no tópico a seguir.

Para entender o neoconservadorismo é preciso compreender as cinco dimensões básicas sob as quais esse sistema opera: afinidades entre diferentes atores; juridificação da moralidade; ação em contextos democráticos; caráter transnacional; relação entre neoconservadorismo e neoliberalismo (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020). A afinidade entre atores diz respeito à variedade de setores que trabalham juntos pela agenda do neoconservadorismo. Segundo a autora, aqui no Brasil é perceptível a aliança entre extrema direita, ultraneoliberais e militares desde a campanha eleitoral de 2018. É também forte o compartilhamento de agendas entre católicos e evangélicos, com algumas divergências no que diz respeito às tolerâncias à homossexualidade e ao aborto. Por exemplo, embora a homossexualidade vá de encontro às duas religiões, os setores neoconservadores católicos tendem a ser mais brandos sobre a punição desse público, inclusive estimulando o acolhimento com respeito e compaixão, embora o casamento religioso ainda seja restrito aos heterossexuais. Já aborto não permite exceções na criminalização. Por outro lado, “o tema da homossexualidade parece mobilizar mais os atores neoconservadores evangélicos do que a questão da interrupção da gravidez” (BIROLI, MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 30), existindo, inclusive, opiniões diferentes entre os pentecostais sobre métodos abortivos. Apesar da necessidade de evangélicos e católicos partilharem a mesma agenda a favor da ordem sexual natural, uma característica da América Latina com relação ao surgimento do neoconservadorismo é o crescimento do número de evangélicos em detrimento dos católicos. No Brasil, os pentecostais são os grupos que mais vêm engajando fiéis principalmente nas camadas mais suscetíveis da população e, por mais contraditório que possa parecer, as mulheres têm maior representatividade nas igrejas evangélicas do que nas católicas, majoritariamente lideradas por homens. É no contexto do desemprego, da fome e da violência que a igreja evangélica opera acolhendo mulheres, e estas têm papel simbólico na reafirmação dos valores neoconservadores, uma vez que são mulheres desqualificando conquistas de outras mulheres, em especial a luta das feministas.

A juridificação da moralidade (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020) diz respeito à transposição das questões relacionadas à sexualidade para o direito, principalmente os direitos humanos, que são colocados contra o feminismo e os avanços LGBTQIAP+. Os debates políticos e jurídicos defendem os direitos humanos de pais, nascituros e adolescentes, sempre em defesa da vida e da família. Organizações não-governamentais “pró-vida” se colocam a favor do feto como cidadão ainda no ventre da mãe, mas são contra os direitos reprodutivos da própria mãe. Essa contradição do neoconservadorismo no que diz respeito aos direitos humanos é bem evidente. Enquanto esse sistema toma por ideológicos os movimentos de pluralismo ético, ele reivindica a ciência e a democracia, “ainda que sua atuação pese sobre os pressupostos liberais básicos e sobre a própria democracia, enquanto regime que garante direitos a minorias e se pauta pelo pluralismo ético” (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE 2020, p. 35). Isso explica a terceira característica do neoconservadorismo: a atuação em contextos democráticos. Quando se deu o processo de redemocratização nos anos 1980 no Brasil, o pluralismo partidário pôde voltar à cena, mas não foram só os setores progressistas que ocuparam o cenário político, lá estava o neoconservadorismo utilizando os mesmos canais de participação pública. Logo, o neoconservadorismo também se beneficia dos canais democráticos para criar a sua própria narrativa, escolhendo os sujeitos “dignos” de usufruírem dos direitos humanos. Basta perceber que as direitas também chegam ao poder por via eleitoral, ainda que se utilizem dos meios democráticos, logo tratam de enfraquecê-los, por exemplo no Brasil:

Nesse sentido, importa reconhecer que as eleições presidenciais de 2018 se realizam no contexto de uma democracia já severamente avariada e que, não à toa, a vitória eleitoral de uma direita radical pró-ditadura suscita a realista impressão de que podem não sobrar muitos alicerces da democracia brasileira depois que essa experiência passar. Quando ela passar. (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018, p. 14)

Esse processo de enfraquecimento das democracias vem sendo definido como erosão das democracias ou desdemocratização. Essa tendência enfraquece as instituições construídas para conter violações de direitos humanos, ao mesmo tempo em que estimula a militarização e bloqueia a continuidade de políticas para o empoderamento de mulheres, negros e indígenas (BIROLI, 2019).

O caráter transnacional vem das ações do sistema que transcendem a atuação no país. A própria utilização de palavras como “feminismo radical”, “marxismo cultural”, “ideologia de gênero” e “cultura da morte” é uma estratégia transnacional com o intuito de deslegitimar as

lutas de mulheres, negros e da população LGBTQIAP+ em várias regiões. Feminazis, gayzistas e abortistas são outros nomes que cumprem o mesmo papel. Outra tática é a rede de apoio que se forma entre políticos cristãos, funcionários públicos, advogados confessionais e líderes religiosos em campanhas e reuniões internacionais. A organização desses encontros tem “fomentado a circulação da agenda neoconservadora na região e fortalecido as redes transnacionais com movimentos e lideranças políticas que desafiam o regime democrático em vários países do mundo” (BIROLI, MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 127). Aqui no Brasil o presidente Jair Bolsonaro recebeu apoio durante a campanha eleitoral da ex-congressista Michele Bachmann e do pastor estadunidense Mario Bramnick<sup>23</sup>. Eles gravaram vídeos que foram divulgados na Internet vinculando a figura de Bolsonaro aos valores cristãos. Por fim, a quinta dimensão está na relação entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo. O discurso da direita radical agradou as elites econômicas graças à recusa à intervenção do Estado. Os grandes empresários defendem a auto regulação do mercado, tendo a livre concorrência como a regra norteadora do processo. Aqui fica clara a reação à agenda de feministas e outros grupos subalternizados, que quase sempre tem ligação com a distribuição de renda e forte caráter anticapitalismo. E ainda que os atores inseridos no neoconservadorismo defendam pautas diversas, é preciso absorvê-las para dar força ao sistema. No Brasil, por exemplo, os movimentos neoliberais brasileiros são os grandes defensores da globalização, que é estimulada por políticas transnacionais, portanto não compartilham a agenda racista e homofóbica do movimento de Bolsonaro, porém o consideram útil para desviar as críticas dos interesses que representam (GENTILE, 2020).

Portanto, o novo conservadorismo do século XXI tem algumas características que o diferenciam do conservadorismo do século passado, quando a igreja era uma das únicas instituições responsáveis pela manutenção da moralidade. Agora ele consegue abarcar as diversas perspectivas e conta com a disseminação de diversos atores. É o ataque ao *social* através da negação da ideia de construção do gênero, ao *político* por meio da deslegitimação do Estado, *cultural* ao pregar a individualidade e ao jogar a responsabilidade e o cuidado sob o núcleo familiar e *ética* ao contestar a justiça social como modelo normativo (BIROLI; MACHADO, VAGGIONE, 2020). Todas essas características estimulam a construção de um cidadão não-democrático, que cria hierarquias entre os seus e os inimigos, não reconhecendo o outro democraticamente. O resultado é a apropriação da violência contra os diferentes. “Esta

---

<sup>23</sup> Disponível em:

<https://valor.globo.com/politica/coluna/pastor-americano-ligado-a-trump-ve-presidenciaavel-como-defensor-de-israel.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2022.

se naturaliza na própria recusa ao pluralismo ético como fundamento das democracias" (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 175).

Esses discursos conservadores vêm sendo associados ao que estudiosos chamam de Nova Direita. Chaloub, Lima e Perlatto (2018) explicam o crescimento da direita radical no Brasil se posicionando contra duas teses: a do esgotamento e a da polarização. A primeira atribui o fim da liderança do Partido dos Trabalhadores (PT) no país ao ciclo natural da política, como se o colapso da Nova República fosse ocasionado exclusivamente pela fragilidade da sua base e como se o processo tivesse ocorrido de forma pacífica, sem conflitos. A tese da polarização diz respeito à radicalização das práticas e concepções dos representantes de lados opostos: ela iguala o discurso radical da direita ao da esquerda, afirmando que há simetria entre os dois lados. "Ocorre que tal equivalência é espúria, não ajuda a reconstruir a teia das contradições de nossa história recente e, além disso, tangencia a desresponsabilização das direitas por sua inflexão extremista" (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018, p. 15). Segundo os autores, a vitória apertada de Dilma Rousseff em 2014 após três mandatos de PT e o crescimento do antipetismo visceral no PMDB, o maior aliado do PT no governo federal, já prenunciava a *direitização* da política.

O fortalecimento de intelectuais da nova direita no Brasil nas últimas décadas também tem contribuído para a *direitização* do debate público. São jornalistas, empresários, economistas, professores, estudantes e juristas que se comportam como *think tanks*<sup>24</sup> orientados para a defesa dos valores e das políticas liberais, ampliando suas ideias e ganhando cada vez mais admiradores. Dessa forma, há uma forte heterogeneidade nos grupos que compõem a nova direita brasileira, com destaque para os jornalistas conservadores, desde aqueles inseridos em veículos tradicionais de comunicação como os que fazem a militância nas suas próprias redes sociais usando estratégias de comunicação política. Pela natureza da formação, esses profissionais atuam como formadores de opinião e têm amplo alcance. Por meio do ativismo digital, do discurso de ódio e do fortalecimento dos canais apoiadores da nova direita nas mídias e nas redes sociais, há uma série de ideias e comportamentos que vão consolidando uma conexão com o eleitor (OLIVEIRA; LEITE; MARQUES, 2021).

Alguns fatores contribuíram para o crescimento desse modo de pensar, são eles: o surgimento de um discurso direitista que se moderniza e ganha novas feições; o distanciamento temporal da ditadura militar; a transformação da indústria cultural do país com

---

<sup>24</sup> Organizações civis que estabeleceram laços importantes com acadêmicos e empresários ultraliberais. Os primeiros foram voltados exclusivamente para a divulgação do ideário pró-mercado no Brasil na década de 1980, tendo seu auge nos anos 1990 e a decadência nos anos 2000 (ROCHA, 2018b).

destaque dessas personagens no mercado editorial; a vinculação com institutos; os sucessos e fracassos da esquerda hegemônica no Brasil e, por fim, a crise no sistema partidário, que foi trazida à tona com as manifestações de junho de 2013 (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018).

Para Chaloub e Perlatto (2016), alguns pontos de convergência chamam atenção com relação a esses formadores de opinião. O primeiro deles é a retórica da “terra arrasada”, que nega à história brasileira conquistas e virtudes. É o discurso de naturalização da cultura dos países “centrais” e da ideia de ruptura ao passado para se ter acesso à modernidade. O segundo ponto é a responsabilização da esquerda por todas as mazelas sociais do país, que é identificada como “mal”, principalmente com a ascensão desses governos no pós-ditadura. Há uma idolatria da moral em detrimento do político, o que diferenciaria a direita da esquerda. Para esses intelectuais, respeitar a moral é ter uma visão correta do mundo. Aqui já entramos no terceiro ponto de encontro entre esses intelectuais, que é a necessidade de vincular o discurso da direita ao único capaz de representar a vida. As teses da direita teriam maior proximidade com o real, em tomar “a vida como ela é”, enquanto as da esquerda não passam de devaneios e abstrações. Por isso há rejeição ao meio acadêmico, sendo ele um espaço de construção de conhecimentos que trariam à população novas verdades diferentes daquela que é defendida pela direita. A utilização do neologismo “esquerdopata” vincula-se à cegueira de ver o óbvio causada pela mídia e também à doutrinação esquerdista que toma conta da educação. Essas seriam responsáveis por encobrir a verdade da direita.

O quarto mote retórico que une as direitas é a ideia de que elas são as únicas capazes de se aproximar dos interesses e opiniões da população. Há um esforço em tentar distanciar a esquerda hegemônica do povo, colocando-a em favor apenas das minorias (negros, gays e mulheres). A maioria do povo estaria esquecida de representação. O quinto ponto de aproximação é a combinação entre a defesa do liberalismo econômico com a preservação dos valores e da cultura. Uma espécie de modernização “controlada”: permite-se dar nova roupagem ao capitalismo, mas nenhuma reformulação na ordem social. O sexto elo entre os discursos de direita é o ataque ao grande inimigo em comum: o PT. Ainda que a direita encontre dificuldade em julgar o partido como comunista diante da clara adesão ao capitalismo e do reformismo fraco, os ataques vão pelo campo da moral e do apoio às minorias. Também são inúmeros os textos e livros que vinculam o PT à corrupção e que alimentam o sentimento de rejeição ao partido, principalmente com a abertura da mídia para o escândalo do mensalão. Essa literatura cresceu sob impulso da Operação Lava-Jato (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018).

E ainda que pareçam um grupo homogêneo no combate aos mesmos adversários ideológicos e políticos, existem particularidades dentro dessa massa que podem ser agrupadas em dois grandes grupos: direita teórica e direita militante. A direita militante argumenta por meio de elementos de ampla duração histórica, que superam o imediato. A narrativa desse grupo mobiliza quase sempre a política contemporânea, mas traz pontos distantes, mesmo que fora de contexto. Grande parte dos intelectuais desse grupo argumentam a partir do campo filosófico e utilizam desde uma bibliografia clássica a autores menos conhecidos. A direita militante tem a característica do debate contemporâneo, dos polemistas que se restringem à conjuntura mais imediata. Sem base histórica, esse grupo concentra as forças contra inimigos imediatos e evidentes. São representantes da direita que frequentemente recorrem à erudição, porém citam poucos autores, e basicamente defendem os princípios do liberalismo econômico (CHALOUB; PELATTO, 2016).

Ainda no contexto da formação das novas direitas, Rocha (2018a) vincula tal fenômeno à primeira década do século XXI, no fim do primeiro governo Lula. Os atores políticos responsáveis pela instauração dessa forma política já se manifestavam desde 2006. Ainda num momento sem grandes financiamentos de empresários e com destaque para a figura de Olavo de Carvalho, jornalista envolvido em polêmicas na publicação de livros e que migrou para a Internet numa tentativa de divulgação de suas ideias. Ele era, na época, uma das poucas vozes capazes de aglutinar militantes de direita no país. Num primeiro momento houve mobilização de profissionais liberais, empresários e universitários inconformados com as políticas econômicas dos governos petistas. As primeiras mobilizações surgiram na internet através de fóruns de discussão na rede *Orkut* e blogs, mas também agrupadas em torno de institutos de perfil liberal e logo migraram para as ruas. Manifestações que a princípio não lograram êxito pela falta de organização dos participantes somada ao lulismo que dominava o país. Os jornais noticiavam o fracasso dos encontros, que se restringiam a poucas pessoas reunidas na Avenida Paulista.

A situação começou a melhorar para a direita quando a grande mídia passou a usar tom mais agressivo contra o governo nas coberturas sobre o escândalo do mensalão. “Isso acabou criando um clima de opinião mais favorável a pequenas e médias manifestações contra a corrupção e o PT que começaram a pipocar nos anos subsequentes, e contribuiu para a consolidação de identidades coletivas de direita (...)” (ROCHA, 2018b, p. 6). Todos esses fatores contribuíram para que a Nova Direita chegasse à presidência nas eleições de 2018. Com base nessa troca ativa de ideias na Internet que resultou na chegada ao poder, Rocha (2018b) dá destaque à formação da Nova Direita por meio de contra-públicos digitais

ultraliberais. A autora toma esses grupos como os únicos capazes de se organizar na sociedade civil precocemente, antes mesmo do fim do lulismo. O conceito de contra-público vem da Teoria Crítica e inicialmente, com o protagonismo de Nancy Fraser, foi relacionado a grupos subalternos. No entanto, Rocha (2018b) o insere também para grupos conservadores e de extrema-direita que se valem da Internet para divulgar suas ideias, convocar interlocutores e consequentemente exercer alguma influência sobre a mídia *mainstream*. Nesse sentido, a extrema direita formou contra-públicos dominantes que viram seus modos de vida e interesses ameaçados devido à maior penetração dos discursos de outros contra-públicos nesses públicos dominantes. Por exemplo, as mulheres norte-americanas que não apoiavam o movimento sufragista “constituíram um contra-público em torno de discursos anti-sufrágio com base em argumentos de origem religiosa e biológica” (ROCHA, 2018b, p. 31). Foi então nos fóruns e comunidades do Orkut (ainda em 2004) onde surgiram os contra-públicos digitais de extrema direita, que se utilizaram de linguagem agressiva contra os adversários (com destaque para a figura de Olavo de Carvalho como dito anteriormente) e iniciaram o processo de ascensão dos ideais conservadores no Brasil.

#### **4.1 A agenda antigênero**

A construção intelectual da agenda antigênero se deu nos anos 1990 e foi usada pela primeira vez em um documento da igreja católica em 1998. A reação contra o gênero ganhou mais força a partir dos anos 2000 utilizando-se da "ideologia de gênero" como principal estratégia para concentrar apoiadores. Na Europa, os protestos contra o gênero começaram em 2012 e na América Latina a partir de 2016 (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020). Aqui a força da igreja católica manteve-se, mas com a união dos pentecostais. A defesa da agenda antigênero é o maior elo entre esses integrantes do neoconservadorismo, sendo uma das principais características do processo de erosão das democracias, na medida em que compromete a livre expressão das minorias e legítimas lideranças autoritárias. Sendo assim, proteger a família da ameaça do inimigo seria dever de todos. Alencar (2018) se apoia na ideia de pânico moral para explicar o temor dos atores do neoconservadorismo diante das mudanças repentinas e transformadoras da sociedade. Com a ascensão crescente de movimentos sociais na esfera pública brasileira, como grupos feministas, LGBTQIAP+, “viu-se emergir nos setores conservadores um pânico moral que entende as agendas promovidas por esses movimentos firmam de morte a conformação social tradicional” (ALENCAR, 2018, p. 105). E assim a cadeia funciona: fundamentalistas religiosos alimentam

o pânico moral entre outros atores e servem de base intelectual para os discursos de nova direita.

Na manutenção dos pânicos morais, um dos atores políticos mais temidos pelos conservadores é o feminismo. Ao questionar a submissão das mulheres e ao se aliar com outros movimentos minoritários em nome da justiça social, o feminismo coloca a moralidade tradicional em xeque. A situação torna-se ainda mais problemática do ponto de vista antidemocrático quando há aliança com universidades e centros de pesquisa. Os estudos produzidos por esses atores geram dados e informações que deveriam ser mantidos sigilosos, longe do conhecimento da população, mas que agora exigem medidas de órgãos públicos (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020). É o caso da noção da divisão sexual do trabalho e do questionamento sobre o percentual de participação das mulheres no mercado. Do outro lado, dá-se a tentativa de cancelamento da produção acadêmica de gênero, uma vez que esses atores atrapalham a manutenção do status quo. Por esses motivos a censura é uma arma defendida pelos conservadores. Um caso extremo foi a Hungria, que em 2018, proibiu os estudos de gênero<sup>25</sup>.

Segundo Biroli (2019), algumas estratégias discursivas permeiam a mobilização da politização contra o gênero. São elas: 1) Que a perspectiva de gênero não é teoria, mas sim ideologia. Sendo da ordem do ideológico deve ser combatida, uma vez que vai contra as leis naturais da vida e da complementaridade entre os sexos. 2) Que a perspectiva de gênero quer adentrar o sistema educacional e permitir que crianças e adolescentes tenham uma vida sexual desregrada e sem limites, além de fazerem o que bem entenderem com seus órgãos genitais, o que vai de encontro à estrutura íntima do ser humano. 3) Que os movimentos que a promovem são minoritários e querem sobrepor a vontade de poucos sobre a das maiorias. 4) Que é uma estratégia global da esquerda para destruição da propriedade privada e das famílias, o bem mais sagrado do ser humano. Com base nesse discurso, nota-se uma disputa entre moralidades onde a igreja não abre mão da manutenção das suas raízes de controle, ainda que sem a força dos séculos passados, mas “permanece atuante na produção de uma matriz ideológica na qual a ideologia de gênero seria uma realidade e os feminismos radicais, um risco para a humanidade e a família” (BIROLI, 2019, p. 81).

---

<sup>25</sup> Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/educacao/hungria-proibe-estudos-de-genero-recebe-critica-violacao-da-liberdade-academica-23162518.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.

## 4.2 O discurso ultraconservador no contexto brasileiro de 2018

O recorte temporal para análise dos textos é o período que compreende os dois turnos das eleições de 2018. A escolha foi feita com base na importância do evento a nível mundial: extrema direita *versus* esquerda na luta pelo governo do maior país da América Latina após anos de liderança petista. De um lado o candidato e ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, do PT, e do outro o então deputado federal Jair Bolsonaro, recém-filiado ao PSL. Polarização essa que teve repercussão também nas redes sociais digitais. Ainda que com pouco capital político acumulado, o ex-capitão do Exército subiu nas pesquisas e em pouco tempo tornou-se o segundo<sup>26</sup> colocado em intenções de votos para a eleição presidencial de 2018.

Singer (2013, p. 26) analisa a composição e o viés ideológico das manifestações brasileiras de 2013 às quais ele chama de “acontecimentos de junho”, berço dos integrantes da Nova Direita. Foram eventos onde houve o cruzamento de classes, mas boa parte era formada pela classe média tradicional e o novo proletariado, trabalhadores jovens que tiveram a carteira assinada na década lulista (2003-2013). Eram pessoas com escolaridade. “Nas oito capitais pesquisadas, nada menos que 43% dos manifestantes tinham diploma universitário” (SINGER, 2013, p. 28). As propostas eram diversas, desde o ecossocialismo ao liberalismo e, embora as manifestações de esquerda tenham se destacado nos primeiros acontecimentos, como o protesto contra o aumento das passagens do transporte público, afinal esse foi o *start* dos encontros, a direita logo tratou de tomar para si as demandas:

As tendências de centro e direita pegaram carona na corrente deslanchada pela nova esquerda, só que os caronistas foram tantos que, em certo momento, acabaram por mudar a direção do veículo. Acredito que setores de classe média de centro e de direita intuíram que havia ali uma oportunidade para expressar um mal-estar difuso com a situação do país. (SINGER, 2013, p. 33)

Embora houvesse um “cruzamento ideológico” de demandas da esquerda e direita, os interesses da última foram ganhando destaque nas ruas: a insatisfação com a inflação principalmente nos serviços somada ao ataque às conquistas populares que vinham sendo garantidas pelos governos petistas e as reclamações com relação à mobilidade e à segurança nas capitais. O uso dos símbolos nacionais virou marca desses protestos, onde “bandeiras brasileiras passaram a ser elemento constante, ao lado de cartazes por menos impostos”

---

<sup>26</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>. Acesso em: 7 jul. 2021.

(SINGER, 2013, p. 34). O crescimento da direita nos acontecimentos de junho trouxe, além do caráter de opositor ao governo de Dilma Rousseff, repulsa aos governos estaduais e municipais e o sentimento anticorrupção (SINGER, 2013). Esses jovens de classe média tradicional com ensino superior e “inconformados” com a corrupção no país foram os responsáveis pela chegada de Bolsonaro à presidência. E essa passou a ser uma estratégia da família Bolsonaro: criar laços com “jovens influenciadores digitais altamente capazes de gerar conteúdo e capturar a atenção pelas mídias sociais” (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 93).

Mudanças nas estruturas da sociedade brasileira que contribuíram para a eleição do candidato de extrema-direita são baseadas em fatores endógenos e exógenos (SANTOS JÚNIOR, 2019). Os endógenos dizem respeito à ascensão desses grupos e projetos de direita que assumiram posições importantes na política por meio do enfraquecimento das instituições democráticas. Escândalos de corrupção foram destruindo a democracia, assim como a cobertura da Operação Lava-Jato, que contou com apoio da imprensa tradicional em um viés antipetista. Tudo isso foi “deslegitimando e criminalizando os processos políticos com procedimentos ilegais em nome do combate a malfeitos e da limpeza do Estado” (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 23). O crescimento desses grupos da nova direita contribuiu para a ressignificação do conceito de “direita”. Como destaca Maitino (2018), a direita neoliberal que se formou no Brasil opunha-se à antiga direita, a “direita envergonhada”. “Ser de direita” estava relacionado ao apoio à ditadura militar, regime com o qual tentava-se ao máximo desvincular-se, principalmente com a redemocratização. A partir desse momento a nova direita deixa de lado a vergonha e assume “seu nome”, em grande parte como reação à longa permanência do Partido dos Trabalhadores no governo. Repulsa à esquerda que foi transposta do plano político para o dos valores:

A grande guinada capaz de distinguir a direita radical foi a transplantação dos seus embates ante a esquerda para o terreno da moral. Através de uma hipermoralização da realidade, que reduz todas as disputas a um confronto entre bem e mal absolutos, constrói-se um discurso onde o universo da esquerda deve ser necessariamente erradicado. (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018, p. 12)

Retomando a discussão anterior, Bolsonaro aparece como uma figura que foge à lógica da direita envergonhada, pois desde que assumiu cargo parlamentar em 1991, sempre assumiu sua posição de direita, a favor do regime militar e fazendo críticas à democracia em diversos momentos de sua trajetória política. “Ao colocar-se como direita sem vergonha, com coragem de dizer o que pensa, Bolsonaro apresenta-se como exceção em meio aos políticos conservadores do *establishment*” (MAITINO, 2018, p. 129). E mesmo que houvesse receio

por parte da população em apoiar um candidato assumidamente de extrema direita, Bolsonaro fez uma campanha focada em pautas “avulsas”, conseguindo atrair diferentes públicos sem comprometimento com a agenda dele. Apoiar pautas não obriga os eleitores a aderir a uma ideologia. Bolsonaro definia o problema e já apresentava a solução, como no caso de armar a população como forma de combate à violência. Tal estratégia acobertava seu caráter misógino, xenófobo e homofóbico e tirava o “peso” da sua afinidade ideológica (SPONHOLZ, 2020).

Bolsonaro também traz à tona características populistas ao se apresentar como o homem novo na política, embora rejeite o termo e o associe pejorativamente à esquerda. Pesquisa do Team Populism<sup>27</sup> afirma que Jair Bolsonaro é o primeiro presidente populista desde Fernando Collor. O estudo adota critérios de populismo e dá nota para centenas de presidentes numa escala de 0 a 2. Para ser considerado populista é preciso ter nota igual ou superior a 0,5. Bolsonaro atinge a escala 0,5. O estudo explica que carisma não é sinônimo de populismo e que esse seria muito melhor definido na disputa que o político vê entre povo e elite. Em matéria publicada no UOL<sup>28</sup>, um dos pesquisadores afirma que regimes populistas tendem a ter consequências prejudiciais à democracia, uma vez que eles não lidam bem com diferentes opiniões. Esses regimes costumam fazer ataques à liberdade de imprensa e à independência do Judiciário e do Legislativo. Ainda de acordo com o pesquisador, tanto no discurso populista de direita como no de esquerda o inimigo são as elites (imprensa, classe política, banqueiros, FMI). Além disso, os populistas se colocam fora da política e não veem nada de relevante nela.

Os fatores exógenos, como elenca Santos Júnior (2019), estão relacionados às mudanças nas lógicas de comunicação política, onde as mídias digitais ganharam público em detrimento dos veículos tradicionais de massa. Assim como partidos, políticos e entidades civis deixaram de ser as únicas fontes fieis de emissão. O fortalecimento de iniciativas comunicacionais de direita, que começaram em junho de 2013 com pedidos pelo afastamento de Dilma Rousseff, ficaram cada mais vez mais aprimoradas e baseadas em *fake news*, robôs e estruturas profissionalizadas de disparo de mensagens em massa. Tais iniciativas possibilitaram, em conjunto com os outros fatores, a vitória de Bolsonaro. Houve o crescimento de “redes apócrifas de disseminação de conteúdo” que não são coordenadas por um ator central, mas que atuam “a partir de diversos núcleos com conexões fluidas e

---

<sup>27</sup> Rede internacional com cerca de 80 pesquisadores dirigida pelo professor Kirk Hawkins da Universidade de Brigham (EUA).

<sup>28</sup> Disponível em: <https://is.gd/hkqH8r>. Acesso em: 28 maio 2021.

instáveis” (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 21). Tais redes foram responsáveis por uma série de *fake news*, nas quais grande parte da campanha de Bolsonaro foi baseada. Os apoiadores do candidato se manifestaram contra a educação sexual nas escolas alegando que essa seria uma forma de doutrinar para a homossexualidade.

Como detalhado no tópico anterior, a defesa da agenda antigênero na educação é outra tática que vem sendo elo entre neoconservadores católicos e evangélicos desde as primeiras décadas do século XXI e principalmente nas eleições de 2018. Bolsonaro incorporou a religiosidade no plano educacional com previsão de ampliação de creches e do ensino religioso para crianças de zero a três anos. A ideia era doutrinar a população brasileira ainda na infância e mantê-la longe da ameaça de outras religiões, além de repassar dinheiro para instituições não-governamentais, como igrejas. O termo ideologia de gênero foi usado contra a esquerda numa tentativa de desqualificar a educação sexual nas escolas. Vale lembrar que Bolsonaro foi uma das peças-chave na controvérsia que envolveu o projeto Escola Sem Homofobia ainda em 2011. O termo “kit gay”<sup>29</sup> foi um apelido dado ao projeto voltado para educadores, além de outros termos desvinculados da realidade como “mamadeira de piroca”. “A maior parte [dessas notícias] é feita pela distorção e ruído de eventos que aconteceram, mas que são enquadrados para extrapolar o aspecto mais negativo possível” (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 297). O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mandou o candidato Jair Bolsonaro retirar o material da Internet por gerar desinformação. Ainda no campo da sexualidade, a “cura gay” foi uma das pautas defendidas por atores neoconservadores brasileiros do direito e da psicologia como tratamento terapêutico para a reversão da homossexualidade. Estratégias nesse sentido atrapalham o avanço de direitos já conquistados pelos grupos LGBTQIAP+, que se vêem “obrigados a retomar reiteradamente o tema da despatologização da homossexualidade em vez de avançar estratégias para a ampliação dos direitos desses grupos” (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 35). O uso do termo *esquerdopata* é outro exemplo que mostra bem a tentativa de patologizar os interesses e práticas da esquerda. Esse neologismo criado por Reinaldo Azevedo<sup>30</sup> tem sido amplamente difundido entre intelectuais do campo da direita. Ao colocar os apoiadores da esquerda no

---

<sup>29</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 8 dez. 2019.

<sup>30</sup> Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/esquerdopatia-a-psicopatia-da-politica-ou-primeiro-eles-tentam-desumaniza-lo-para-entao-mata-lo-foi-assim-que-eliminaram-mais-de-100-milhoes-no-seculo-passado/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

âmbito da doença, é retirada a possibilidade de convivência com aquela enfermidade, sendo o único tratamento possível a exclusão social.

Interessante perceber aqui a necessidade do neoconservadorismo em diferenciar o científico/natural do ideológico. As práticas desse sistema são colocadas a favor da ciência, em um discurso de respaldo ao que é natural. O sexo biológico em detrimento do gênero, que é construído socialmente. Assim, o que é do “inimigo” é tido como do campo do ideológico, numa tentativa de desqualificar o que é do outro e de qualificar o que vem da ciência. Inimigo esse que passou a ser não mais só o Partido dos Trabalhadores (PT), mas tudo que diz respeito ao pensamento de esquerda, principalmente a defesa do direito das minorias. A juridificação do neoconservadorismo, uma das características exemplificadas neste capítulo, atua neste sentido: dissolve as fronteiras do religioso-secular e homogeneiza o discurso, afirmando que a “defesa de determinados princípios não está fundada em valores religiosos ou morais, e sim na natureza e na biologia” (BIROLI, MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 81).

Por outro lado, nota-se uma postura anti-iluminista em alguns momentos. Por exemplo, quando Bolsonaro ganhou a presidência, tratou logo de nomear uma ministra pastora para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos<sup>31</sup>. Damares Alves, figura polêmica do governo, é defensora do criacionismo e em uma de suas falas<sup>32</sup> afirmou que a igreja evangélica deixou a ciência caminhar sozinha e que a teoria da evolução ganhou espaço nas escolas, fazendo com que a igreja perdesse espaço na história. Essa postura contra a ciência pôde ser percebida mais uma vez, recentemente, no contexto da pandemia da Covid-19, quando apoiadores de Bolsonaro fizeram campanha nacional contra a vacina, alegando que as doses trariam consequências devastadoras para a saúde humana. Uma fala polêmica do presidente ganhou destaque internacional, quando ele afirmou desconhecer os efeitos da vacina no corpo, exclamando que a dose poderia até transformar humanos em jacarés<sup>33</sup>. Isso foi dito diante do esforço de cientistas e dos dados que comprovaram a queda no número de mortes no Brasil entre os imunizados. Esses mesmos apoiadores, além do presidente, num primeiro momento, foram contra o uso da máscara, equipamento de proteção com diversos estudos sobre a eficiência da barreira física no bloqueio da transmissão do

---

<sup>31</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/damares-extingue-comites-de-enfrentamento-a-violencia-contr-a-mulher-e-minorias.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2022.

<sup>32</sup> Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/politica/damares-diz-que-igreja-perdeu-espaco-nas-escolas-para-teoria-da-evolucao/>. Acesso em: 23 maio 2022.

<sup>33</sup> Disponível em:

<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/>. Acesso em: 23 maio 2022.

coronavírus. Pode-se concluir que a aceitação da ciência é da ordem do que é mais conveniente: quando ela reforça os valores do neoconservadorismo é aceita, quando apresenta ameaça ao sistema é desqualificada.

O clima ficou mais tenso no segundo turno, quando a polarização ganhou força e os pólos passaram a brigar acirradamente por cada um dos votos que decidiriam o futuro do país. Às vésperas da eleição, eleitores do candidato Fernando Haddad saíram das redes sociais e foram para as ruas das capitais brasileiras na Operação Vira Voto<sup>34</sup> na tentativa de reverter votos nulos. Foi uma eleição onde questões da vida privada foram colocadas na vitrine da vida política, dando proeminência para questões de gênero, religiosidade e sexo. De um lado existia a extrema direita carregando os dogmas da Igreja evangélica e se colocando em favor da defesa da família tradicional brasileira. Antes mesmo da candidatura à presidência, quando eleito o terceiro deputado federal mais votado em 2014, Bolsonaro já se posicionava com discurso em defesa dos valores da família. “A crítica ao governo não está centrada em temas econômicos, mas em questões que o deputado enquadra como morais ou de segurança, ameaças à família brasileira e à nação” (MAITINO, 2018, p. 121). Maitino (2018) analisa os principais temas abordados por Bolsonaro na Câmara quando deputado. Eles dizem respeito ao militarismo e ao governo de Dilma Rousseff, à época presidente. O passado guerrilheiro de Dilma contribui para as associações ao regime cubano e ao discurso de combate aos ideários comunistas. É o anticomunismo representado por meio do antipetismo.

Por outro lado, a esquerda lutava por questões ligadas às minorias, como o direito de mulheres, negros e da comunidade LGBTQIAP+. A *hashtag* #Mulherescontrabolsonaro mobilizou mais de um milhão e meio de mulheres no Facebook e posteriormente nas ruas por meio de protestos em várias capitais brasileiras. A *hashtag* #Elenão<sup>35</sup> foi outro artifício utilizado pelas mulheres contrárias ao candidato do PSL que dominou a Internet na 4ª onda e migrou para as camisas e cartazes nas ruas. Mas antes mesmo dos protestos terminarem, a Internet já estava bombardeada de imagens e informações falsas tanto sobre a adesão do público como sobre as integrantes, numa tentativa de estigmatizá-las (BIROLI, MACHADO, VAGGIONE 2020). Bolsonaro se apropriou das pautas defendidas pelas políticas de Direitos Humanos e de proteção às minorias para colocar a sociedade em condição de vítima dessas políticas, defendendo que minorias deveriam se curvar ao desejo das maiorias ou chamando

---

<sup>34</sup> Disponível em:

<https://exame.com/brasil/em-pequenos-grupos-eleitores-de-haddad-tentam-virar-voto-nas-ruas/>. Acesso em: 4 jul. 2021.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 7 jun. 2022.

de “coitadismo”<sup>36</sup> as políticas de combate ao preconceito. No próximo tópico conceituaremos o discurso de ódio presente na ideologia misógina, xenófoba e homofóbica do candidato e seus apoiadores. “Com os discursos de ódio, o candidato alcançou não só visibilidade, mas também influência sobre a agenda pública, ao conseguir lançar debates sobre estas pautas na mídia” (SPONHOLZ, p. 228, 2020).

Esse ataque aos movimentos sociais e principalmente aos direitos femininos é conceituado como o fenômeno do *Backlash* (FALUDI, 2001). Esse conceito define o que seria um ataque repetido contra as mulheres ao longo dos anos. Investida essa que em alguns momentos bate mais forte, em outros, mais fraco. É um fenômeno cultural que tenta barrar os avanços femininos por meio do enfraquecimento da autoestima e consequente desmotivação do grupo. São os processos de convencimento de que a mulher deve ser uma boa dona de casa e de que o motivo para suas angústias, sofrimentos e medos é o excesso de igualdade.

O caminho da luta por direitos percorrido pelas mulheres no mundo é historicamente cheio de altos e baixos. Desde as primeiras conquistas até as mais recentes, as mulheres tiveram de passar por momentos de retrocesso e avanço. A década de 1980 ficou conhecida como década do *Backlash* devido às grandes perdas históricas sofridas pelas mulheres em relação à década anterior. Por exemplo, nos anos 70 as novas leis do divórcio foram aprovadas e tornaram o processo mais fácil. Nos anos seguintes houve perdas na luta feminista americana. O *Backlash* é extremamente traiçoeiro, pois “travestido de versão popular da Grande Mentira, enfeita-se pomposamente com um halo de verdade e proclama que as mesmas iniciativas que levaram a mulher a uma posição superior foram responsáveis pela sua ruína” (FALUDI, 2001, p. 17).

O *Backlash* é um processo bem estruturado e que domina o senso comum graças ao apoio de várias instituições da sociedade. Para a autora, ele só é capaz de adentrar o imaginário coletivo devido a proteção que recebe dos meios de comunicação e das indústrias da moda e da beleza. É um fenômeno que invadiu a retórica da Nova Direita e que conseguiu absorver todo o tema relacionado aos direitos da mulher em sua própria linguagem (FALUDI, 2001). Se o percurso dos ganhos das mulheres fosse desenhado, não seria uma linha reta perfeita, mas sim uma figura geométrica disforme:

Uma precisa representação gráfica dos progressos das mulheres na história pareceria uma espiral levemente inclinada para um lado, com seus círculos aproximando-se

---

<sup>36</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/24/bolsonaro-diz-ser-contras-cotas-e-que-politica-de-combate-ao-preconceito-e-coitadismo.ghtml>. Acesso em: 7 jul. 2021.

cada vez mais da linha da liberdade com o passar do tempo, mas - como uma curva matemática aproximando-se do infinito nunca chegando lá. A mulher está presa nesta espiral assintótica, rodando sem fim de geração em geração, aproximando-se cada vez mais da sua meta, sem nunca chegar (FALUDI, 2001, p. 65)

Hoje o *Backlash* ressurge de diversas formas no cotidiano das mulheres. A carga negativa que o nome feminismo/feminista ganhou é consequência desse ataque repetido ao longo dos anos. A frase “eu não sou feminista, mas...”, carrega o sentimento de que é necessária a conquista de direitos, mas recusa-se a todo custo o pertencimento ao movimento, à imagem “não-feminina”. A própria psicologia popular trata de fazer a manutenção do *Backlash* ao ensinar as mulheres a serem tratadas como doentes, ao criar novos problemas, ao estimular o conflito entre os sexos, e ao culpar o feminismo sugerindo soluções que induzem ao retrocesso com o único intuito de voltar ao controle masculino (NOGUEIRA, 2001).

Uma das principais formas de manifestação é a rejeição à ideia de que ainda é preciso falar em feminismo. Alega-se que as mulheres já conquistaram um grande espaço no mercado de trabalho e têm total liberdade sobre a vida pessoal. É como se a “mulher moderna” fosse o patamar máximo alcançado e causasse um efeito de estabilidade, onde não existe mais para onde avançar em direitos. Nada novo na história feminista: mais uma vez o discurso patriarcal tentando fazer acreditar que as mulheres já conquistaram tudo que podiam e que não existe mais razão para problematizações. A própria comparação entre machismo e feminismo numa tentativa de equipará-los tem a intenção de tornar esse último desnecessário (NOGUEIRA, 2001).

No contexto do governo Bolsonaro, a face mais evidente do *Backlash* contra os direitos femininos foi o veto ao ensino sexual nas escolas sobre o pretexto da defesa da família tradicional. Essa instituição é a chave para a manutenção do neoconservadorismo na América Latina e no Brasil, já que consegue agregar a erosão do público, o *Backlash* contra o gênero e as tendências de desdemocratização (BIROLI, 2020). Ainda no contexto da ascensão de Bolsonaro, Aguiar e Pereira (2019) analisam a vitória do presidente como um processo de institucionalização do *Backlash* contra o direito das mulheres. Diante das estratégias de retirar a palavra gênero dos documentos internacionais e da proposta de Reforma da Previdência Social, Bolsonaro mostrou seu viés antifeminista, que já era defendido desde sua entrada na vida pública. Por meio da análise dos discursos e entrevistas publicados em jornais do país durante os nove primeiros meses de governo, constatou-se a intenção de legitimar o *Backlash* contra os direitos femininos. Tal hipótese foi confirmada por meio de categorias criadas, seja pela diminuição do movimento, pela inversão das causas, pela visão estereotipada das

feministas ou pela criação de mitos que geram insegurança entre as mulheres. E esses ataques partiram prioritariamente da Nova Direita no meio online.

Sendo a Internet o espaço para onde as relações *off-line* migraram, é possível perceber o crescimento do enfrentamento às conquistas femininas por lá também, em uma espécie de *backlash* digital. Se nas redes sociais online as mulheres encontraram espaço para protagonizar novas formas de combate ao machismo, também foi lá que elas tiveram de lidar com o contra-ataque antifeminista. Foi a passagem da expectativa ciberotimista de que a rede seria mais *women-friendly* que os demais meios de comunicação à comprovação das práticas cibernachistas (SARMENTO, 2017).

O poder de interferência das redes sociais nas eleições brasileiras pôde ser visto pela primeira vez em 2018, colocando em debate a questão da efetividade da visibilidade dos políticos nos veículos tradicionais de comunicação. Discursos anti feministas tomaram conta das redes sociais. O acirramento político repercutiu e alimentou o discurso de ódio no blog em estudo. Esse comportamento típico de grupos machistas e homofóbicos, que ultrapassa os limites do cinismo e do sarcasmo e passa a usar xingamentos e ofensas, se mostrou presente nos comentários do blog durante o período eleitoral de 2018. Os comentários de ataque partiram principalmente de perfis anônimos. São militantes e simpatizantes que se comportam como *haters* políticos (SANTOS JÚNIOR, 2014). É a figura do anti-fã na perspectiva política. As fan-pages que disseminam a revolta “podem ser interpretadas nesse ecossistema midiático digital como a resposta de grupos conservadores –ainda que menos estruturada e coesa – que ocupa um espaço de debate público e ataques contra as alianças de situação” (SANTOS JÚNIOR, 2014, p. 311).

Lola sempre esteve ativa no período eleitoral com *posts* sobre a temática. Se por um lado o blog foi acessado por pessoas que já concordavam com o posicionamento de esquerda da autora, por outro a página também foi atacada por grupos conservadores. Pelo fato de ser professora, a forma didática de escrever ajudou a expor seus posicionamentos e deu insumos na informação do público. Os comentários funcionavam como extensão dos posts, onde as discussões continuaram e se acirraram. Era a resistência de mulheres ao cenário conservador que se instaurou ou retornou (*Backlash*) durante a campanha presidencial de 2018.

#### **4.3 Discurso de ódio online: uma agenda da extrema direita**

Assim como a Internet favoreceu o aparecimento e a migração de diversos feminismos, também deu lugar aos antifeminismos. Esse fenômeno invadiu espaços de

organização das mulheres, onde se beneficiou de características próprias do meio. O discurso de ódio endereçado às leitoras do blog é uma das práticas recorrentes utilizadas pelos grupos de caráter antifeminista. São grupos racistas e misóginos que têm em comum a não-aceitação do outro democraticamente: prática essa comum aos defensores de regimes autoritários, como os que vêm se ampliando na América Latina com o crescimento da Nova Direita.

Três propriedades definem o discurso de ódio: quem, o quê e onde (SPONHOLZ, 2020). O “quem” se relaciona a uma característica coletiva referente a uma posição desprivilegiada de poder na hierarquia social (fenótipo, religião, orientação sexual, gênero); “o quê” é a disseminação de ideias difamatórias (comunicação), que pode ser por meio de incitação ao ódio, desprezo, violência, por meio de ameaça ou expressão de xingamentos, escárnio e insulto; o “onde” se refere a exposição dessas situações degradantes em ambientes públicos, não diz respeito a conversas privadas.

O discurso de ódio é uma das diversas pautas da extrema direita. Esse tipo de discurso se baseia em antinomias e não em antagonismos, sendo assim, os polos são atacados por definição e não por oposição. Ou seja, as pessoas são vítimas por serem quem são e não pelo que pensam. Por exemplo uma mulher é criticada pelo simples fato de ser mulher, independentemente de ser de esquerda ou de direita. Isso se difere da incitação à violência política contra jornalistas ou outros profissionais, que se baseia nos antagonismos, como o antipetismo (SPONHOLZ, 2020). “Nestes discursos, seres humanos, e não um regime político ou econômico, são definidos como problema” (SPONHOLZ, 2020, p. 225). Sendo assim, a motivação dos ataques se difere no discurso de ódio e na violência política. Enquanto a última tem origem nos arranjos do cenário político, o primeiro se origina na discriminação sistemática.

Enquanto jornalistas e dissidentes podem ser xingados, ameaçados e até mesmo sofrer violência física em consequência do antipluralismo e do autoritarismo, para os grupos sistematicamente discriminados, xingamentos, ameaças, escárnios se enquadram em um contexto em que estes já sofrem discriminação no mercado de trabalho, de moradia, nas escolas, nas universidades, no acesso à saúde e assim por diante. Os arranjos no cenário político são conjunturais, a discriminação sistemática é estrutural. (SPONHOLZ, 2020, p. 225).

Como carrega sentimento no nome, costuma-se relacionar discurso de ódio com emoção e assim separá-lo de racionalidade. É como se houvesse a anulação de um dos conceitos centrais, que é a discriminação, vinculando esse discurso à ordem das emoções. Porém discurso de ódio e racionalidade podem caminhar juntos, uma vez que os atores que se apropriam dessa estratégia podem utilizar processos de argumentação na combinação com a

discriminação simbólica. É o caso de partidos políticos que usam o discurso de ódio como comunicação estratégica durante uma campanha eleitoral e apresentam argumentos para a defesa de determinado posicionamento. Esse discurso de ódio veiculado nas mídias pode até trazer exposição, mas certamente não trará prestígio. No caso da última eleição à presidência do Brasil, “os discursos de ódio e a incivilidade proporcionaram a Bolsonaro visibilidade e influência, mas também altos índices de rejeição” (SPONHOLZ, 2020, p. 228).

Na definição do discurso de ódio, é interessante perceber também a diferença com relação às pautas identitárias. Enquanto elas dizem respeito a identidades assumidas, discursos de ódio são identidades atribuídas (SPONHOLZ, 2020). As pautas identitárias vêm de movimentos sociais que reivindicam políticas e promovem ideologia, o que gera sentimentos de auto-identificação e pertencimento. Por outro lado, o discurso de ódio se caracteriza pelo objeto de depreciação, aquilo para o qual o ódio é endereçado.

Se a formulação de estratégias de combate ao discurso de ódio se torna difícil até mesmo no ambiente off-line, no online a pluralidade nas formas dele se manifestar dificulta ainda mais essa tarefa. Por isso, “discursos de ódio”, no plural, seria melhor definidor desse caráter não-homogêneo das práticas discriminatórias contra minorias, uma vez que elas estão relacionadas diretamente aos contextos sociais e políticos em que se expressam (RUEDIGER; GRASSI, 2021). E a Internet como espaço aparente sem controle ou legalidade estimula tais iniciativas.

Até pouco tempo os ataques de ódio na Internet eram vistos como atividades de nicho, típicas de algumas comunidades, mas com o crescimento das redes sociais online, essa prática ficou cada vez mais comum. Brown (2018) elenca algumas características que diferenciam o discurso de ódio online do offline. Essas características separadas podem ser encontradas também no discurso de ódio cara a cara, mas é a combinação delas que torna o ataque nas mídias digitais mais atrativo. São elas: o anonimato, a invisibilidade, o espírito de comunidade, a instantaneidade e o efeito. A primeira delas é o anonimato. É a capacidade de o agressor não ter suas características reveladas (cor de pele, cabelo, entre outras características físicas) numa conversa. E isso estimula e desinibe a ponto de falar o que não teria coragem em uma conversa offline. Estar escondido atrás de uma tela pode trazer a falsa sensação de que a polícia não encontrará seus rastros. A invisibilidade também é outro fator que estimula as postagens de ódio. Ela diz respeito à falta da presença física do agressor, o que encoraja as suas atitudes. Não estando na frente da vítima, ele não precisaria se preocupar com uma reação. A criação de comunidades de ódio dá a possibilidade de atrair membros e manter a conexão entre eles. Aqui o ódio não é endereçado às vítimas, mas à ligação entre pessoas que

pensam da mesma forma. O baixo custo e o uso fácil das mídias digitais com relação a outros meios de comunicação favorecem a criação de comunidades de ódio, uma vez que é possível atingir grandes audiências em um curto período de tempo (BROWN, 2018).

A instantaneidade tem relação com o impulso ou os primeiros pensamentos contra a vítima. São os insultos e as ameaças dirigidos a “grupos de pessoas identificadas por sua raça, etnia, nacionalidade, religião, orientação sexual, deficiência, identidade de gênero ou outras características protegidas” (BROWN, 2018, p. 303). Porém, não são todas as comunidades que propagam o discurso de ódio que agem de maneira impulsiva e desordenada. Para atingir mais vítimas são necessários altos níveis de habilidades retóricas, artísticas e linguísticas, como são exigidas também em um discurso de ódio offline. Pesquisas sobre conteúdo de discurso de ódio mostram que para reter e manter seguidores é preciso ter muita criatividade e sofisticação. Para Ruediger e Grassi (2021, p. 23), aquelas comunidades mais organizadas utilizam estratégias para a proliferação do discurso de ódio a fim de gerar visibilidade, por isso “comunidades de ódio geralmente atacam atores, políticos e jornalistas e atuam de forma coordenada para ampliar o alcance”. Ao ser reconhecida pela comunidade acadêmica na luta pelos direitos das mulheres e na vida pública, Lola se torna alvo desses ataques.

Outra característica que pode favorecer a circulação de discursos de ódio online é a lógica de funcionamento das plataformas digitais baseada em algoritmos, onde a visualização dos conteúdos segue o padrão das preferências dos usuários. Ao reunir pessoas com as mesmas opiniões e pensamentos, pode-se criar uma leitura infiel da realidade: outros usuários, quando expostos a conteúdos de ódio na *timeline*, percebem que aquele discurso é aceito por meio das inúmeras interações (curtidas e compartilhamentos). A partir daí podem passar a normalizar tal prática, sentindo-se estimulados a fazer o mesmo, já que tal discurso gera recompensa naquele ambiente. (RUEDIGER; GRASSI, 2021). O espírito de comunidade tem amparo na Psicologia social, no sentir-se seguro estando em grupo. É quando alguém não tem coragem de agredir, mas sente-se autorizado e protegido na presença de outros que pensam e agem como ela. Essa característica pode ser encontrada também no discurso de ódio offline. Um exemplo recorrente são as agressões que ocorrem nos estádios. Grupos de torcedores que enfrentam torcidas rivais. O espírito de comunidade daquela multidão dá coragem para que as agressões ocorram. Por último, ainda que a pesquisa não foque nas questões psicológicas dos ataques de ódio, citaremos os efeitos que esse tipo de discurso causa nas pessoas. Embora a literatura careça de estudos que comparem os efeitos do discurso de ódio online e off-line e que exista uma pressão para tais respostas, sabe-se que os danos causados pelas mensagens de ódio na Internet são calculados de forma quantitativa. Ao ampliar o público, o discurso de

ódio online também amplia o elemento vergonha. Além disso, como essas mensagens na maioria das vezes conseguem ser preservadas em sua natureza (as palavras dos posts não sofrem a ação do desgaste do tempo como cartas ou outros gêneros que podem ter a legibilidade comprometida), o tempo de exposição à vergonha pública é maior. E como não é possível ver a mágoa emocional causada no outro, é comum que ela seja subestimada por quem não a sentiu (BROWN, 2018).

O discurso de ódio como objeto midiático ou conteúdo pode depreciar de várias formas (memes, *gifs*) e não necessariamente por meio de palavrões e ameaças em formato de texto. Existem outros objetos digitais que podem ser utilizados na propagação do discurso de ódio como as curtidas e *hashtags* e as interações que se formam nas redes sociais (SPONHOLZ, 2020). Porém na presente pesquisa só trabalharemos com o texto dos comentários, uma vez que a caixa de texto do blog não permite inserção de *gifs* nem existem recursos como “curtir” ou “compartilhar”. Nem mesmo a opção de o perfil ser notificado caso seu comentário seja respondido. Geralmente o diálogo é feito sem tanto engajamento tecnológico, porém a discussão não deixa de ser mais importante, como veremos a seguir no volume e tamanho dos comentários.

#### **4.4 O ódio endereçado às mulheres**

O crescimento dos discursos de ódio no ambiente online tem se intensificado principalmente pelo protagonismo de mulheres nesse espaço. No blog em questão os integrantes de *chans* são os que mais promovem ataques e que costumam atribuir às mulheres o fracasso de suas vidas, como se o fato de elas não aceitarem mais o local definido pelo patriarcado (papéis de gênero) invadissem a alçada deles e colocasse seu poder em xeque. Quem defende o discurso de ódio e o pratica tende a encobri-lo com o argumento da liberdade de expressão. Porém esse tipo de discurso é o próprio bloqueio para um ambiente de livre expressão, uma vez que extingue a possibilidade de diálogo entre as partes. Assim, discursos de ódio atentam contra os direitos humanos, retirando a dignidade daquele que é vítima.

O ataque às mulheres possui algumas características particulares. No geral, o ódio vinculado às feministas opera em dois sentidos emocionais e afetivos: na crença de que elas são nojentas (aqui entra a desqualificação da aparência dessas mulheres) e na tentativa de defini-las como emocionalmente desequilibradas. A própria história humana é permeada de contos que trazem a mulher como um desvio ou um apêndice da figura masculina. Na mitologia grega, Pandora foi criada à semelhança de Afrodite, a deusa da beleza, e recebeu de

cada deus do Olimpo uma dádiva. Ela foi enviada à Terra para se casar com um homem e recebeu uma caixa dourada como presente de núpcias que não deveria ser aberta. Porém Pandora abriu a caixa e foi responsável por todos os males humanos. Na Bíblia, Eva é condenada até hoje por termos perdido o paraíso. Ela foi criada da costela de Adão e pôs tudo a perder quando cometeu o primeiro pecado do mundo e resolveu comer a maçã. Em ambas as histórias, a curiosidade e a leviandade da mulher são as causas dos grandes problemas da humanidade (ANJOS, 2017). Essas histórias são o berço da misoginia, que permeia o imaginário de boa parte da população.

Na Europa do século XV e XVI, a conspiração demoníaca continuou sendo aplicada à figura feminina, agora sob a tutela do capitalismo e sob a desculpa da caça às bruxas. Com a mudança da sociedade feudal para uma sociedade baseada em novas formas de trabalho, criou-se o temor na igreja e entre os senhores feudais na perda de suas posses. A mobilidade social então, passou a ser combatida, pois era uma forma das mulheres mais pobres subirem de vida. Por meio do amor, as mulheres seriam as responsáveis por enfeitiçar os homens (FEDERICI, 2017). O medo do controle financeiro feminino sobre a elite masculina fez a fogueira da inquisição acabar com a vida de muitas mulheres. Afinal, grande parte delas era conhecedora dos mistérios da natureza (eram parteiras, curandeiras, faziam poções do amor) e logo foram taxadas de bruxas. A racionalização do mundo natural - condição prévia para uma disciplina de trabalho mais organizada e para a revolução científica - passou pelo extermínio da bruxa (FEDERICI, 2017). A caça às bruxas foi o aniquilamento do poder das mulheres da época, apagando toda uma série de ensinamentos que seriam passados de geração para geração.

A misoginia traz marcas até hoje e continua se aperfeiçoando (conceituamos o *Backlash* no capítulo anterior), agora no mundo online. Na Internet, a desqualificação das feministas muitas vezes ganha tom jocoso na tentativa de fazer acreditar que tratam-se de brincadeiras, de opiniões, quando na verdade é a perpetuação da misoginia na sua forma mais violenta. Alguns trabalhos mais recentes focaram no estudo do ódio contra mulheres no ambiente online. Inclusive a análise do discurso de ódio presente no blog Escreva Lola Escreva já havia virado pesquisa, mas sob a perspectiva jurídica (OLIVEIRA, 2020). O trabalho selecionou posts em que Lola faz referência aos ataques de masculinistas e mostrou a falta de sanções criminais direcionadas especificamente ao discurso de ódio na legislação brasileira. No caso virtual, os casos de misoginia não chegam ao Poder Judiciário justamente pela inexistência de amparo legal e, muitas vezes, pela culpabilização da vítima, que além de sofrer a violência psicológica, é tida como culpada por recebê-la.

Pesquisas na área da Comunicação também se debruçaram sobre a reação ao discurso feminista em ambientes virtuais: Rizzotto, Meyer e Sousa (2017) fizeram análise de caso de duas campanhas feministas na Internet: “Chega de Fiu-Fiu” e “Eu não mereço ser estuprada”. O objeto do estudo foram os comentários feitos nos *posts* das páginas do Facebook de três grandes veículos de comunicação brasileiros. Os comentários foram catalogados em “favoráveis” ou “contrários” à campanha, sendo possível identificar e diferenciar críticas à campanha e ameaças às comentaristas ou mesmo às pessoas da campanha. Anjos (2017) estuda a disputa entre os discursos de ódio antifeministas e as contranarrativas feministas. A pesquisa mostra como páginas antifeministas estimulam o ódio contra as feministas. Ódio esse que pode se desenvolver por meio do medo ou raiva, nojo e desprezo às militantes, intensificando os julgamentos morais com o objetivo de apresentá-las como uma ameaça ou um câncer ao tecido social.

Pesquisadoras têm se dedicado ao estudo não só das táticas de empoderamento de mulheres no meio online, mas também no mapeamento dos ataques conservadores, que tendem a acompanhar os espaços de interações feministas. Estudar o discurso de ódio antifeminista nas redes sociais é perceber a maneira como a misoginia se atualiza através de novos artifícios (ANJOS, 2017). Nesta pesquisa, vamos avançar nos trabalhos sobre a atuação das feministas na Internet no combate aos discursos de ódio através do rastreamento deles no espaço considerado o maior blog feminista do Brasil.

## 5 MAPEANDO O NEOCONSERVADORISMO DE GÊNERO NO BLOG

A pergunta de pesquisa que rege este trabalho é “Como os discursos de ódio aparecem no blog *Escreva Lola Escreva* e como é feito o enfrentamento a eles”. O recorte temporal escolhido foi o período que compreende as eleições presidenciais de 2018 (7 a 28 de outubro), período que engloba os dois turnos. Para esse intento são utilizadas a Análise de Conteúdo (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018), aplicada tanto no mapeamento do discurso de ódio quanto na reação a ele, e a entrevista semi-estruturada (MANZINI, 2004) com Lola Aronovich complementarmente à AC para entendimento desse enfrentamento. A análise dos comentários foi feita de forma manual. Primeiro foram lidos todos os 675 comentários para ser feita a categorização entre discurso de ódio e contestação não-violenta<sup>37</sup>. Essa última se caracteriza por oposição ao posicionamento da autora/leitoras, mas com tom aberto ao diálogo, sem desrespeito às pessoas envolvidas na comunicação. Por se tratar de um blog feminista, onde o público é majoritariamente formado por mulheres que desejam mudar a lógica do patriarcado e que são as principais vítimas dos ataques de grupos masculinistas, aqui não coube a escolha da categoria “violência política”, uma vez que se entende que todo comentário postado de cunho violento por si só já seja carregado de misoginia, xenofobia ou homofobia, conseqüentemente já apresentando discordância política com a esquerda. É um conteúdo que ultrapassa os limites da opinião política e vira ódio. No blog, mulheres são criticadas por serem mulheres, não pelo pensamento político (SPONHOLZ, 2020). Em entrevista, Lola comentou sobre tal intolerância: “Eles [mascus] são contra mulheres na política, então eles são contra todas as mulheres na política, não importa se for mulher de direita. Eles acham que mulher nem deveria poder votar” (sic).

Os comentários selecionados como discurso de ódio foram sub categorizados com base nas propriedades desse discurso: o quem (vítima), o quê (conteúdo) e onde (ambiente público) (SPONHOLZ, 2020). Porém optou-se por restringir a categoria “onde”, já que estamos tratando apenas do blog como único ambiente possível de análise. Assim o discurso de ódio passar a ser categorizado levando em conta dois grupos<sup>38</sup> de características

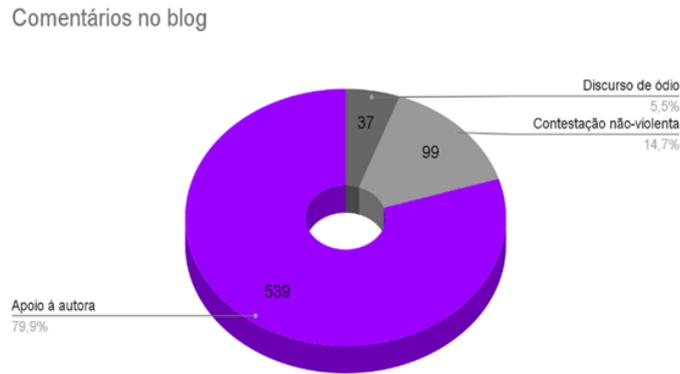
<sup>37</sup> Planilha com comentários classificados como contestação não-violenta. Disponível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1POmYMGTSfF4Pzsr\\_DXfvfuKpbHwPYplPloFKOQ97dQ/edit#gid=0](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1POmYMGTSfF4Pzsr_DXfvfuKpbHwPYplPloFKOQ97dQ/edit#gid=0). Acesso em: 22 out. 2022.

<sup>38</sup> Ver livro de códigos em Anexos. Planilha de análise está disponível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1IU\\_5hwTYEdk-CCFT8DRPSa8zSTAIWJD8k2waDFiVMGc/edit#gid=0](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1IU_5hwTYEdk-CCFT8DRPSa8zSTAIWJD8k2waDFiVMGc/edit#gid=0). Acesso em: 22 out. 2022.

As categorizações do discurso de ódio e do enfrentamento a ele foram postas lado a lado para melhor visualização dos dados. Sendo assim, as respostas foram dispostas ao lado do comentário de ódio correspondente.

definidoras: o conteúdo (o quê), que pode ser ameaça, desprezo e xingamento; “a quem” (vítima) o ódio é endereçado (Lola, comentaristas ou pautas da esquerda).

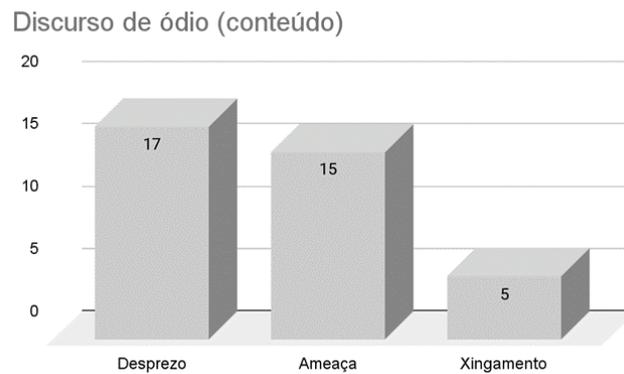
Gráfico 1 – Comentários no blog



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 675 comentários postados de 7 a 28 de outubro, 37 foram selecionados como discurso de ódio e 99 como contestação não-violenta. Desse primeiro dado gerado foi observado que a maior porcentagem dos comentários (80%) é de apoio à visão da autora, das comentaristas do blog e das pautas defendidas. Com relação aos comentários contrários ao posicionamento das feministas, o discurso de ódio esteve presente em menor número (37) que aqueles em que é feita contestação não-violenta dos argumentos (99). Sendo assim, pode-se concluir que dentro do recorte temporal estabelecido para a análise, predominou-se um ambiente de apoio e de diálogo (mesmo diante da discordância) entre os participantes do blog (somados os comentários de apoio e a contestação não-violenta contabilizam-se 638 comentários).

Gráfico 2 – Discurso de ódio (conteúdo)



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 37 comentários identificados por discurso de ódio, 17 tiveram o desprezo como o conteúdo principal, em 15 a ameaça se sobressaiu e em 5, o xingamento. O nojo foi uma estratégia recorrente em cinco comentários de ódio (análise também disponível na planilha). Trata-se de retirar a humanidade do destinatário da mensagem e compará-lo a uma doença ou sujeira, algo que faz mal à vida. O nojo não foi trabalhado nesta pesquisa como uma categoria de conteúdo, mas sim como uma característica reforçadora do ódio, que pode estar presente tanto na ameaça quanto no desprezo. Na categoria xingamento ele não se enquadra, pois a presença do nojo já manifesta superioridade do emissor em relação à vítima do discurso de ódio, característica do desprezo e também da ameaça, caso a mensagem tenha traços de agressão física ou psicológica. A seguir, três exemplos:

Exemplo 1:

Figura 6 - Reprodução de comentário postado no blog

Anônimo disse...

Ah, os intelectuais!

Através de palavras rebuscadas e uma análise sempre meticulosa, senhores da verdade. Pra mim é bem estarrecedor que intelectuais, com filosofia socialista/comunista/feminista/petista, que permearam este governo Lula/Dilma, durante tanto tempo, fracassaram estrondosamente e ainda não aprenderam que a sociedade tem ojeriza de sua filosofia, pelo menos na nossa nação. É igualmente estarrecedor, ver postagens em blogs como este, de pessoas que reclamam de violações de direitos, justamente na vigência deste Governo. Se são dotados de um intelecto tão privilegiado, por que não o empregaram em prol de articulações que pudessem mitigar estas tão faladas mazelas? Como uma xícara cheia, a mente de um esquerdista está transbordando de especulações que os impede de enxergar a verdade. Este movimento presente no país, sintetizado na figura de um presidenciável que vocês tanto odeiam, surgiu graças a inépcia de seus próprios correligionários. Esvaziem suas mentes, enquanto é tempo!

18 DE OUTUBRO DE 2018 16:22

Fonte: Aronovich (2008).

Exemplo 2:

Figura 7 - Reprodução de comentário postado no blog

deivison disse...



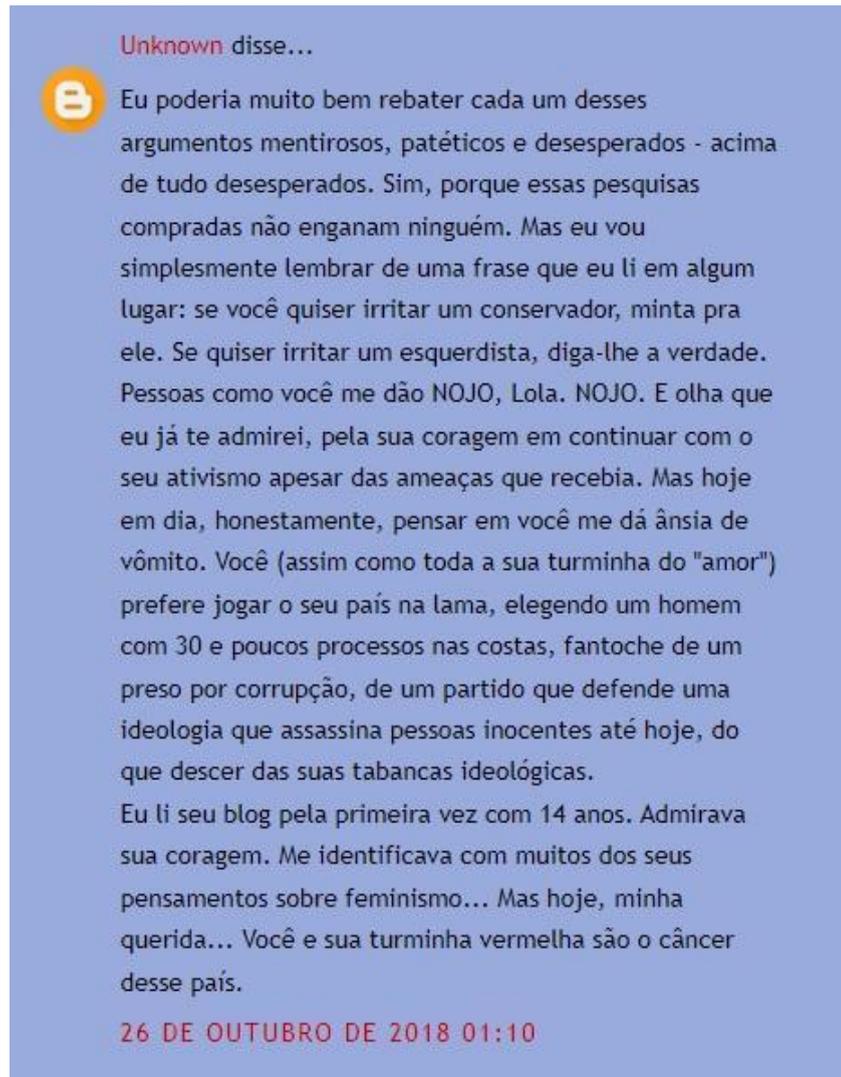
Hoje eu vou votar no meu grande líder fascista jair bolsonaro aí sim eu quero ver você lola e o resto da escória humana sair correndo com o rabo entre as pernas pois todos vocês serão expulsos do nosso país ou o melhor serão exterminados da nossa terra ( pátria ) brasileira...

28 DE OUTUBRO DE 2018 14:50

Fonte: Aronovich (2008).

Exemplo 3:

Figura 8 - Reprodução de comentário postado no blog

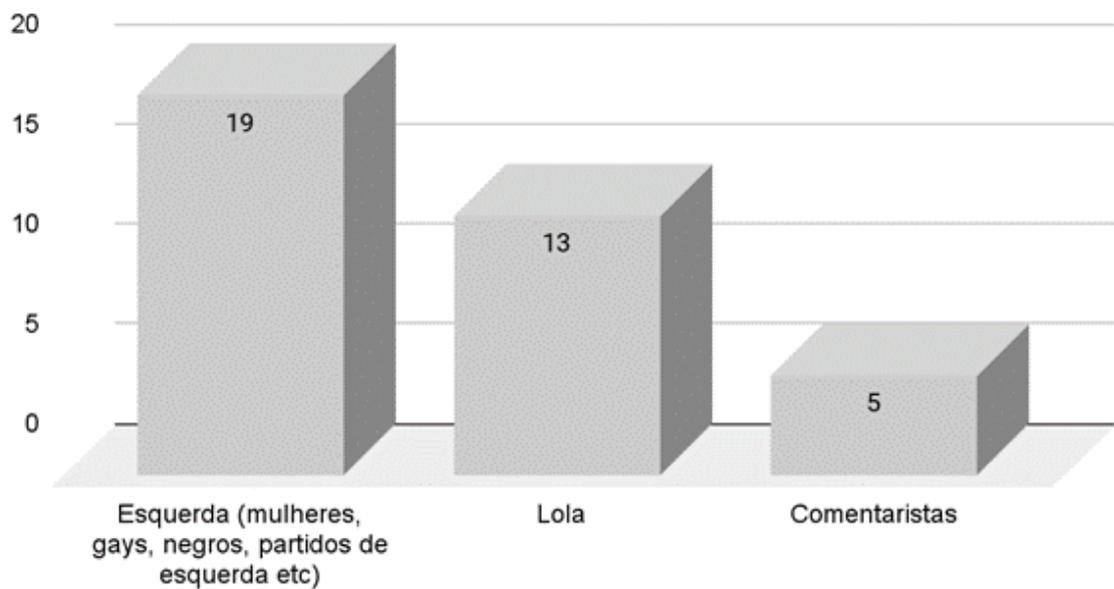


Fonte: Aronovich (2008).

No primeiro exemplo temos um caso de desprezo contra as pautas da esquerda, no segundo, ameaça contra Lola, e no terceiro, desprezo contra Lola. O que chama atenção em todos eles é o fator nojo. Os termos "ojeriza", "resto da escória humana", "exterminados", "nojo", "vômito" e "câncer" explicitam o ódio destinado. A metáfora da impureza ganha uma tradução importante, pois objetos tidos como sujos também costumam ser vistos como perigosos. Assim, a qualificação de alguém como sujo não diz apenas sobre a falta de zelo e higiene, mas sobre a chance que aquele ser tem de contaminar o restante do grupo (ANJOS, 2017), e a necessidade de ser eliminado.

Gráfico 3 – Discurso de ódio (vítima)

### Discurso de ódio (vítima)



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação a quem o ódio é destinado, as mensagens foram agrupadas em 3 grupos: Lola, comentaristas e pautas da esquerda. Como o blog não permite a marcação de um perfil (uso do @) nem possui a ferramenta “responder”, os comentários são postados um abaixo do outro e é comum que os comentaristas se refiram uns aos outros citando a hora em que o post foi postado. Por exemplo, quando dois anônimos (sem identificação de perfil) conversam:

Figura 9 – Reprodução de comentário postado no blog

Anônimo disse...

Nossa, a anon 13:04 me conhece tão bem a ponto de saber que eu quero espancar gays, matar ativistas e sabe lá o que mais. Sabe por que Haddad vai perder? Por causa de gente igual a vc que acha que qualquer um que pensar um pouco diferente de vc é fascista, homofóbico, assassino etc.

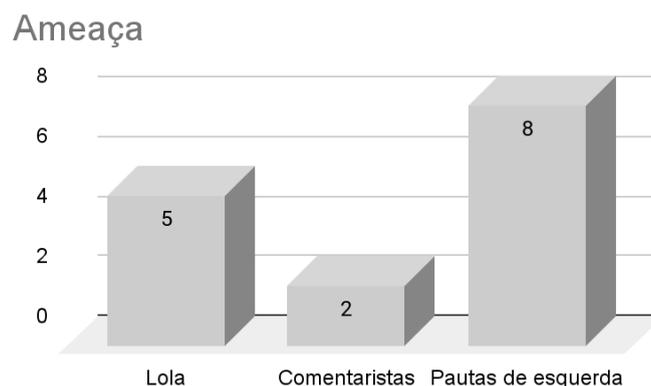
Por favor, guarde seu discurso para o dia que Bolsonaro estiver liderando o maior esquema de corrupção já descoberto na história mundial. Até lá, vou votar nele por falta de opção.

27 DE OUTUBRO DE 2018 18:38

Fonte: Aronovich (2008).

O grupo “pautas da esquerda” é mais extenso e engloba tanto a reação às causas das mulheres, quanto o ódio às causas de outras minorias. Geralmente são comentários que não se referem especificamente a algo dito por Lola ou por alguma leitora no post, mas que seria endereçado às mulheres no geral e a outros grupos que defendem pautas de minorias (aqui também entra o ódio a partidos e políticos progressistas). A aproximação do movimento feminista com outros movimentos se deu pelas pautas em comum (anticapitalismo, distribuição de renda, programas sociais) e é muito importante para o empoderamento do grupo. Cada vez mais o feminismo da diferença versus feminismo da igualdade está cedendo lugar para o feminismo da diversidade (LEÓN, 2003). A maioria do discurso de ódio atacou pautas de grupos minoritários (19). Em segundo lugar nos ataques aparece a autora (13) e em terceiro, as comentaristas (5).

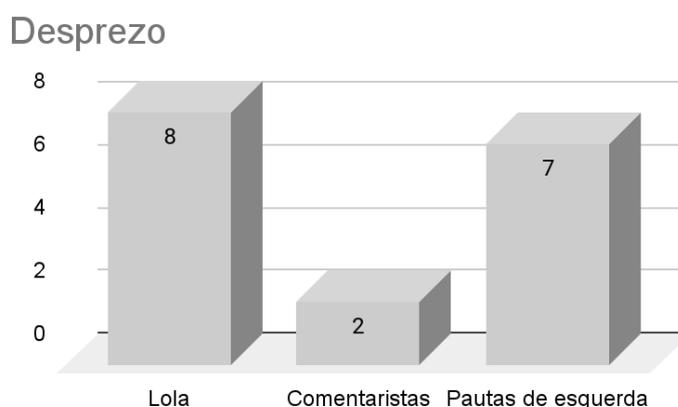
Gráfico 4 - Ameaça



Fonte: Elaborado pela autora

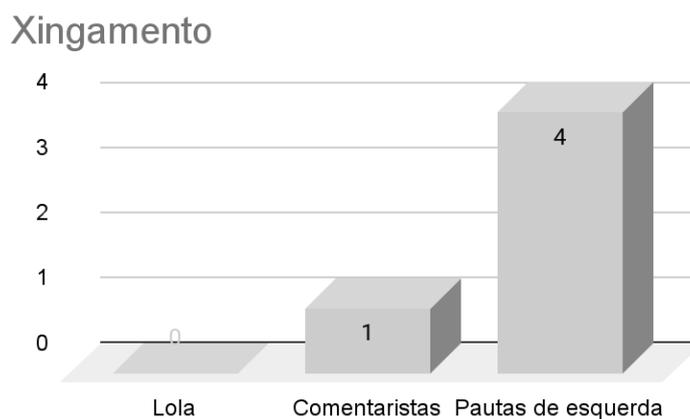
Analisando a planilha<sup>39</sup> por tipo de conteúdo de ódio vinculado separadamente à cada vítima, verifica-se que Lola recebeu 8 mensagens de desprezo, 5 de ameaça e nenhum xingamento. A categoria comentarista (as) recebeu 2 mensagens de desprezo, 2 de ameaça e 1 contendo xingamento. Já as pautas de esquerda receberam 8 mensagens de ameaça, 7 de desprezo e 4 de xingamento.

Gráfico 5 - Desprezo



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 6 - Xingamento



Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se perceber que mesmo Lola tendo se referido apenas à ameaça e ao xingamento em entrevista, no geral, mensagens contendo características de ódio contra leitoras (incluindo

<sup>39</sup> Planilha de análise Discurso de ódio/enfrentamento pode ser revisitada em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1IU\\_5hwTYEdk-CCFT8DRPSa8zSTAIWJD8k2waDFiVMGc/edit#gid=0](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1IU_5hwTYEdk-CCFT8DRPSa8zSTAIWJD8k2waDFiVMGc/edit#gid=0). Acesso em: 22 out. 2022.

o desprezo) são pouco publicadas. Apenas 5 comentários foram aceitos. Isso se deve a uma proteção dada às leitoras por parte da autora. “E aí eu já acho o cúmulo, muito abuso mesmo, porque me ameaçar já é chato, mas eu to super acostumada, agora ameaçar uma leitora que entrou pra comentar né. Ou pra xingar” (sic). Quando a vítima trata-se de Lola e da esquerda, no geral, as mensagens são mais aceitas. Foram 13 e 19 mensagens, respectivamente. A publicação de mensagens contra Lola comprova certo destemor da autora com os ataques. Já a publicação de conteúdo de ódio contra pautas da esquerda demonstra uma maneira de mostrar a violência e o posicionamento dos grupos de extrema direita para quem frequenta o blog sem ferir diretamente alguma pessoa. Deve-se considerar que o volume de mensagens contra esse grupo é maior porque a categoria engloba mais personagens.

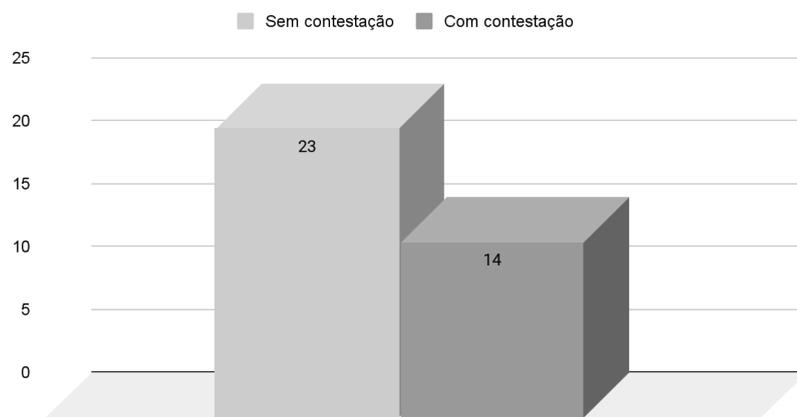
O maior volume de mensagens foi encontrado na categoria desprezo com 17 comentários e em segundo lugar a ameaça, com 15. O xingamento, que tem a característica do ódio movida pela impulsividade ou instantaneidade, foi a que menos pontuou em todas as categorias, somando 5 ataques, nenhum contra a autora do blog. A instantaneidade tem relação com o impulso ou os primeiros pensamentos contra a vítima (BROWN, 2018). Esse baixo volume pode ser entendido pela forma organizada como grupos de extrema direita se manifestam. É como se os ataques tivessem algo a mais a cumprir, não apenas insultar a vítima. Para Ruediger e Grassi (2021), as comunidades mais organizadas utilizam estratégias para a proliferação do discurso de ódio a fim de gerar visibilidade. E isso inclui habilidades linguísticas e retóricas. Pode-se concluir que os grupos que invadem blogs feministas, como o espaço da pesquisa, são organizados e não procuram apenas insultar as participantes, mas sim causar estragos maiores. Por isso, ameaça e desprezo, que são conteúdos mais intensos na escala do ódio, são mais recorrentes.

### **5.1 Táticas de enfrentamento ao conservadorismo de gênero**

O segundo momento da pesquisa consistiu no mapeamento do enfrentamento ao discurso de ódio apresentado. Foram selecionadas todas as respostas aos comentários odiosos. Dos 37 comentários selecionados como de ódio, 14 foram respondidos, totalizando 23 respostas (alguns receberam mais de uma contestação) e 23 foram ignorados sem nenhum tipo de menção ao comentarista ou conteúdo da agressão ao longo do histórico de postagens. Como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Reação ao discurso de ódio

### Reação ao discurso de ódio

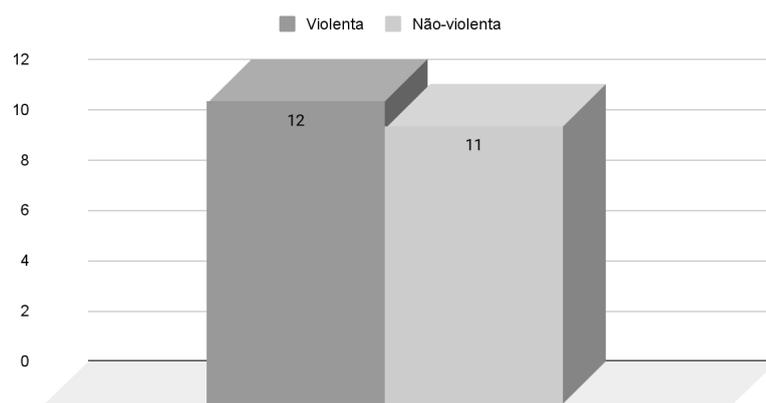


Fonte: Elaborado pela autora

Por se tratarem de comentários de discordância, a reação aos comentários de ódio foi categorizada em dois grupos: contestação violenta e contestação não-violenta<sup>40</sup>, quando esta apresentava traços agressivos e tinha tom explicativo, respectivamente. Como mostra o gráfico a seguir, das 23 respostas seleccionadas, 12 foram identificadas como contestação violenta e 11 como contestação não-violenta.

### Gráfico 8 – Contestação ao discurso de ódio

#### Contestação ao discurso de ódio



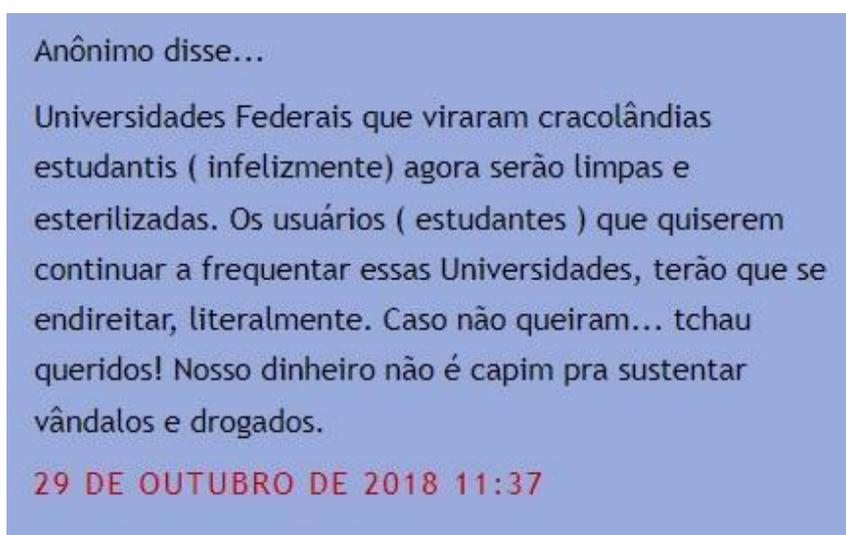
Fonte: Elaborado pela autora

Alguns comentários foram refutados por mais de uma pessoa. O debate no dia 28/10 foi o que mais gerou engajamento no período analisado, tanto com o maior número de

<sup>40</sup> Ver livro de códigos em Anexos.

comentários de discurso de ódio como também com a maior quantidade de respostas. As 10 mensagens de ódio postadas naquele dia geraram 12 reações. O título do post era “Vamos votar pra virar este segundo turno decisivo pro nosso país”, porém as discussões enveredaram para o assunto uso de drogas em universidades públicas. No recorte temporal da pesquisa, o discurso de ódio com o maior número de contestações (todas violentas) também foi postado nesse dia. O fato do dia 28/10 ser o segundo turno das eleições contribuiu para o maior acirramento de ânimos dentro do blog:

Figura 10 - Reprodução de comentário postado no blog - Discurso de ódio (ameaça)



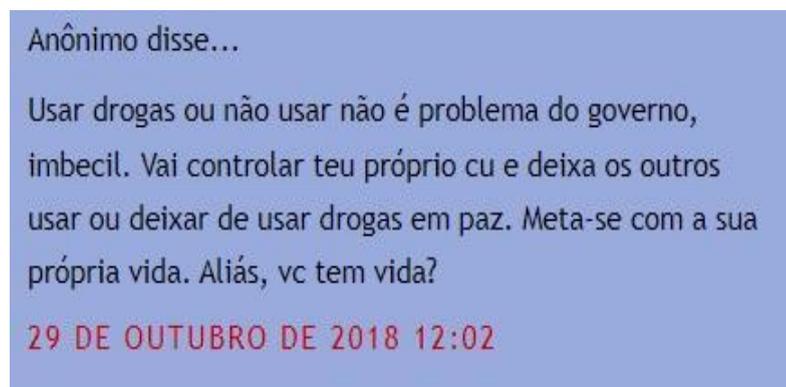
Anônimo disse...

Universidades Federais que viraram cracolândias estudantis ( infelizmente) agora serão limpas e esterilizadas. Os usuários ( estudantes ) que quiserem continuar a frequentar essas Universidades, terão que se endireitar, literalmente. Caso não queiram... tchau queridos! Nosso dinheiro não é capim pra sustentar vândalos e drogados.

29 DE OUTUBRO DE 2018 11:37

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 11 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 1



Anônimo disse...

Usar drogas ou não usar não é problema do governo, imbecil. Vai controlar teu próprio cu e deixa os outros usar ou deixar de usar drogas em paz. Meta-se com a sua própria vida. Aliás, vc tem vida?

29 DE OUTUBRO DE 2018 12:02

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 12 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 2

Anônimo disse...

Desde de quando uma pessoa não pode ao mesmo tempo usar drogas e estudar se quiser, cérebro de ameiba do caralho. Povo burro

29 DE OUTUBRO DE 2018 12:04

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 13 - Reprodução de comentário postado no blog – Contestação 3

Anônimo disse...

Sinto cheiro forte de inveja no ar de alguém sem capacidade mental de passar em concurso público

29 DE OUTUBRO DE 2018 12:05

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 14 - Reprodução de comentário postado no blog - Contestação 4

Anônimo disse...

Anon 11:34, o tchau vai ser pra vc porque com o seu QI você nem sequer entra em universidade pública. A única curso onde você consegue entrar e se formar com essa sua inteligência é o de formação de mulas.

30 DE OUTUBRO DE 2018 05:52

Fonte: Aronovich (2008).

Além das contribuições da Análise de Conteúdo para mapear o enfrentamento ao discurso de ódio no blog, também foi utilizada a entrevista semi-estruturada como método. A entrevista é indicada quando a natureza da informação diz respeito a um fenômeno que ficaria difícil ou impossível de ser observado, na busca por opiniões, expectativas e percepções e também na complementação de informações (MANZINI, 2004). Através dela foi possível coletar dados que não estavam materializados nos comentários. Na entrevista semi-estruturada prevalece a comunicação bidirecional, embora exista um roteiro com perguntas pré-definidas que servem para nortear e manter o foco da entrevista, o entrevistado fica à vontade para falar sobre temas abertos. Esta metodologia consiste em partir de perguntas básicas e principais (elaboração de roteiro) que são somadas a questões momentâneas, perguntas que vão surgindo ao longo das respostas do entrevistado (MANZINI, 2004). A entrevista semi-estruturada permite um melhor aproveitamento do tempo, uma vez que parte de um assunto de interesse e delimita o volume de informações a fim de atingir os objetivos do entrevistador, que segue para o encontro com hipóteses sobre determinado tema, podendo ser confirmadas ou não. Quando o entrevistado sai do tema, é possível trazê-lo de volta pelo roteiro. Uma das vantagens desta metodologia é que o pesquisador segue intercalando perguntas abertas e fechadas com ares de conversa informal, o que pode gerar troca afetiva entre as partes. A entrevista em Ciências Sociais em muito se aproxima da entrevista jornalística, uma vez que a comunicação humana é o grande objetivo de ambas, porém na entrevista feita pelo pesquisador existe o propósito de recuperação do tempo e do espaço do homem, enquanto no método jornalístico o presente é o mais importante (MEDINA, 2011). Há também maior rigor na aplicação do método entrevista pelo pesquisador, muito pela especialização e conhecimento teórico empregado na formação. Ainda que seja necessário acúmulo de conhecimentos por ambos os entrevistadores, o jornalista tende a aprimorar seus conhecimentos pela prática, na rotina da redação, enquanto o pesquisador em Ciências Sociais aprende técnicas e sistematiza conhecimentos (MEDINA, 2011).

Neste estudo, a entrevista com Lola Aronovich<sup>41</sup> foi feita de forma remota seguindo as recomendações de isolamento do Governo do Estado do Ceará no contexto da pandemia da Covid-19 em 2 de setembro de 2021. A entrevista foi feita por meio da ferramenta Google Meet. Lola deu detalhes sobre o processo de enfrentamento ao discurso de ódio no blog. A entrevista semi-estruturada começou com um roteiro de perguntas definidas interessadas principalmente em questões relacionadas ao enfrentamento ao discurso de ódio no blog, em como Lola e as feministas reagem diante dos ataques. Com o desenrolar das respostas, novas

---

<sup>41</sup> Entrevista na íntegra pode ser conferida em Anexos.

perguntas iam surgindo, embora o foco principal fossem as táticas de enfrentamento àquele discurso. Cruzei minha experiência profissional como apresentadora, produtora e editora em redação e como mestranda em universidade para essa entrevista.

Lola frisou que a caixa de comentários do blog passa por moderação, sendo assim, um primeiro filtro é aplicado nas mensagens. Ou seja, tudo que aparece no blog passa pelos critérios de aprovação da autora. O espaço ficou sem moderação durante os quatro primeiros anos, mas a partir de junho de 2012 as mensagens passaram a ser avaliadas antes da publicação. A repetição de comentários foi o que mais fez Lola optar pela moderação. Durante a entrevista, ela confessou que uma das atitudes que mais irritam são os comentários repetidos dos trolls. Esses são geralmente deletados. Comentários contendo ameaças ou xingamento contra leitoras também são apagados, mas a autora assume que muitas vezes faz questão de publicar esse conteúdo para que os leitores tenham acesso àquele material e possam comprovar tais ataques. Outras vezes, ainda que essas ameaças não sejam postadas em sua totalidade, as que são assinadas são separadas em arquivos no computador para futuros processos na Justiça. Logo, com a moderação, as mensagens de ódio podem ganhar visibilidade ou não, tudo fica sob o olhar da autora. Importante perceber que nada impede o efeito psicológico das mensagens sobre Lola, que precisa ler todo o material para aceitar ou não. Efeito esse que não vai ser mensurado na pesquisa, mas que é necessário ser citado.

Uma das estratégias dos grupos de ódio, segundo Lola, é a tentativa de publicação de frases soltas como “Bolsonaro 2022” ou “Bolsonaro mito” com o intuito de afrontar e desestabilizar a autora. Lola assume que pratica a censura quando afirma que esses grupos já têm muitos espaços para se manifestarem e ainda assim procuram blogs feministas para se expressarem. “Não vou deixar a caixa de comentário do meu blog só pra mascu” (sic). A caixa de comentários do blog também é usada como estratégia de divulgação de grupos de extrema direita. A autora explica que esses grupos divulgam links com frases que estimulam o clique, como “Veja que absurdo” ou “Olha que canal machista”, com a intenção de promover determinado site de ódio. Trata-se de uma estratégia de obtenção de visibilidade dos grupos de ódio, como já mencionado no terceiro capítulo, em que atores políticos são alvo das mensagens, já que possuem destaque na cena política e estão cercados dos holofotes (RUEDIGER; GRASSI, 2021).

Algumas estratégias de enfrentamento foram observadas na Análise de Conteúdo e confirmadas na entrevista, como o bloqueio de mensagens ainda na caixa de entrada contendo ameaça ou xingamento contra leitoras. Apenas três comentários no período analisado foram autorizados para publicação pela autora (dois contendo ameaça e um xingamento) e, ainda

assim, não são mensagens direcionadas a uma determinada comentarista, citando o nome da pessoa, mas ao grupo que frequenta o blog. Usam-se vocativos indiretos como “alguém aqui neste blog”, “seus burros do caralho” e “vocês”. Seguem comentários com trechos indicativos do ódio às comentaristas:

Figura 15 - Comentário referente à postagem do dia 09/10 (ameaça)

Anônimo disse...

Alguém aqui neste blog que se diz comunista chegou a morar na União Soviética? Ou em Cuba? É fácil ser comunista ou feminista num país onde podemos escrever o que queremos na internet. Pesquisem e descobrirão que no comunismo de Cuba ou da Coreia do Norte vocês feministas não teriam o direito de fazer o que fazem.

9 DE OUTUBRO DE 2018 18:17

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 16 - Comentário referente à postagem do dia 13/10 (xingamento)

Anônimo disse...

Tem candidato a presidência da república prometendo creche para mendigar voto feminino.

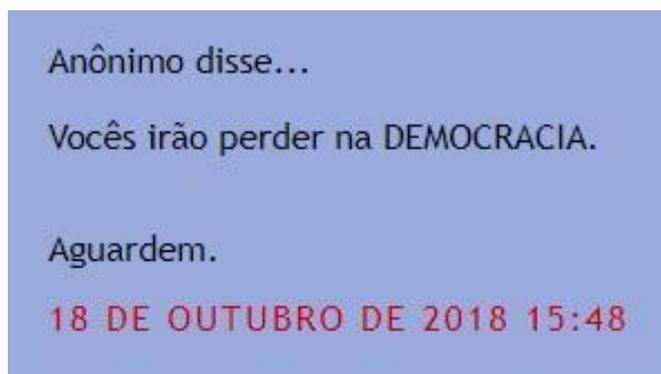
Creche? Governo federal? Desde quando creche e assunto de governo federal? Creche e assunto de prefeitura e governo do estado, governo federal cuida e de macroeconomia, escoamento de produção, setor energético, inflação, indústria, soberania nacional, geopolítica... governo federal não cuida de creche seus burros do caralho.

Agora se falarem que vão rever o pacto federativo, para que o dinheiro dos impostos fique mais nos municípios e estados, para que possam investir mais em creches e outras necessidades demandas locais.. dai sim faz sentido.

14 DE OUTUBRO DE 2018 06:36

Fonte: Aronovich (2008).

Figura 17 - Comentário referente à postagem do dia 18/10 (ameaça)

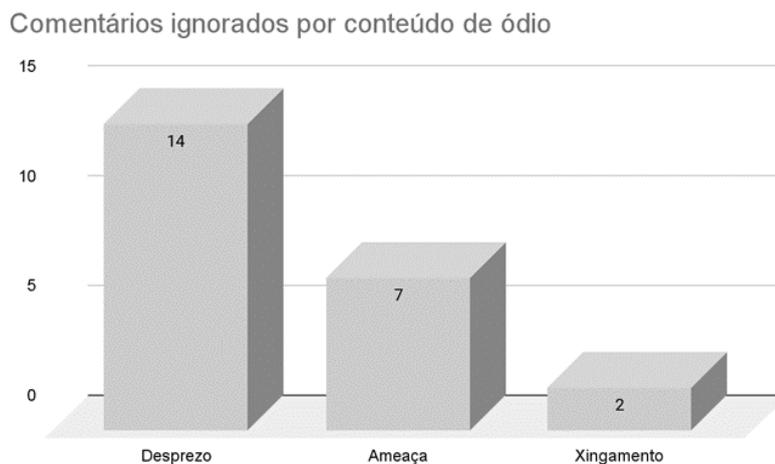


Fonte: Aronovich (2008).

Somada à moderação de comentários feita pela autora do blog, outra estratégia de enfrentamento que pôde ser confirmada na observação de dados e na entrevista foi a publicação das respostas das comentaristas que são citadas nas mensagens de ódio. Das cinco mensagens de ódio vinculadas às comentaristas, três foram respondidas. As duas que não receberam respostas não usavam vocativos diretos, ou seja, não eram direcionadas especificamente a uma comentarista, mas sim aos leitores em geral daquele espaço e usavam vocativos indiretos como “vocês” ou “seus burros do caralho”. Essa é uma tática que consiste em sempre dar voz às leitoras quando elas são ofendidas. “Tem vezes que o mascu responde alguma coisa super mal educada, xingando ela, isso eu não publico, mas eu publico a resposta dela sim. Elas eu publico sempre” (sic).

Dos 37 comentários selecionados como de ódio, mais da metade foi ignorada (23), sem nenhuma resposta. O conteúdo de ódio mais ignorado foi o desprezo (14), seguido da ameaça (7) e do xingamento (2). Logo, pode-se afirmar que as mensagens de ódio passam por filtros dentro do blog: primeiro são colocadas sob a aprovação da autora e depois correm risco de serem ignoradas ou respondidas. A principal estratégia é ignorar, mas quando o conteúdo se dirige às comentaristas, quase sempre é contestado. Em números, a contestação violenta (12 mensagens) praticamente se iguala à não-violenta (11), o que faz perceber que quando o ódio é respondido, ele não segue um padrão de contestação, podendo usar do retorno da violência ou não.

Gráfico 9 – Comentários ignorados por discurso de ódio



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise dos dados gerou como resultado três comportamentos dominantes no blog *Escreva Lola Escreva*: 1 - o blog como espaço de apoio mútuo entre mulheres; 2 - o blog como exemplo de *hotspot of contestation*; 3 - o blog como alvo de *haters* políticos. Em primeiro lugar, a pesquisa mostrou que, no período das eleições presidenciais, mesmo com o clima de disputa entre esquerda e extrema direita, o que se sobressaiu disparadamente no blog foram comentários de concordância com o pensamento da autora e das leitoras (79,9% das mensagens). Esse resultado justifica-se pela existência dessa rede social há 14 anos como espaço de troca de experiências e de apoio mútuo. No blog, é reproduzida a práxis política utilizada na Segunda Onda do feminismo, quando as mulheres se iniciavam no caminho do empoderamento através da troca de experiências nos grupos de reflexão (SARDENBERG, 2018). Agora é na Internet que as mulheres compartilham vivências e estratégias de luta. O *Escreva Lola Escreva* é um desses espaços virtuais que põe em contato milhares de internautas do país e que, pela tradição, serve de vitrine para outros blogs que têm a marca do feminismo.

Em segundo lugar em volume de mensagens (14,7%) aparece a contestação não-violenta. São comentários de discordância às visões defendidas pelo blog, mas sem conteúdo violento. A presença dessa contestação como o segundo tipo de comentário mais recorrente reforça que o blog *Escreva Lola Escreva* é um exemplo de *hotspot of contestation* (LYCARIÃO; SANTOS JÚNIOR, 2016), pois ainda que predomine a concordância entre os atores envolvidos na comunicação, existem também altos níveis de contestação em diversos *posts* da rede social. O blog funciona como um nó com múltiplas conexões ao redor, que

podem ser apoiadores ou críticos. Embora a Análise de Rede Social não tenha sido utilizada como metodologia neste estudo, foi feita tanto análise semântica dos comentários quanto mensuração da contestação não-violenta para a conquista dos resultados. Este resultado de alto grau de contestação aproxima o Escreva Lola Escreva de uma arena de debates políticos e simbólicos. “Então o que eu notei durante as eleições de 2018 não é que teve maiores ataques, mas eu achei que teve um conteúdo um pouco mais político” (sic).

Lycarião e Santos Júnior (2016) mostram como a atuação de alguns atores pode ser incômoda na Internet. Eles apresentam um método novo que combina semântica e análise de rede social para mensurar liderança de opinião em torno de uma hashtag no Twitter. Na montagem da rede de conexões em torno da hashtag #precisamosfalarsobreaborto, o perfil @lolaescreva está entre os 10 com maior densidade de conexões (análise de rede social), e tais ligações são feitas tanto por seguidores quanto por críticos (análise semântica). Esse seria um caso de *hotspot of contestation*, termo que inauguram. Este trabalho de dissertação mostra que existe repetição desse padrão também no blog. O Escreva Lola Escreva enquadra-se em um caso de *hotspot of contestation*, pois os posicionamentos de esquerda em torno de pautas progressistas no geral, não apenas da discriminação do aborto, fazem com que outros perfis adentrem o blog com a finalidade da contestação.

Em terceiro lugar em volume de comentários está o discurso de ódio. Esse se apresentou no período estudado em 5,5% das mensagens postadas. Analisando os 37 comentários de ódio publicados, pode-se concluir que o blog foi alvo de perfis com comportamento de *haters* políticos. Grupos opositoristas que se definem pela exclusão de elementos da esquerda e que acionam a retórica da intransigência contra instituições representativas da democracia (SANTOS JÚNIOR, 2014). Grupos que observam como os grandes disseminadores da esquerda se mobilizam na internet e atacam essas vozes. Logo, ainda que a voz de Lola sirva de apoio para comentaristas e leitoras do blog, ela também incomoda e estimula tanto a contestação não-violenta quanto o discurso de ódio. Nesta pesquisa Lola assume o papel principal de propagadora dos sentidos da esquerda por ser autora da maior parte do conteúdo postado (até mesmo nos *guest posts*, é ela quem faz a seleção dos textos).

Ainda sobre os comentários de ódio, 5 são reforçados pelo fator nojo. Atribuir a sujeira e a doença às mulheres que lutam por seus direitos é uma forma de afastar apoiadoras, de fazer com que cada vez menos mulheres sintam orgulho e se espelhem naquele modelo de mulher. É tentar fazer com que a outra parte, limpa, não se contamine pelas ideias revolucionárias das feministas. Para isso usa-se a estratégia do medo e do asco que o nojo

causa, fazendo com que os papéis tradicionais de gênero sejam os únicos aceitáveis e que tudo que desvirtue deles seja taxado como doentio.

Analisando a autoria do discurso de ódio, a predominância de comentários anônimos chama atenção para o anonimato como uma das características definidoras do discurso de ódio online mais recorrentes no blog. A possibilidade de esconder as características físicas do *hater* desinibe-o a ponto de falar o que não teria coragem em uma conversa offline (BROWN, 2018). Dos 37 comentários de ódio, 32 foram escritos por anônimos. Dos cinco restantes, todos possuem conta na plataforma blogspot, mas utilizam nome/apelido e não inserem foto na identificação. Dessa forma, eles usam da estratégia do anonimato para não apresentarem características físicas e se sentirem aptos a falar o que quiser sob a sensação da impunidade. Na contestação não-violenta, o anonimato também é estratégia recorrente de quem discorda de Lola e das leitoras.

## 6 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que o *Escreva Lola Escreva* é um espaço de múltiplos sentidos: é tanto um ambiente de apoio mútuo entre mulheres, quanto um espaço alvo de haters políticos e ainda um modelo de *hotspot of contestation*. O mapeamento do discurso de ódio no *Escreva Lola Escreva* mostrou que ele se apresentou principalmente no ataque às pautas da esquerda e à Lola. Houve também tentativa de ataque às comentaristas, mas o conteúdo de ódio encontrou filtros de bloqueio (enfrentamento) desde o envio das mensagens (moderação). Mesmo com a moderação dos comentários, Lola permite a publicação de discurso de ódio como uma estratégia de mostrar para o público que aquele conteúdo existe e também com a finalidade da proteção pessoal, optando pelo arquivamento das ameaças como prova para a Justiça.

A maioria do discurso de ódio publicado teve como conteúdo o desprezo, seguido da ameaça. Desprezar feministas tem o objetivo de tratá-las com inferioridade, além de retirar a humanidade de mulheres que defendem seus direitos numa tentativa de fazê-las acreditar que são indignas do convívio social. A ameaça, segundo conteúdo mais recorrente, insinua agressão física e tem como objetivo aniquilar o outro. Violência essa que não é só a física, mas também psicológica e todos os outros tipos simbólicos de agressão e submissão que contam com o amparo das instituições em uma onda de Backlash cada vez mais presente no cotidiano das mulheres. A conscientização sobre o combate à violência contra a mulher data da Segunda Onda do feminismo e ainda hoje precisa ser reiterada.

O primeiro lugar em volume de mensagens de concordância com a autora e as leitoras posiciona o blog como um grupo de solidariedade e engajamento feminista (SARMENTO, 2021) e reforça essa dimensão do ativismo feminista digital. A página pode ser entendida ainda como uma releitura dos grupos de reflexão presentes no Brasil da década de 80, onde mulheres transformavam questões pessoais em coletivas e, embora ainda não houvesse discussões em torno do termo empoderamento, já se sabia da existência de um mal-estar ou problema sem nome (FRIEDAN, 1971) que acometia até as mulheres casadas e com filhos e, conseqüentemente, tidas como bem sucedidas. Hoje é na Internet que muitas mulheres buscam por amparo para curar esse mal estar. É lá onde muitas vezes ocorre o primeiro contato com o feminismo e onde compartilham experiências na busca por serem ouvidas.

A retórica da Nova Direita se apropriou da história do direito das mulheres e construiu todo um sistema de convencimento a seu favor contando com o amparo das indústrias da moda, beleza e telecomunicações (FALUDI, 2001). A tentativa de destruição do poder social

da mulher (FEDERICI, 2017) que deixou grandes marcas durante a inquisição ainda não acabou. Portanto, o neoconservadorismo de gênero se apresenta no blog principalmente abarcando, no recorte proposto, as perspectivas do ataque ao social e ao político. Por meio da negação da ideia de construção do gênero e por meio da deslegitimação do Estado e da pregação de ideias neoliberais e de extrema direita (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020), os grupos masculinistas tentam ganhar a batalha do discurso.

Como forma de enfrentamento a essa onda de conservadorismo, as principais estratégias aplicadas nas mensagens de ódio foram: 1 - Moderar comentários, 2- Bloquear mensagens ainda na caixa de entrada contendo ameaça ou xingamento contra leitoras, 3- Publicar respostas de comentaristas que são citadas nas mensagens de ódio e 4 - Ignorar a maior parte das mensagens de ódio postadas. Dessa forma, ainda que o ódio direcionado às mulheres e às minorias (que possuem pautas complementares) não seja totalmente barrado por Lola, até como estratégia de visibilidade desse discurso, dentro do blog ele encontra obstáculos para a sua proliferação.

Este trabalho teve o propósito de contribuir com os estudos sobre a atuação de feministas na Internet. Mapear o discurso de ódio e o enfrentamento a esse discurso foi o objetivo principal desta pesquisa. Entender como as mulheres reagem diante de ataques online ajuda no rastreamento de estratégias de combate a esse discurso e na criação de novas táticas. Trabalhos futuros podem continuar se debruçando no delineamento dos discursos de ódio de gênero no ambiente online, nas diversas formas em que ele se apresenta. Tal tarefa se torna ainda mais importante diante de um ano eleitoral, onde novamente, como em 2018, extrema direita e esquerda voltam a se enfrentar nas urnas este ano. Como demonstrado, a misoginia ou ódio às mulheres, reforçadora do neoconservadorismo, procura meios de sobrevivência em um processo contínuo de atualização de discurso. Delimitar seu raio de atuação online pode aprimorar a comunicação entre mulheres e funcionar como uma bússola para novas práticas feministas digitais. Como lembra Sarmiento (2021), nomear é um ato político, por isso, é importante enfatizar a existência de uma violência digital de gênero. Foi graças à luta de mulheres para que a violência doméstica fosse nomeada e entendida como um problema coletivo que a mídia passou a utilizar o termo e difundi-lo pelo país.

Que este trabalho sirva de ponto de apoio para novas pesquisas sobre discursos antifeministas na rede e que dê ânimo para outras pesquisadoras avançarem nos estudos de Comunicação, Gênero e Política em um momento tão necessário. O feminismo nunca esteve tão popular entre as mais jovens. As mulheres não estão vivendo o pós-feminismo. O barulho

da quarta onda está invadindo as ruas, as discussões nas escolas, os debates nas redes sociais, embora se tente provar que não todos os dias.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Bruna Soares de; PEREIRA, Matheus Ribeiro. O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro. **Agenda Política**, v. 7, n. 3, p. 8-35, 2019. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/271>. Acesso em: 17 out. 2022.
- ALENCAR, Gustavo de. Evangélicos e a Nova Direita no Brasil: os discursos conservadores do “neocalvinismo” e as interlocuções com a política. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13 n. 2, p. 101-117, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12428>. Acesso em: 17 out. 2022.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- AMARAL, Adriana. Redes Sociais, linguagem e disputas simbólicas. **ComCiência**, Campinas, n. 131, 2011. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542011000700009&lng=es&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700009&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 17 out. 2022.
- ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani dos. Discurso de ódio antifeminista em páginas do facebook e as contranarrativas feministas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13., Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499181095\\_ARQUIVO\\_DISCURSODEODIOANTIFEMINISTAEMPAGINASDOFACEBOOKEASCONTRANARRATIVASFEMINISTAS.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499181095_ARQUIVO_DISCURSODEODIOANTIFEMINISTAEMPAGINASDOFACEBOOKEASCONTRANARRATIVASFEMINISTAS.pdf). Acesso em: 17 out. 2022.
- ARONOVICH, Lola. **Escreva Lola Escreva**. [Fortaleza], 2008. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/>. Acesso em: 19 out. 2022.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BENNETT, Jessica. **Clube da luta feminista: um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista)**. Rio de Janeiro: Fabrica231, 2018.
- BIROLI, Flávia. A reação contra o gênero e a democracia. **Revista Nueva Sociedad**, [s. l.], n. 2019, dez. 2019. p. 76-87. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/reacao-contra-o-genero-e-democracia/>. Acesso em: 17 out. 2022.
- BIROLI, Flávia. The Backlash against Gender Equality in Latin America: Temporality, Religious Patterns, and the Erosion of Democracy. **Lasa Fórum**, [s. l.], v. 51, p. 22-26, Spring, 2020. Disponível em: <https://forum.lasaweb.org/files/vol51-issue2/Dossier1-3.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020. 224 p.

BROWN, Alexander. What is so special about online (as compared to offline) hate speech? **Ethnicities**, v. 18, n. 3, p. 297-326, 2018. Disponível em: <https://ueaeprints.uea.ac.uk/id/eprint/64133/>. Acesso em: 17 out. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 325 p.

CHALOUB, Jorge; LIMA, Pedro; PERLATTO, Fernando. Direitas no Brasil Contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 9-21, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/13988>. Acesso em: 17 out. 2022.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-42, 2016. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/>. Acesso em: 14 out. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017. 196 p.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisam categorias e feminismos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: PUCRS, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/midia-e-questoes-de-genero-no-basil-pesquisa--categorias--feminismo#>. Acesso em: 15 out. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Comunicação e Gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 14-29. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/1465>. Acesso em: 17 out. 2022.

FALUDI, Susan. **Backlash**: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FEDERICI, Silvia. Caça às bruxas, passado e presente e o medo do poder das mulheres. **Caderno de leituras**, [s. l.], n. 63, 2017. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno63/>. Acesso em: 17 out. 2022.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GENTILE, Fábio. Uma direita “plural”: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea. In: FARIA, Fabiano Godinho; MARQUES, Mauro Luiz Barbosa (org.). **Giros à direita**: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador. Sobral: SertãoCult, 2020. p. 222-240. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/handle/deposita/166#preview-link0>. Acesso em: 17 out. 2022.

- HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100012>. Acesso em: 17 out. 2022.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de; COSTA, Cristiane. Rede. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.
- HOLLANDA, Heloísa; BOGADO, Maria. Rua. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **La Ventana**, Guadalajara, v. 2, n. 13, p. 94-106, 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5202169>. Acesso em: 17 out. 2022.
- LEÓN, Magdalena. FSM: espacio para la construcción de feminismos. **Estudios feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 616-622, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/L5vgyKyHMXXkYP5VhpnkpRJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.
- LIMA, Quézia dos Santos. Blogueiras feministas e o discurso de divulgação do feminismo no ciberespaço. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 6., 2013, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRS, 2013. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/BlogueirasFeministasEODiscurso.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.
- LYCARIÃO, Diógenes; SANTOS JÚNIOR, Marcelo Alves dos. Bridging semantic and social network analyses: the case of the hashtag #precisamosfalarsobreaborto (we need to talk about abortion) on Twitter. **Information, Communication & Society**, p. 1-18. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1168469>. Acesso em: 19 out. 2022.
- MAITINO, Martin Egon. “Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. **Plural**, v. 25, n. 1, p. 111-134, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649769992007/html/>. Acesso em: 17 out. 2022.
- MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: USC, 2004. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acesso em: 17 out. 2022.

MARTINS, Marina Solon Fernandes Torres. **O Pessoal é Político**: ciberativismo do Instituto AzMina no combate à violência doméstica. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/63838>. Acesso em: 17 out. 2022.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2011.

MERCURI, Karen Tank Mercuri. **Linchamentos virtuais**: paradoxos nas relações sociais contemporâneas. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) –Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630034>. Acesso em: 17 out. 2022.

MOREAU, Elise. What is a hater? **Liveabout**, [s. l.], 20 mar. 2019. Disponível em: <https://www.lifewire.com/what-is-a-hater-4589594>. Acesso em: 28 mar 2021.

MOTA, Fernanda Ferreira; BIROLI, Flávia. O gênero na política: a construção do “feminino” nas eleições presidenciais de 2010. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 197-231, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/FpvVX8NYtKskCgGYFXwD5MN/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 out. 2022.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 107-128, 2001. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/4117>. Acesso em: 17 out. 2022.

NOGUEIRA, Conceição. O gênero na psicologia social e as teorias feministas: dois caminhos entrecruzados. In: PORTUGAL, Francisco Teixeira; JACÓ-VILELA, Ana Maria (org.). **Clio-Psyché**: gênero, psicologia, história. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2012. p. 43-68.

OLIVEIRA, André Silva; LEITE, Breno Rodrigo de Messas; MARQUES, Rodolfo Silva. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas mídias sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 245-269, set./dez, 2021. Disponível em: [https://pliniocorreadeoliveira.info/TD\\_TFP\\_2021\\_As\\_novas\\_direitas\\_no\\_Brasil.pdf](https://pliniocorreadeoliveira.info/TD_TFP_2021_As_novas_direitas_no_Brasil.pdf). Acesso em: 17 out. 2022.

OLIVEIRA, Jessica Freitas de. **Discurso de ódio misógino no blog Escreva Lola Escreva**: o tratamento jurídico do tema à luz da criminologia feminista. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23063>. Acesso em: 17 out. 2022.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIZZOTTO, Carla Candida. Discursa, Lola, discursa: estratégias discursivas de um blog feminista. **Galáxia**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 248-261, dez. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/gal/a/dhTVKzMKHmFvKKWjWdNz6hF/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.

RIZZOTTO, Carla Candida; MEYER, Natasha; SOUSA, Fernanda Castro de. Ativismo digital: uma análise da repercussão de campanhas feministas na Internet, **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rzm.v5i1.8604>. Acesso em: 17 out. 2022.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? *In*: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. Boitempo, 2018a. p. 47-52.

ROCHA, Camila. **“Menos marx, mais Misses”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018b. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/pt-br.php>. Acesso em: 17 out. 2022.

RODRIGUES, Laís Modelli. **Blogs coletivos feministas**: um estudo sobre o feminismo brasileiro na era das redes sociais na Internet. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/148674>. Acesso em: 17 out. 2022.

RUEDIGER, Marco Aurélio; GRASSI, Amaro (coord.). **Discurso de ódio em ambientes digitais**: definições, especificidades e contexto da discriminação on-line no Brasil a partir do Twitter e do Facebook. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/30397>. Acesso em: 17 out. 2022.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 26, n. 66, p. 31-47, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-987318266602>. Acesso em: 17 out. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Marcelo Alves dos. A Rede de Oposição Radical no Facebook: cartografia e apontamentos sobre os haters políticos. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 15, n. 38, p. 309–324, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324618520\\_A\\_Rede\\_de\\_Oposicao\\_Radical\\_no\\_Facebook\\_cartografia\\_e\\_apontamentos\\_sobre\\_os\\_haters\\_politicos](https://www.researchgate.net/publication/324618520_A_Rede_de_Oposicao_Radical_no_Facebook_cartografia_e_apontamentos_sobre_os_haters_politicos). Acesso em: 17 out. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Marcelo Alves dos. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15381>. Acesso em: 17 out. 2022.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, p.15-29, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>. Acesso em: 17 out. 2022.

SARMENTO, Rayza. **Das sufragistas às ativistas 2.0**: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AQKHD4>. Acesso em: 17 out. 2022.

SARMENTO, Rayza. Estudos feministas de mídia e política: uma visão geral. **BIB**, São Paulo, n. 87, p. 181-202, 2018. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/463>. Acesso em: 17 out. 2022.

SARMENTO, Rayza. Ativismo Feminista Online: mapeando eixos de atuação. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 7, n. 1, p. 19-37, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rsulacp/article/view/20245>. Acesso em: 17 out. 2022.

SARTI, Cynthia Andersen. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 31-48, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/bXgPpjfNGXzK8J5WV3JjjYS/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QVnKzsbHFngG9MbWCFPPCv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.

SILVA, Fabricio Pereira da. Quinze anos da onda rosa latino-americana: balanços e perspectivas. **Observador On-line**, v. 9, n. 12, 2014.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.

SPONHOLZ, Liriam. O papel dos discursos de ódio (online) na ascensão da extrema direita: um aporte teórico. **Confluências**, Niterói, v. 22, n. 3, p. 220-243. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/8038>. Acesso em: 17 out. 2022.

STROMQUIST, Nelly. Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento: novos avanços. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 301-320. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/thpHdq6KYxbFfdCXY8GfhDc/?lang=pt#>. Acesso em: 17 out. 2022.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

## ANEXO A - LIVRO DE CÓDIGOS DISCURSO DE ÓDIO

01. Os comentários foram analisados a partir de dois grupos de características definidoras:

**CONTEÚDO (O QUÊ):** Como o ódio se apresenta em determinado comentário; qual a principal característica daquele texto, o teor da mensagem.

**VÍTIMA (QUEM):** A quem o ódio é destinado; quem é a pessoa/instituição vítima do ódio.

02. CATEGORIAS DO CONTEÚDO:

A) **AMEAÇA:** se caracteriza pela intenção de intimidar, aterrorizar o outro ou de barrar direitos. Comentários desse tipo sinalizam agressão psicológica ou insinuam ameaça física. Nos textos, ela fica clara quando existe finalidade de aniquilar/expulsar o outro.

B) **DESPREZO:** identificado pela forma de menosprezar, ironizar ou se referir ao outro com inferioridade. Também se apresenta com o intuito de tirar a humanidade do próximo e tratá-lo como ser abjeto, indigno do convívio social.

C) **XINGAMENTO:** é o ato de desqualificar o destinatário da mensagem e é a forma mais clara de identificação entre as categorias, uma vez que são usados palavrões ou palavras de baixo calão explicitamente.

**FATOR NOJO:** O nojo não é uma categoria nesta pesquisa, mas sim uma característica reforçadora do ódio, que pode estar presente tanto na ameaça quanto no desprezo. Foi uma estratégia recorrente usada em seis comentários de ódio. Trata-se de retirar a humanidade do destinatário da mensagem e compará-lo a uma doença ou sujeira, algo que faz mal à vida.

**CATEGORIAS INDEPENDENTES:** Na tentativa de simplificar e evitar confusões de categorização, nos casos em que a ameaça ou o desprezo se apresentam com o uso de palavrões, opta-se por enquadrar o comentário na categoria xingamento, pela característica definidora dessa categoria. Porém, esta condição de cruzamento de categorias não se apresentou na análise. Já nos casos em que o comentário carrega traços de ameaça e desprezo, em uma escala de ódio, a ameaça se sobressai pelo grau de violência exposto. O xingamento

tem como característica a impulsividade, o “calor” do momento, o descontrole emocional, os primeiros pensamentos contra a vítima. Por isso estaria em um nível mais baixo na escala. Em uma ordem de ódio, tem-se o esquema a seguir: ameaça > desprezo > xingamento.

03. CATEGORIAS DA VÍTIMA: O endereçamento do ódio fica claro com o uso de vocativos nas mensagens ou na referência a atitudes/modos de pensar/opção política da vítima.

- A) **LOLA:** A autora do blog é criticada.
- B) **COMENTARISTA(S):** São comentários de resposta a alguma comentarista específica do blog ou se referindo às participantes daquele espaço.
- C) **ESQUERDA:** Aqui entra o todo o público que é defendido por Lola e leitoras: minorias no geral como mulheres, negros, gays e índios, além de feministas, PT, Lula, partidos de esquerda, políticos com agenda progressista e movimentos sociais.

**Acesso planilha** Discurso de ódio/enfrentamento: [encurtador.com.br/lxNU6](http://encurtador.com.br/lxNU6)

**Acesso planilha** Contestação não-violenta: [encurtador.com.br/agB67](http://encurtador.com.br/agB67)

## ANEXO B - LIVRO DE CÓDIGOS ENFRENTAMENTO AO DISCURSO DE ÓDIO

01. Os comentários de resposta às mensagens de ódio foram analisados a partir do conteúdo da contestação:

**CONTESTAÇÃO VIOLENTA:** quando a resposta apresenta traços de agressividade, acusação ou xingamento. Entende-se por contestação a resposta dirigida ao enunciador do discurso de ódio, a pessoa que pode ter atacado Lola, alguma comentarista ou a esquerda. Ou seja, quando o comentário de enfrentamento xinga ou cita personagens de direita com desdém, esse não se insere obrigatoriamente nesta categoria, uma vez que a violência da contestação é analisada tomando por base a réplica a quem proferiu o discurso de ódio. Para haver contestação violenta é preciso que o comentário de enfrentamento agrida/acuse/xingue quem proferiu o ódio.

**CONTESTAÇÃO NÃO-VIOLENTA:** quando a resposta tem tom explicativo sem agressão explícita.

**OBS:** Não foi utilizada a categoria discurso de ódio na categorização dos comentários de enfrentamento pois parte-se da justificativa de que o discurso de ódio é estratégia da direita (SPONHOLZ, 2020). A reação a esse discurso trata-se de defesa ao posicionamento da esquerda. Tais reações só foram expostas porque foram provocadas, ou seja, primeiro houve agressão por parte dos grupos masculinistas (de extrema direita). Mesmo as respostas mais violentas só foram feitas porque houve primeiro um ataque do outro lado.

## ANEXO C - ENTREVISTA COM LOLA ARONOVICH

**Larissa:** Você fala que o blog não tinha moderação nos quatro primeiros anos e logo em seguida você passou a moderar esses comentários. Qual o tipo de moderação que você faz? O que é que você não deixa ser publicado no seu blog? É ofensa? É xingamento? Que tipo de moderação é essa que você faz?

**Lola:** Nos primeiros quatro anos e meio do meu blog até junho de 2012 não tinha moderação nenhuma. De vez em quando eu deletava algum comentário principalmente ameaçando leitoras, porque tem muito troll que entra não só me ameaçando, mas ameaçando leitoras também. E aí eu já acho o cúmulo, muito abuso mesmo, porque me ameaçar já é chato, mas eu to super acostumada, agora ameaçar uma leitora que entrou pra comentar né. Ou pra xingar. Outra coisa que me deixava extremamente chateada também era, por exemplo, eu sempre publiquei guest post no meu blog né. Posts de pessoas convidadas que escreviam sobre suas próprias experiências, suas vivências e tal. Aí aparecia alguém pra dizer que era fanfic, que era mentira, que a pessoa tava inventando isso daí ou que eu era a autora, eu tava escrevendo em nome de outra pessoa. Essas coisas sempre me deixavam superchateada sabe, porque tão duvidando da minha honestidade, mas também de um relato que em muitos casos é um relato de estupro, é um relato de alguma experiência bem violenta que a pessoa sofreu. E vem alguém típico, por que isso acontece direto, pra negar que isso aconteceu ou que a pessoa estava mentindo, então isso eu bloqueava. Mas o que me levou a moderar realmente a partir de junho de 2012 é que não só tinha esses trolls de sempre, mas começou a ter muito troll também que vinha só realmente pra perturbar, por exemplo, repetir o mesmo comentário cem vezes. Por algum motivo, por alguma carga d'água que eu não entendo o blogspot que é onde o meu blog tá situado, sei lá né, não proíbe comentários repetidos. Eu sei que, por exemplo, o Wordpress, eu sei porque eu já tentei fazer comentário, faz muito tempo, mas uma vez eu já tentei fazer comentário e se você tem dúvida se seu comentário foi publicado ou não, sabe? Aí você tenta comentar de novo. Você “copy and paste” e você tenta comentar de novo. E o que o Wordpress fala? Ele escreve que você já falou isso e não permite que você repita o comentário, acho ótimo, maravilhoso né. Infelizmente o blogspot não tem isso. Então ele permite que você escreva o mesmo comentário cem vezes. Então tinha troll que vinha, literalmente, não tô exagerando, e escrevia cem vezes o mesmo comentário. Ou me xingando ou xingando alguma leitora, ou falando qualquer coisa, sabe? Até não era o caso na época,

mas hoje tem. Tipo Bolsonaro 2022. E pra você ver um comentário válido, você vai ter que passar por cem comentários repetidos horrorosos. E deletar cada comentário, um por um, tava muito difícil, então era melhor você permitir que eles não fossem publicados, mais rápido você permitir que eles não sejam publicados do que você deletar depois. Então foi por isso que eu comecei a moderar comentários. Hoje em dia ainda tem comentários repetidos né, que é bem chato, bem desagradável. Isso me revolta mais do que qualquer palavrão, do qualquer ameaça. Comentário repetido é um saco. Tem spam, tem vezes que eu acho que quem coloca meu nome em spam são os mascus também, porque tem vezes que eu recebo muito telefonema também com outro nome, telefonema de cobrança pra minha casa, gente que eu nunca ouvi falar, eu acho que eles conseguem ter acesso a isso e colocam só pra encher o saco aí você começa a receber telefonemas que não tem nada a ver com você. Então eu acho que eles fazem isso também de mencionar algum spam né, tipo “curo seu amor em dez dias” essas coisas ou senão falando que algum cara que resolveu o problema dele, sei lá. Então tem muito spam que infelizmente o blogspot também não identifica como spam, então, não é que o blogspot identifica automaticamente como spam, eu como moderadora tenho que deletar. Que mais que eu faço? Eu tenho spam.

**Larissa:** Xingamento, ofensa?

**Lola:** Xingamento, ofensa, ameaça. Algumas ameaças eu até deixo para que as pessoas vejam o que está acontecendo, as ameaças que eu recebo, mas em geral não, em geral eu delecto. Tem vezes também que, tem muito disso, é assim “denuncie, por favor denuncie” e aí fala “Esse canal do Youtube é super machista, denuncie”, mas na verdade a pessoa tá divulgando o canal. Talvez as intenções da pessoa até sejam boas, mas você acaba divulgando o canal. Então você vai ter o canal publicado nos comentários do meu blog. É só clicar e entrar no canal. Então eu tô divulgando o canal.

**Larissa:** Ou seja, é uma forma de divulgar conteúdo também né!

**Lola:** É o que eles mais fazem. O jeito como os mascus mais divulgavam o site de ódio deles era justamente assim. Era entrando em páginas no Facebook e em outras páginas né, qualquer rede social, geralmente até de feministas, de LGBT, movimnto negro, sites progressistas em geral e colocar “Olha que absurdo!” e aí colocava o link pro blog, pro site de ódio. Esse é o jeito que eles sempre fazem para viralizar, então eu entendo que algumas pessoas realmente achem que é absurdo, mas muitas vezes quem tá fazendo isso é a própria pessoa pra divulgar o site de ódio. Aí eu prefiro deletar, às vezes eu explico né, eu falo “por favor só denuncie,

denuncie você mesma, mas sem divulgar”. Então isso tem muito né, esse tipo de coisa. Às vezes também tem uma pessoa acusando outra, por exemplo, um mascu falando de um caso né, de um cara que ele até quer denunciar, eu acredito até de repente que as intenções são boas, mas ele tá colocando o nome do cara aqui no meu blog sabe e aí o cara pode me processar. E isso tem muito. Tem muito comentário de blog no meu blog que acaba aparecendo na wikinet sabe . O wikinet é tipo uma wikipedia dos chans, que eu entendi, dos mascus né. Então qualquer coisa que sai que eles acham interessante, eles printam e depois colocam lá, como se fosse uma evidência. E é um comentário né. Então às vezes eu acho que tô dando voz pra eles. E a minha postura é quase sempre de não responder, então eu não respondo, eu só delete. Eu não quero diálogo com essa gente. Não falo com eles. Então é isso. Que mais que eu bloqueio? Xingamentos, ameaças, às vezes também eu fico muito cansada de algumas coisas né. Por exemplo, o cara vem falar “Bolsonaro 2022” ou o cara vem falar qualquer coisa e é só pra falar que o Bolsonaro é mito, aí eu bloqueio sabe. Ele já tem vários lugares pra se expressar, não precisa vir se expressar num blog feminista sobre isso. E tem muitas coisas que são muito típicas de comentários deles. E aí até uma época eu pensava “Tá, é liberdade de expressão, vamo deixar que eles se manifestem também”, mas aí chega uma hora que cansa sabe. Então aí eu falo “Não, eu não vou publicar essa droga”, aí eles ficam revoltados né, escrevem sobre censura, que eu tô censurando os comentários deles e tudo mais. E eu tô, eu tô censurando mesmo. É que assim, quando eram duzentos comentários sabe, era uma coisa. Então eu publicava praticamente tudo mesmo. Inclusive as coisas deles. Mas agora que são poucos comentários, são tão poucos, muitas vezes se deixar são só eles falando, só os mascus. Então eu vou deixar a caixa de comentário do meu blog ficar só pra mascu? Não, então bloqueio mesmo. Bloqueio não, não deixo moderar.

**Larissa:** Como você faz essa moderação? É no fim do dia ou você tá sempre entrando?

**Lola:** Isso, tô sempre entrando. Quando eu dou uma atualização no blog né, sempre que eu posso né, agora realmente não tem muitos comentários, mas sei lá né, a cada duas horas por aí, eu dou um restart na caixa de comentários, se aparecer alguma coisa eu permito na hora. Mudou uma coisa na caixa de comentários nos últimos meses do blogspot, ficou mais difícil de mexer, tá bem ruim, mas é isso né. É uma caixa geral com todos os comentários, aí tem os comentários publicados, tem o spam, e tem outro que você realmente deleta o comentário e não aparece mais. Por exemplo, algumas ameaças eu tiro print antes de mandar pro spam. Eu tenho arquivo com ameaças no meu computador. Pode ser interessante se eu quiser processar algum mascu mais pra frente, porque alguns assinam.

**Larissa:** Agora focando um pouco mais no ano de 2018. Não sei se você consegue lembrar desse período, do período da campanha presidencial. Você saberia dizer se nesse período teve maior ataque em relação aos outros anos, levando em consideração que essas questões estavam mais acirradas, direita e esquerda? O blog segue uma linha, digamos assim, esses ataques são constantes. Ou não, tem período que para tem período que bate mais forte. E se a maioria desses comentários também tinham relação com o nome do Bolsonaro, você fala que muitas vezes o povo coloca só “Bolsonaro 2022” né.

**Lola:** Como eu te falei né, qualquer blog ativista vai ter sempre a sua cota de comentários de ódio né. Então sempre vai ter gente ameaçando, gente xingando né, isso direto desde o começo do blog. Agora durante a campanha política, geralmente durante qualquer campanha, durante as eleições, aí fica uma polarização maior. E talvez né, porque é aquele negócio, os mascus eles são de extrema-direita, então eles são automaticamente eleitores do Bolsonaro. Eles são contra mulheres na política, então eles são contra todas as mulheres na política, não importa se for mulher de direita. Eles acham que mulher nem deveria poder votar. Então pra eles é comum se posicionarem. Mas a gente nota que durante as eleições houve uma polarização maior. Então o que eu notei durante as eleições de 2018 não é que teve maiores ataques, mas eu achei que teve um conteúdo um pouco mais político, digamos assim, de gente falando assim: “falta pouco pra você ser morta, porque o Bolsonaro vai ganhar então aí sim vai acabar com você ou se não pra você ser presa ou se não daqui a pouco você vai estar passeando de helicóptero”. Eles falam isso porque o Pinochet, por exemplo, é conhecido por tratar muitos dos seus presos políticos assim né, ele mandava pra um passeio de helicóptero e jogava as pessoas do helicóptero. Tem muitos casos assim. Então era gente que sabia dessas histórias. Eu conheço e eles também conhecem essas histórias da ditadura em outros lugares inclusive. Ou por exemplo no dia da votação, na véspera, sei lá, que cada voto seja um rato enfiado na vagina de vocês porque eles sabem que o Ustra, por exemplo né, ele torturava dessa forma. Eu até anotei algumas ameaças políticas que depois eu posso mandar pra você. Eu anotei algumas. Eu acho que eu dei uma palestra em Brasília em 2018, foi pouco depois das eleições e eu até anotei algumas ameaças desse tipo, alguns comentários pra falar com as pessoas então eu mando pra você. Então é esse tipo de ameaça que era muito referente às eleições. Então sempre direcionando com morte, estupro, tortura. “Agora sim as coisas vão mudar”, então eram coisas desse tipo.

**Larissa:** Fazendo uma comparação agora do blog com o Twitter, você é super ativa também no Twitter. Daria pra gente dizer se eles atacam mais no Twitter ou no blog? Ou não você acha que em todas as redes sociais têm a presença deles?

**Lola:** É muito difícil de eu saber, porque assim, o Twitter é uma plataforma totalmente diferente. O blog, como eu falei, eu posso até não aceitar um comentário, mas eu não tenho como proibir essa pessoa de se manifestar lá. Então, no mínimo, eu vou ter que sempre ler o comentário dele na hora de moderar. Não existe isso pelo menos no blogspot. Eu teria que por exemplo proibir os comentários anônimos. Mas aí o cara abre com qualquer outro perfil, o cara cria perfil fake, é a coisa mais fácil do mundo. Então não adianta nada, mas no Twitter é um pouco diferente, porque no Twitter é muito mais gente. Eu sou seguida por mais de 170 mil pessoas e eu não faço ideia de quantas pessoas lêem o blog atualmente. Eu não tenho mais marcador, sabe, de visitas, faz muito tempo. Deve fazer pelo menos, sei lá, uns 7 anos que eu não sei mais. Então eu não tenho nenhum jeito de medir quantas pessoas tão indo ao blog. Não faço a menor ideia, mas no Twitter a gente vê quantas pessoas tem, quantas vezes um comentário recebeu um like, um retweet, coisa assim. E o Twitter é muito mais fácil né, porque no Twitter é muito fácil bloquear alguém. Então alguém aparece pra te xingar, pra te ameaçar, você bloqueia automaticamente. É uma pessoa que em geral é um fake né, não é um nome real, então você nunca ouviu falar dessa pessoa e aí você bloqueia e nunca mais ouve falar. Então é muito legal. Tem de bom que é muito rápido você se livrar daquela pessoa, daquela ameaça. Quase nunca denuncio, porque não leva a nada. Quase todas as vezes que eu denunciei foi falando que não violou as regras, aí eu fico “como não violou as regras?”. O cara tá publicando uma foto minha de quando eu era criança e falando que queria ter me estuprado naquela época. Como assim não viola as regras? Aí você fica assim “o que precisa para violar as regras?” Tá usando uma foto minha sem autorização, uma foto que tá nas minhas redes e ainda por cima tá me ameaçando. Mesmo que não tivesse me ameaçando tá falando de estupro infantil. Então eu não denuncio em geral, mas é muito rápido bloquear. Eu sei que tem muitos mascus no Twitter, eu não tenho como saber quem eles são, porque eles todos usam perfis fakes, então não dá pra saber. Alguns a gente acaba vendo né pela linguagem, porque tem uma linguagem muito específica deles, um vocabulário muito específico, você já sabe quem são. Bolsonarista eu bloqueio todos. E tem vezes que eu não quero ser seguida por ninguém de direita. Nem de direita nem de extrema direita, MBL, bloqueio tudo né. Não quero saber, não quero ter nenhum tipo de diálogo, de contato com essa gente. Então eu bloqueio todos, muito rápido. Às vezes eu dou um também, tipo a pessoa não

me xingou, de repente a pessoa nem sabe que eu existo mas eu tava vendo alguns comentários na Maria do Rosário, por exemplo, aí eu vejo um cara xingando Maria do Rosário, aí eu bloqueio. Pra que eu quero? Então no Twitter eu bloqueio algumas pessoas com quem eu nunca falei também e vice-versa. Mas é diferente, o Twitter é muito mais rápido. A minha experiência no Twitter melhorou muito desde que eles verificaram a minha conta, desde que eles autenticaram a minha conta. Sabe aquela coisinha azul lá? Eu não sei exatamente quando foi, acho que foi em 2019, uma coisa assim. Então pra mim melhorou muito, porque antes disso toda semana tinha algum perfil que me imitava, sabe, com minhas fotos, com alguma mudança mínima do meu nome. Aí você tinha que denunciar, muitas denúncias você tinha que mandar uma cópia da carteira de identidade, sabe, nas denúncias pra eles saberem que é você. Então tinha um monte de coisa. Agora com o negócio autenticado fica muito mais simples, também tinha muita gente que escrevia coisas tipo, isso é super comum, super fácil de fazer, eles escrevem qualquer Tweet como se fosse uma resposta a mim sabe, como se eu tivesse feito aquele negócio. Então eles colocam como se fosse RT, alguma coisa que eu não disse. E aí eles divulgam isso. Então eles faziam isso direto também. E com o perfil autenticado isso diminuiu muito, porque a pessoa entra e vê que eu não escrevi nada disso. Eles ainda falam que eu escrevi aquilo, mas eu deletei em seguida, que eu fiquei com vergonha e deletei em seguida, mas eles são muito rápidos, então eles tiraram print. Isso ainda acontece, mas com uma frequência muito menor do que antes da autenticação.

**Larissa:** Voltando agora pro blog, com relação às comentaristas feministas, mulheres que apoiam o seu posicionamento. Você tem percebido que o número de leitoras e comentaristas caiu ao longo dos anos? Você notou uma queda?

**Lola:** O ápice do meu blog, quando ele teve mais comentários e visitas foi em 2013, então já faz muito tempo. Eu acho que em todos os blogs diminuiu, que tem muito menos comentários hoje do que tinham antes, que os blogs perderam a sua importância, sua influência, principalmente por causa do Facebook, muitos comentários migraram pro Facebook. Então as pessoas deixam de comentar naquele post no blog e vão comentar no Facebook. As pessoas deixaram bastante de visitar os blogs, e aí o meio visual ficou muito mais forte, no Instagram, no Youtube. Tem gente que não quer ler nada que tenha mais de um parágrafo. Então acho que isso não é exclusivo do meu blog. Então realmente não notei nenhum momento específico que os comentários foram caindo. Foram caindo com o tempo, mas não tem comparação e também não é assim de cara. Em 2018 não tinha um número de comentários que fosse o mesmo de 2010, 2013 sabe? Realmente eu acho que o auge foi em 2013, quando tinha muitos

comentários e os comentários do meu blog eram incríveis. Eram muitas vezes muito melhores do que o post em si. Tinha uma gama de debates muito ampla, muito bacana, tinham muitos comentários que eu aproveitava e fazia outro post só com aqueles comentários. Mas eu acho que teve assim até 2015 por aí, não sei depois. Realmente foram caindo o número de comentários, mas eu não acho que é uma coisa específica. Também nem tenho certeza se as pessoas deixaram de acessar o blog, mas certamente o número de visitas diminuiu.

**Larissa:** Você consegue acompanhar o número de visitas?

**Lola:** Não consigo mais, não tenho mais medidor faz muito tempo. Mas se o número de comentários for algum indicador, caiu. E se não, não sei.

**Larissa:** Muita gente pode ler e não comentar também né.

**Lola:** Também né, claro. Você vê a aba direita no meu blog? Tem uma aba direita, aí tem os posts mais visitados, alguma coisa assim. Deixa eu abrir aqui. Ai tem assim “posts mais populares”, então tem dois guest posts , um é “meu marido fezz sexo comigo enquanto eu estava dormindo”, esse é o mais popular, nem sei de quando é, mas é antigo e foi de uma leitora que entrou em contato comigo e falou exatamente isso, que ela estava indignada porque ela considerou que foi um estupro. Isso aí deve ter parado em alguns outros sites, até sites conservadores, porque muitas vezes vêm comentários de gente falando “que absurdo! Desde quando marido pode estuprar mulher?”, essas coisas né. O segundo é um guest post também de uma mulher que falou que não teve nenhum apoio do companheiro pra fazer um aborto. Mas por exemplo esse aqui “pra você que correu pra linha do pênalti pra inocentar Neymar de estupro”, isso aqui é um post do ano passado. Num foi no ano passado que a Nágila acusou o Neymar? Então, e tá entre os três posts mais populares de todos os tempos do blog.

**Larissa:** É com base nos comentários?

**Lola:** Não. É com base no número de visitas, mas não tem nada a ver com os comentários. Esse aqui “Marcelo Tas quer me processar”, eu sei que é de 2011. Esse aqui é do caso Feliciano, quando a Patrícia Lélis acusou o Feliciano. Esse aqui “Ele me mata amiga e me manda email com vídeo”, esse aqui é desse ano, é de março eu acho. Então, quer dizer, o blog continua mais ou menos popular, senão não teria posts de agora ainda como os mais populares dos treze anos do blog. Mas esse é o único indício que eu tenho que o blog ainda é visitado

pra falar a verdade. Eu sei que faz pouco tempo, eu tava bem chateada porque eu recebi relatos, eu não tô no Facebook né, eu não tenho Facebook.

**Larissa:** Nem no Instagram né? Você optou por não entrar.

**Lola:** Parece que eu tenho uma conta no Instagram que eu abri só pra poder ler algumas outras contas, mas eu nem uso. Outras pessoas me falaram que quando eles tentavam colocar algum link pro meu blog no Facebook, o Facebook bloqueava, não permitia aquele link, relacionava o link com spam ou com algum conteúdo, mas não permitia. Isso durante vários meses, várias pessoas me falaram. Então eu imagino que teve muitas denúncias né, de mascus e, sei lá, reações ao meu blog pro Facebook determinar que meu blog fosse spam. Aí a gente reclamou bastante e o Facebook acabou liberando, então eu acho que agora pode. Mas eu até já tinha feito teste porque o meu marido tem uma conta no Facebook e eu coloquei na conta dele um link pro meu blog e proibiram. Então isso acontece também. Mas o Facebook manda muita gente pro meu blog ainda.

**Larissa:** Com relação à importância do seu blog hoje. Você tem noção dessa importância para as novas feministas e para as pessoas que estão atuando na Internet agora? Tem essa noção da dimensão da leitura do seu blog e do compartilhamento dessas práticas e da própria teoria feminista ?

**Lola:** Sim, ainda recebo mensagens assim “só conheci seu blog agora” ou “só conheci seu blog no ano passado”. É bem legal né, depois de tanto tempo. Não acho que o meu blog tenha a mesma importância que já teve. Hoje eu acho que o meu nome é mais conhecido até talvez do que o meu blog. Eu sou mais conhecida no Twitter, por exemplo, do que pelo meu blog. Não penso muito no assunto pra falar a verdade, mas o meu blog sempre foi visto como uma porta de entrada para o feminismo na Internet e eu acho que continua um pouco. Mas eu acho que hoje o blog, todos os blogs né, competem com muitos outros meios de porta de entrada para o feminismo. Tinha uma época em que pouca gente falava sobre aceitação do corpo. Hoje tem um monte de canais no Youtube que falam de aceitação do corpo muito melhor do que o meu blog fala ou falava. É uma coisa mais imagética, com imagens, com visual, acho que é bem diferente do blog. Então eu não sei realmente se o meu blog ainda tem importância. Eu acho que de vez em quando deve vir gente no Google, que procura alguma coisa no Google e encontra, mas eu acho que às vezes eu procuro coisas sobre o meu blog no Google e não encontro. Eu não sei se o Google mudou algumas coisas das ferramentas de busca dele, mas tá mais difícil de encontrar. Tem muitas coisas relacionadas a posts mais antigos que eu

não encontro de jeito nenhum. E aí sabe como eu encontro? É uma coisa muito esquisita. Eu escrevo alguma frase inteira o Google e escrevo Escreva Lola Escreva, aí não aparece nada do meu blog. Eu fico P da vida. E aí eu vou no Google Images e aí aparece alguma imagem relacionada àquele post e aí tá aquele post. Não é uma coisa esquisita? Então ele aparece no Google Images muitas vezes alguma coisa relacionada àquele post que eu tô procurando, mas não aparece no Google. Não sei se é algum tipo de censura do Google. Na verdade eu acho que o Google mudou algum algoritmo e tá mais difícil encontrar muitas coisas. Não só relacionado ao meu blog, mas a muitas coisas. Mas no meu caso é ruim porque muitas coisas eu tento encontrar né, o meu blog tem muitos posts. E também o sistema de busca dentro do meu blog é também do Google, entende? Então se eu quiser encontrar algum arquivo dentro do meu blog e aí eu vou num lugar selecionado dos posts do meu blog e eu escrever alguma coisa não aparece. É uma coisa ridícula, não aparece. É muito estranho. E-mail por exemplo, eu tento encontrar alguma coisa de email, o sistema de busca dentro do email é muito ruim, Gmail pelo menos. Eu não encontro nada no Gmail.

**Larissa:** O que te motiva a escrever todo dia no blog?

**Lola:** Eu tô escrevendo menos, eu acho, bem menos né. Eu tô reproduzindo muitos posts que eu não reproduzia antes, colocando a autoria e tal, mas eu não tô escrevendo todo dia. Hoje, por exemplo, eu não escrevi, nem sei o que eu vou escrever. Tem dias que eu fico sem vontade também. Agora eu vou tirar umas férias de uns 10 a 15 dias, então eu vou ficar sem atualizar o blog, isso é muito necessário, porque já faz tempo. Acho que desde, sei lá, 2019 pelo menos que eu não faço isso. De você não ter essa pressão mesmo de atualizar o blog. E se você deixa de colocar um post num dia ou dois, já vem um mascu, um troll falar que o blog acabou mesmo, “por que você não assume e fecha logo?”. Eu bloqueio esses comentários, porque ninguém precisa ver essa besteira. Tem vezes que eu não tenho mais muita vontade de escrever, tem vezes que eu tenho. O blog é resistência. E é também um jeito de ter a minha voz. Se o meu blog desaparecesse eu acho que eu perderia em parte a minha voz. Eu ainda teria o Twitter, mas é diferente. Tem muita coisa que eu posto que eu escrevi no blog. O blog é muito importante pra mim também porque apesar de todas as limitações, apesar do sistema de busca do Google, muitas vezes não encontrar, mas ainda assim é um lugar muito mais organizado do que qualquer outro. Muito mais do que o Twitter. Se eu quiser encontrar alguma coisa no Twitter, eu acho super difícil. No Youtube como eu tenho poucos vídeos, ainda não é difícil. Muitas coisas pra mim são memórias também. Muitas vezes eu tô querendo por exemplo, escrevi em março um artigo que a Manuela D'Ávila pediu pro livro

dela, que é sobre fake news. Foi um livro bem legal que tá sendo lançado agora. Aí tem vários artigos dela, tem do Marcelo Freixo, do Felipe Neto, de um monte de gente famosa assim. E ela pediu especificamente pra eu escrever, pra todas essas pessoas escreverem sobre fake news de que elas foram vítimas. Aí como que eu escrevi esse post? Tem uma memória das fake news, mas tem coisa que eu não me lembro exatamente quando aconteceu, o dia, as palavras, mas tudo aquilo tá no blog. Fica muito mais fácil. Tem um post específico que fala sobre aquele caso aí fica muito mais fácil. Muitos artigos que me pedem pra escrever eu recorro ao blog porque o blog tem uma memória, muitas vezes links pra outros artigos que foram também publicados, então a coisa tá mais ou menos organizada lá. Férias minhas, lugares que eu já visitei, tem muita coisa que eu não tenho em álbum de fotos nem nada. Mas tá lá no blog. É bacana você ver. “Sabe quando a gente conheceu Barra Nova?”, aí eu falo pro meu marido, “Primeira vez que a gente foi em Barra Nova foi em 2017, tá aqui no blog”, aí tem fotos. Então tem esse lado pessoal também. Quando meu gatinho morreu, quando minha mãe morreu, então fica tudo lá registrado no blog. Porque como eu falei, o blog também é um blog pessoal, tem meu nome no meio, então é um diário também.

**Larissa:** Você fala que o ano com mais comentários, mais interação foi 2013. Você consegue recordar o motivo, se teve algum evento específico?

**Lola:** Tinha uma época que eu escrevia os posts mais comentados de cada ano. Eu acho que eu fiz isso até 2017, por aí. Então eu fazia uma lista mesmo, colocava o número de comentários e colocava um link pro post. Então isso pode ser interessante se você procurar. Os posts mais comentados de cada ano. Faz tempo que eu não faço isso, mas é um registro também. Também se você olhar em cima, nessa aba também, e você clicar em 2013, que teve 394 comentários, aí mês a mês ele vai falar quais foram os posts de mês a mês, aí você vê mais ou menos o que aconteceu.

**Larissa:** A gente tava falando no começo da entrevista sobre a reação ao discurso de ódio. Você fala que agora os comentários passam por moderação. Com relação às comentaristas, você sempre dá vez pra elas publicarem os comentários? Quando elas estão respondendo um mascu ou quando estão xingando você não pensa duas vezes e deixa elas publicarem?

**Lola:** É bem assim. Tem vezes que o mascu responde alguma coisa super mal educada, xingando ela, isso eu não publico, mas eu publico a resposta dela sim. Elas eu publico sempre. Tem até muitos comentários que eu não concordo, de vez em quando eu pego uns comentários muito sem pé nem cabeça. Porque tem comentários de vez em quando de feministas radicais

ou alguém se passando por feminista radical. E as vezes é um comentário tão transfóbico que você não sabe se é um mascu tentando se passar por uma feminista radical ou se é uma feminista radical de fato sendo transfóbica. Então você fica duas vezes pensando e acaba publicando, às vezes você responde, você espera que alguém responda. Geralmente as pessoas respondem, falam alguma coisa sobre aquele comentário, então eu fico mais feliz. E certamente tem algumas vezes que os mascus devem deixar comentários fingindo ser feministas né. Tem comentários bem ruins de vez em quando. Aí você fica pensando duas vezes se vai publicar ou não. Você vê também que não vale a pena gastar tanto tempo pensando nisso, porque eu tenho muito mais coisa pra fazer. Quanto tempo alguém vai ver aquele comentário, posts antigos não são lidos eu acho, comentários antigos muito menos. Então eu tento não me preocupar tanto com isso. Aceito ou não aceito.

#### **ANEXO D - E-MAIL RESPONDIDO POR DENISE GOMES**

Me considero feminista. O blog trouxe muitas questões novas pra mim, além da vontade de me aprofundar mais. Hoje em dia leio livros sobre feminismo, coisa que no passado não lia. Não me lembro mais como cheguei ao blog da Lola, talvez por indicação em algum outro lugar? Mas sigo ela já fazem tantos anos q não lembro mais como cheguei a ela. Eu era leitora assídua e ainda sou. Tento ler o blog quase todo dia qd estou no trabalho, só sumo um pouco qd o meu volume de trabalho aqui aumenta tudo e falta tempo. O que me motivava a comentar no período das eleições era a minha revolta com o rumo que as pesquisas estavam tomando. Eu moro na Austrália desde 2012, mas amo demais o Brasil, inclusive votei daqui pras eleições. E não podia acreditar que o psicopata iria ganhar... Também não me lembro como conheci o feminismo, mas certamente o blog da Lola foi um grande aliado pra que eu me aprofundasse mais no tema. Eu ignoro os comentários nesse estilo, mas confesso q depois de um tempo comecei a comentar menos justamente porque o blog era inundado por esse pessoal reaçã e ficou difícil ter estômago para ler ou debater com essas pessoas. O que mais me estimula a comentar é a Lola. Admiro demais ela, uma mulher incrível e que segue na luta há tantos anos mesmo com tanto ataque que sofre. E sim, sigo leitora assídua, só comento menos. Boa sorte na sua pesquisa e espero que minha resposta chegue a tempo. Mais uma vez desculpe pela demora em responder. Abs, Denise.

**ANEXO E - E-MAIL RESPONDIDO POR CRISTINA MENEZES (TITIA)**

Oi Lola!

Bom, eu não tenho conta em redes sociais então vai ficar meio difícil. Até mesmo essa conta de e-mail é nova porque aposentei a que eu usava há anos. Mas vou tentar. Meu nome é Cristina e eu moro em Pernambuco. Sou auxiliar de escritório, 33 anos, solteira e sem filhos. Sou uma pessoa introvertida e que sofre de fobia social, por isso prefiro evitar as redes sociais. Conheci o seu blog quando procurava resenhas sobre o filme Preciosa - Uma História de Esperança. O tema é pesado e eu queria estar preparada quando assistisse o filme. Gostei do que você tinha escrito sobre Preciosa, inclusive denunciando como a sociedade patriarcal cria mulheres como a mãe de Preciosa, que acreditam em manter um homem ao lado acima de qualquer coisa, inclusive da dignidade e da vida dos filhos (P.S. o filme é muito bom. Tanto que comprei o livro depois). Interessada, procurei resenhas de outros filmes... se não me engano a segunda resenha que li foi de Um Bonde Chamado Desejo, que eu tinha assistido recentemente numa madrugada de insônia. Sempre gostei de coisas diferentes (tipo, todo mundo acha fofissimo coelhos brancos; eu sempre achei os cinzas, pretos e marrons mais bonitos) e como seus pontos de vista e ideias eram muito diferentes do que eu via por aí, me interessei. Através das resenhas cinematográficas cheguei aos textos feministas e fui "convertida", digamos. A princípio eu só lia; minha comentarista favorita era uma moça que assinava como Sawl, - The Rebel. Durante a maior parte da minha vida, eu me calava e deixava de lado o que eu queria para agradar as outras pessoas, ou para não ser reprovada. Sawl dizia o que pensava e mandava os babacas se lascarem, exatamente como eu gostaria de fazer. Meu segundo ou terceiro ano de leitura do blog coincidiu com o começo da minha terapia, então hoje posso ser um pouco mais como a moça que eu tanto admirava. Por causa da terapia, tive coragem de começar a comentar no blog. Conheci o Escreva Lola Escreva em 2013, 2014, por aí.

Comecei a comentar usando o nick Titia em 2016. Uso esse apelido por causa da infantilidade de alguns comentaristas, que agem feito criancinha que a tia da escola precisa pegar pela mãozinha e explicar bem mastigadinho "Vem cá, senta aqui no banquinho que a titia vai te explicar". Inventei umas coisas pra zoar os mascus ao longo do meu tempo no blog, tipo o personagem Luisinho - um garotinho de cinco anos - o apelido Rodolfurher para um troll chamado Rodolfo Abrantes, o apelido Bestinha da Previdência para um troll que insistia que as mulheres devem parir pra sustentar a previdência. Mascus já tentaram falsificar meus

comentários, mas desistiram, e já teve um sujeito que assinou como Titio, tentando ser meu contraponto. Fui eu que inventei e creio que sou a única que usa a alcunha 'nazipalhaço' para se referir ao excrementíssimo Jair Bolsonaro.

Quase sempre procuro ser sarcástica e zoar os trolls e mascus. Mas quando se trata de assuntos sensíveis como estupro, assassinato, violência doméstica, aborto, eu perco as estribeiras fácil. Uso palavrões, mando ir se ferrar, digo que se mate e tudo mais que tem direito. O troll Cão do Mato, que carinhosamente apelidei de Mascu do Mato, odiava que eu não fosse educadinha e delicada nos meus comentários. Discuti muito com um mascu que dizia que 6% de homens assassinados por motivos de término eram mais que 40% das mulheres assassinadas pelo mesmo motivo. Sempre que tem um post sobre legalização do aborto, sempre chamo os auto afirmados "pró-vida" de "pró defensores de morte pra vadia que transa" e minha prioridade é denunciar a hipocrisia deles.

Venho de uma família de pais separados; meu pai foi o típico macho patriarcal provedor agressivo e violento, e por isso eu sou pelo fim do conceito de "família tradicional", a favor da legalização do aborto e da esterilização aos 18 anos. Inclusive, várias vezes sugeri nos comentários que as mulheres deveriam trocar os relacionamentos com homens machistas por um animal de estimação e um vibrador. Como não me creio capaz de criar uma criança de forma equilibrada e sem violência (entre vários outros motivos, o principal é que não quero mesmo), sou *childfree* e discuto com todo mundo que diz que *childfrees* são monstros odiadores de crianças. No post "Parir não é parar", discuti muito com uma Sheila Pontes sobre como carregar a criança para todo lado sem se importar com o bem-estar dela não é sinônimo de amor. Apesar de não querer ter filhos, como fui uma criança que sempre era esmagada pela família e pelo bullying, sou a primeira a tentar ver as coisas pelo ponto de vista das crianças e defender seus direitos. Muitos trolls, o mascu do mato inclusive, sempre diziam que eu era tão problemática (feminista) porque meus pais se separaram, porque sofri bullying e porque eu odeio o meu pai (Mas não odeio, apenas não concordo com ele). Já contei que sou nordestina no blog, e já sofri ataques racistas por isso. O comentarista Donadio se manifestou nessa ocasião, citando o código penal e o crime de racismo. Nunca mais me dirigiram ofensas racistas depois disso.

Desculpa aê pelo textão Lola. Sinto muito, mas eu realmente não tenho nenhuma rede social que possa confirmar minha identidade. Além de fóbica social, que eu sou desde o final da adolescência, aquela droga toda com a Cambridge Analytica e a venda de dados me deixou

meio paranoica com contas de Internet. Então, por favor, sinta-se livre para não acreditar que está falando com a Titia original. Como sou meio paranoica, acho que eu mesma não acreditaria, rsrs. Abraços, muita saúde e uma mente equilibrada durante o isolamento.